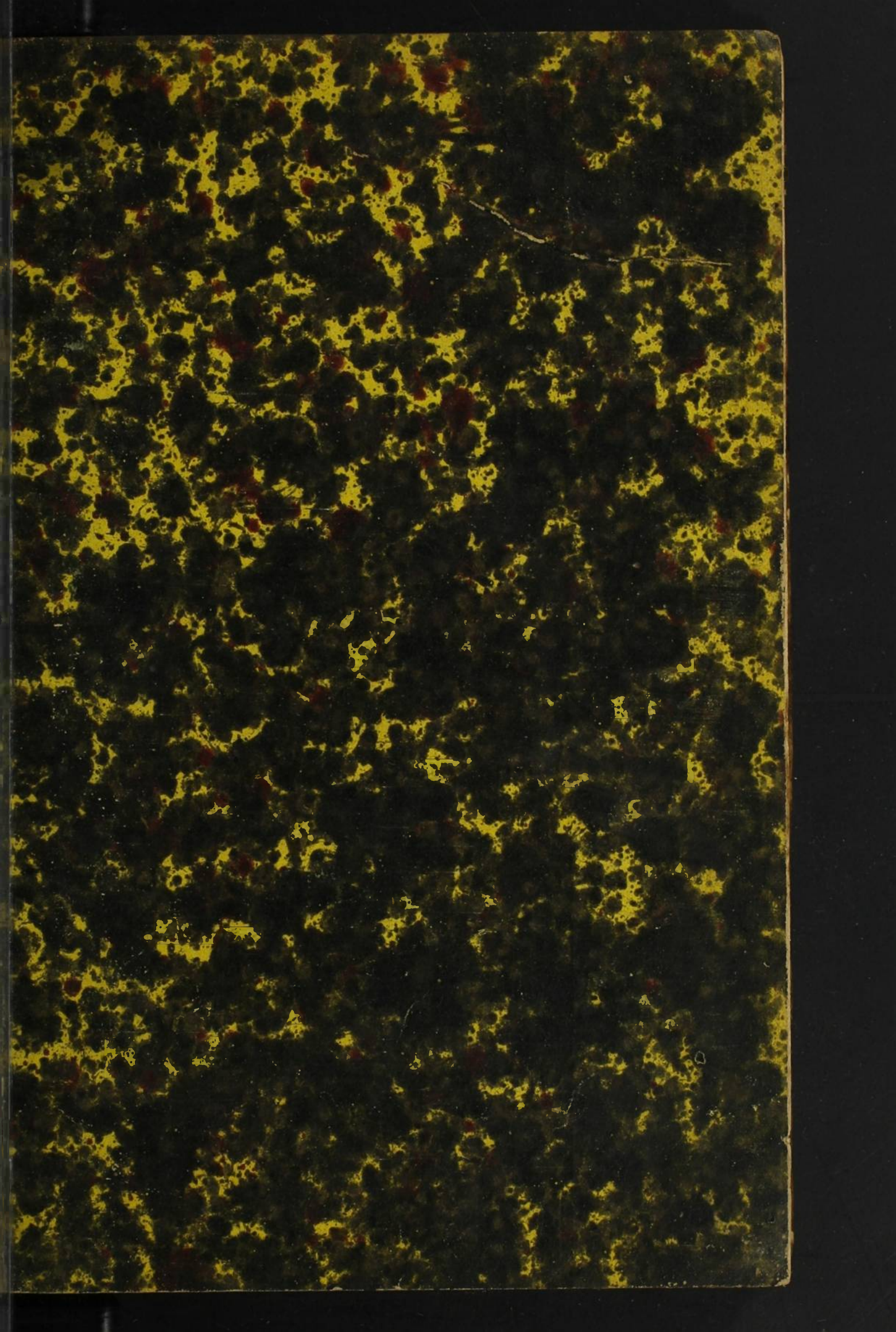
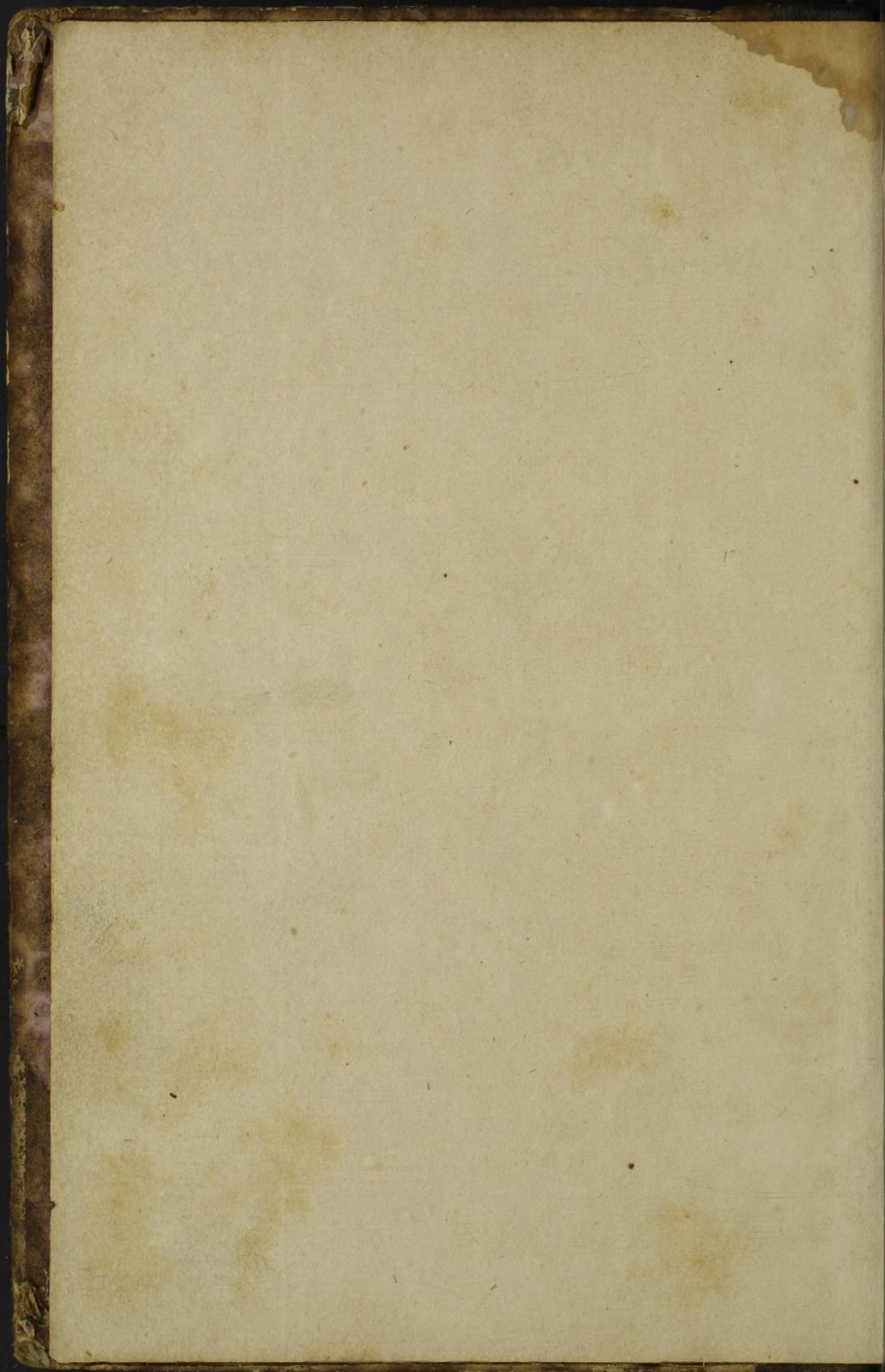


le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



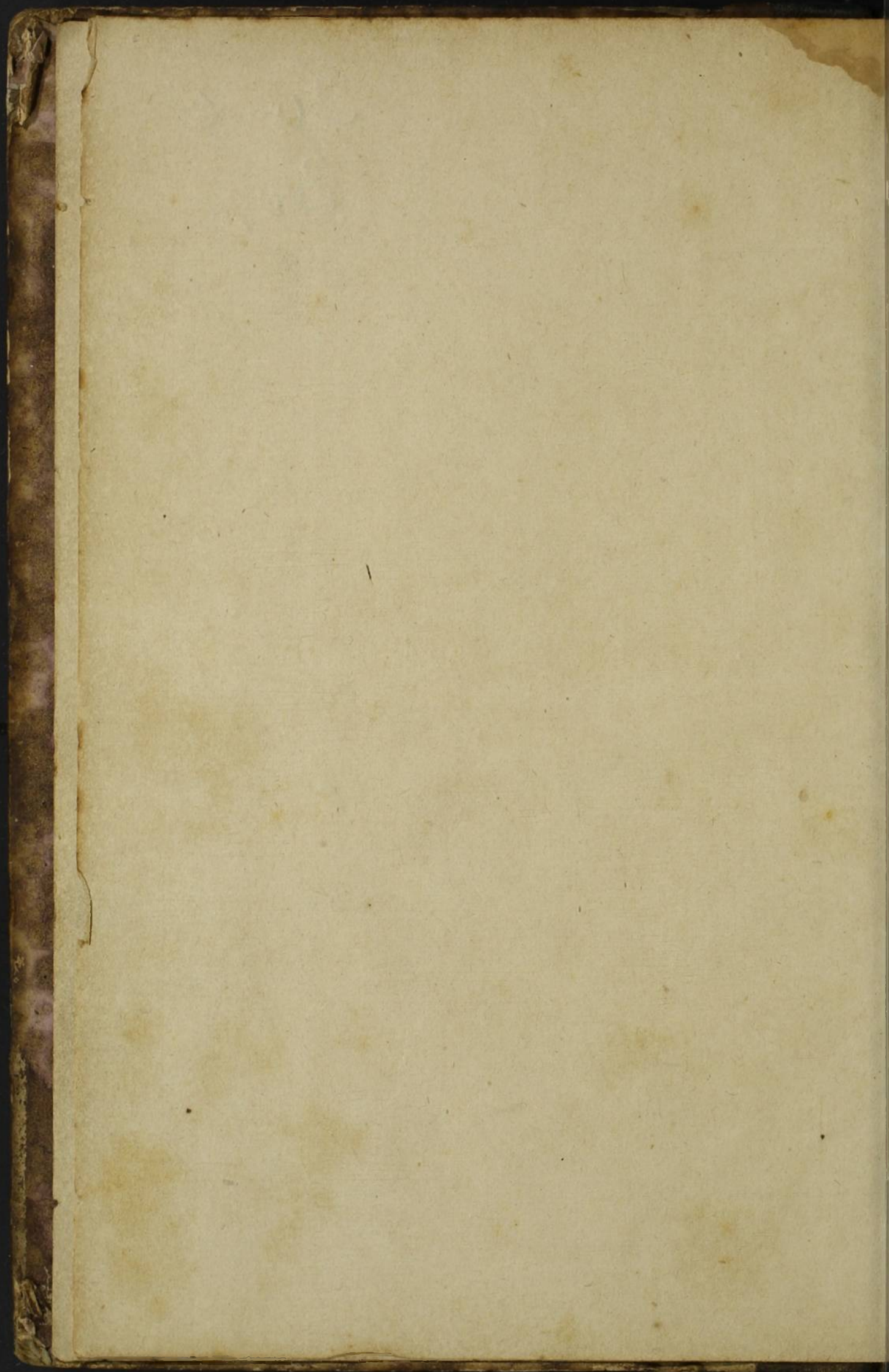


July

30,

70,00

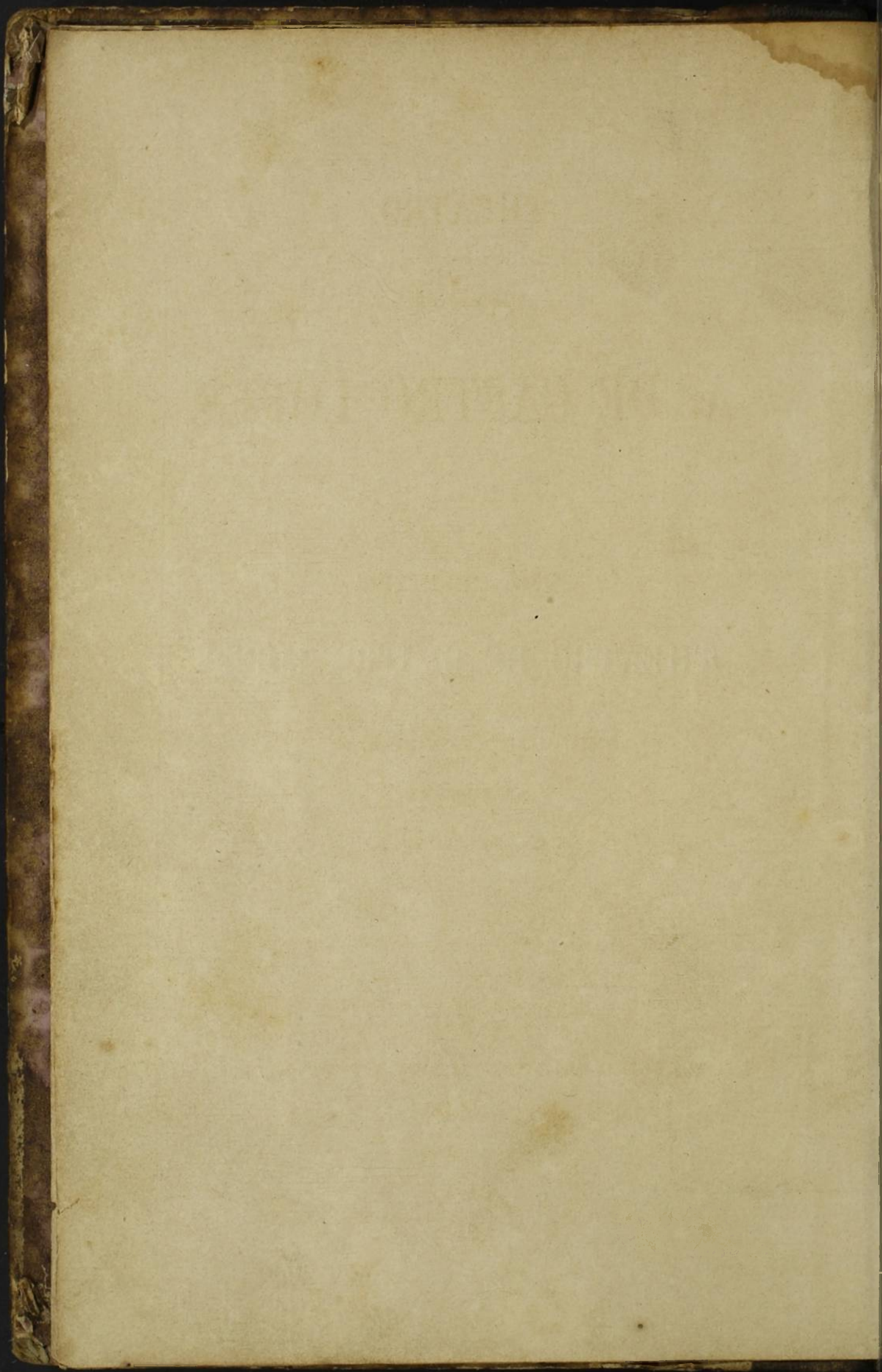
2



THEATRO DE CASTRO LOPES.

TOMO PRIMEIRO.

Rosa



THEATRO

DO DOUTOR

A. DE CASTRO LOPES.

TOMO PRIMEIRO.

MEU MARIDO ESTÁ MINISTRO.

ABAMOACARA.

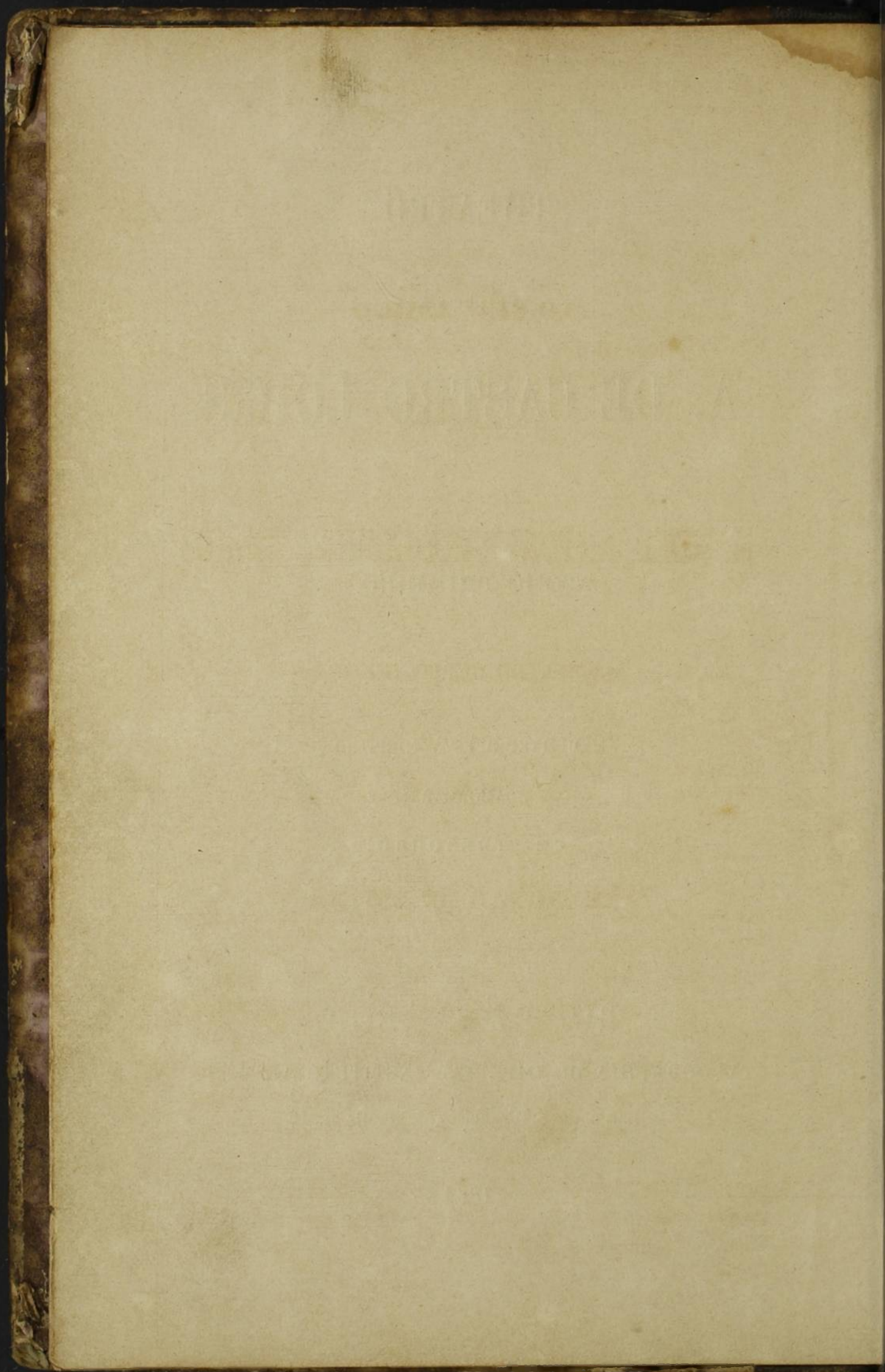
UM THESOURO.

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DO IMPERIAL INSTITUTO ARTISTICO

Largo de S. Francisco de Paula n. 16.

1864.



AO SEU AMIGO

O ILLM. SR.

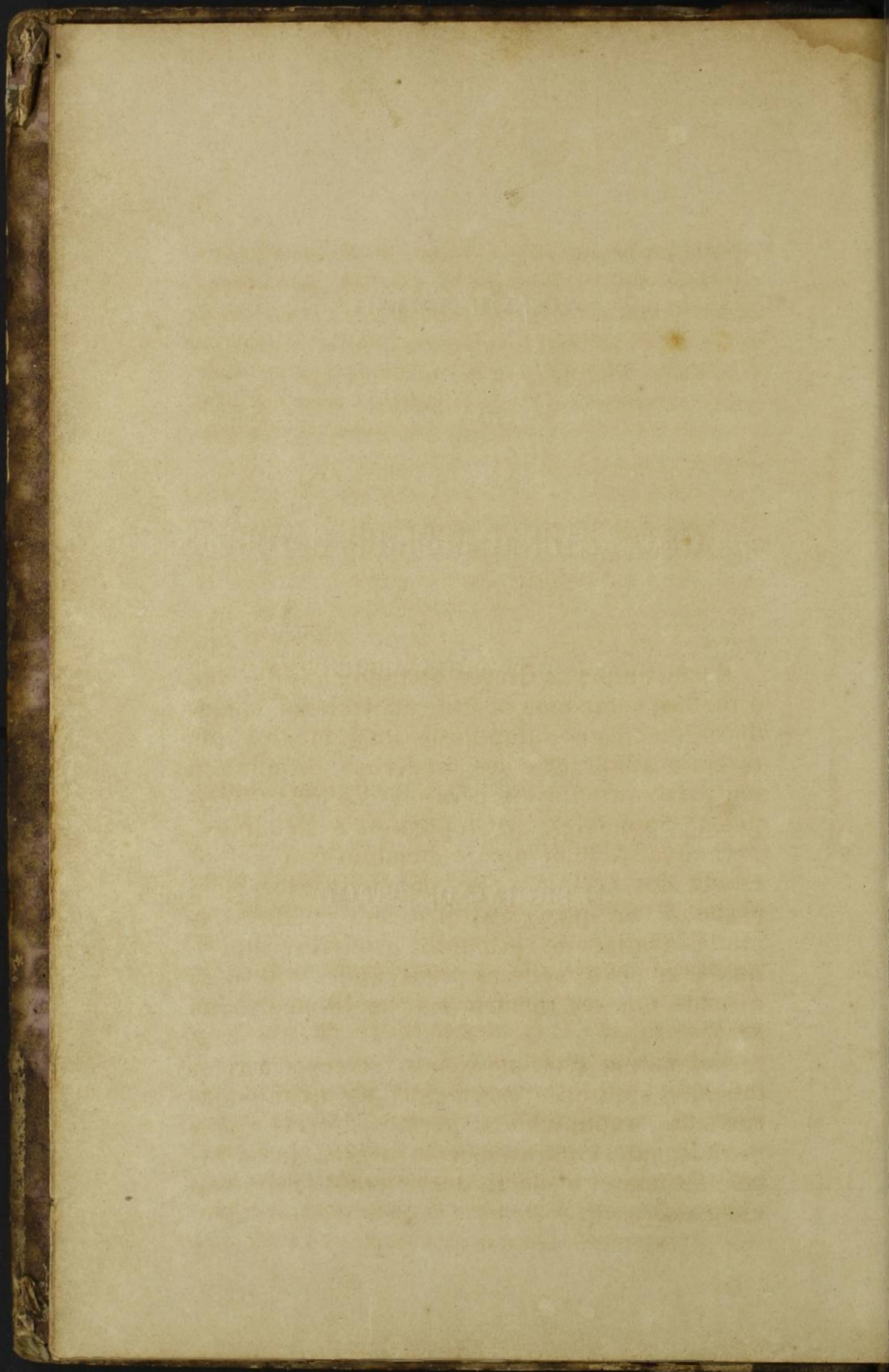
MANOEL ANTONIO RODRIGUES TORRES

ALUMNO DO CURSO JURIDICO



EM SIGNAL DE ESTIMA

O author.



THEATRO DO SR. DR. A. DE CASTRO LOPES.

Razão tinham os Gregos quando consideravão o theatro como uma instituição nacional, quando erguião esses sumptuosos monumentos que fazem a admiração dos modernos, levando a seu palco inimitaveis peças de Eschylo, Euripides, Sophocles, Aristophanes, e Menandro.

O theatro bem comprehendido é a melhor escola dos costumes, a verdadeira moral em acção. “ Se quizerdes, dizia um celebre viajante, avaliar de prompto a civilisação de qualquer povo, vede as peças que são levadas á scena em seu theatro, e o acolhimento que se lhes faz. ”

Mal porêm estariamos nós, se em seu rigor fosse-nos applicada esta regra; por quanto diariamente annuncião os jornaes dramas e comedias, que contrastão com o gráo de adiantamento moral e social, a que temos felizmente chegado.

II.

Intuitivas nos parecem as causas de semelhante anomalia, para a qual por certo poderosamente concorre a falta de um theatro essencialmente brasileiro, onde a nossa historia, as nossas tradições, os nossos usos e costumes sejam cuidadosamente estudados em proveito da educação intellectual do publico.

Não é que entre nós faltem escriptores, que se occupem da nobre e difficil missão do dramaturgo, e que a espaços hajão illuminado a scena nacional com o vivo clarão de seu estro.

São porém esforços individuaes, arrojados commettimentos, que para lograrem o desejado exito precisão de animação dos altos poderes do Estado. E o Estado, entre nós, pelo que diz respeito á instrucção e educação do povo é uma quantidade negativa.

Somos do numero dos que descrêem da effi-
cacia dos seculos aureos; nem desejamos para as nossas letras a protecção interesseira que ás dos seus respectivos paizes prestavão Pericles, Augusto, Leão X, Luiz XIV, Carlos V, e D. Manoel.

Antepomos ás pensões dos regios bolsinhos a magnanima generosidade do povo, e a franca animação da imprensa. No nosso seculo os favores individuaes devem ser substituidos pela acção multipla de todos os que se interessão pela boa causa; implorando o auxilio de cada cidadão o auctor deve ser bastante independente para affrontar a impopularidade, bastante corajoso para dizer a verdade a quem quer que

seja. O bom gosto do povo, sua educação intellectual não se formão de um dia para outro: mister é empregar annos, mister é recorrer a meios indirectos; e é esta, quanto a nós, a missão dos bons governos, missão, que, com dor dizemos, não nos parece haver sido até hoje comprehendida pelos que em nossa terra hão empunhado o timão dos negocios do Estado.

Dissemos que quebrando os gêlos do indifferentismo alguns homens prestimosos hão trilhado entre nós a impervia veréda do theatro: neste numero cumpre fazer expressa menção do *Senhor Dr. Antonio de Castro Lopes*, assás conhecido no mundo litterario como esmerado escriptor, e distincto latinista. O publico, que diversas vezes o tem victoriado em scena, por certo lhe agradecerá a lembrança que teve de offerecer-lhe essas mesmas peças enfeixadas em dous elegantes volumes, facilitando-lhe dest'arte uma melhor apreciação das muitas bellezas, quenellas se encerrão.

Honrado com a confiança do illustre dramaturgo, que despresou no tribunal da sua extrema benevolencia os embargos de incompetencia propria, que oppuzemos á nossa nomeação de arbitro, vamos lançar rapida vista sobre cada uma das gemmas engastadas em seu novo diadema litterario.

Comecemos pela tragedia *Abamoacara*. Vasada no peregrino molde dos "*Tres dias de um noivado*" do nosso saudoso amigo A. G. Teixeira e Sousa; concebida, e composta n'um momento de enthusiasmo, nos arroubos proprios de um mancebo de desasete annos, tem esta

tragedia todas as virtudes e vícios congenitos á semelhante origem.

Militando nas fileiras do ultra-romantismo, e admirador apaixonado dos sanguinolentos dramas de Victor Hugo, A. Dumas, Mendes Leal, e Magalhães, o auctor de *Abamoacara* segue-lhes as pisadas: faz do seu heróe um segundo Othelo, e da gentil Porangaba uma nova Edelmunda. Como seus mestres, abunda em declamações, abusa do monologo, que, na phrase de H. Murger, é a *negação da natureza, de que o theatro deve ser o espelho*. Dura e aspera é muitas vezes a versificação; cumpre porém que não nos esqueçamos que em scena desaparece este defeito pela convinavel recitação do actor, e que felizmente longe vão os tempos, em que a declamação dos nossos theatros assemelhava-se á melopéa dos monges gregos, e maronitas.

Na pintura dos caracteres, pedra de toque do epico, e do dramaturgo, nem sempre foi feliz o auctor, a que nos referimos; porquanto o seu protagonista pouco interesse inspira, e todas as affeições se volvem para Camarara, prudente e fiel conselheiro; e para o padre Sebastião, verdadeiro typo do ministro do Evangelho, digno emulo dos Nobregas, e Anchietas. A peripecia, prevista quasi desde o começo da tragedia, não produz no animo do leitor, ou do espectador aquelle *salutar terror*, que tanto recommendão Schlegel, e Richter.

Havendo com rude franqueza apreciado a primeira tentativa tragica do Sr. Dr. Castro Lopes acompanhemol-o na diversa phase, em que se revelou o seu talento dramatico.

Todos sabem que é muito mais facil pintar a vida humana em seus momentos solemnes, descrever a tremenda lucta entre a liberdade e a força do destino, do que stenographar as scenas domesticas, e penetrar com o fio da critica no recesso da familia.

Conhecedor das regras, e fiel observador do decóro, que em taes assumptos cumpre guardar, esmerilhou o nosso auctor, no vasto dominio dos ridiculos da sociedade, um, cuja profligação mais urgente pareceu-lhe : queremos fallar do achaque, de que ha tempos padecerão algumas de nossas patricias tentando trocar as graças e a doçura do seu sexo pela rude aspeza do nosso.

Era uma moda, que nos vinha dos Estados-Unidos, onde a *flirtation* é honrada, tendo-se como que incrustada nos faceis costumes desse povo, por mais de um titulo original.

“ *A emancipação das mulheres* ” nasceu de um pensamento analogo ao das *femmes savantes* de Moliere ; e guardadas as proporções, dado o devido desconto á diversidade dos tempos, dos lugares, e tambem á inexperiencia do auctor neste genero de composição, não receiamos a pecha de hyperbolico dizendo que é uma das mais felizes de quantas se hão inspirado na primorosa comedia do Menandro francez. O typo de D. Julieta, a *basbleu* improvisada, a mulher que suspirava pelo *El-dorado* das Amazonas, olvidando que a verdadeira alavanca de Archimedes da moderna sociedade está na educação do menino pela mãe de familia, é muito bem traçado ; sendo para desejar que o

auctor lhe desse maior desenvolvimento, exaggerando-o e oppondo-lhe o indispensavel correctivo em D. Carlota, em quem folgariamos de ver a incarnação do bom senso. D. Clemencia representa nesse areopago feminino a directora de collegio sem as precisas habilitações, ensinando o que nunca aprendeu, e dando educação que nunca recebeu.

Quizeramos tambem que o auctor completasse este retrato, que apenas deixou esboçado e que, com o cabal conhecimento que tem de nossa sociedade, verberasse um abuso, que tão prejudicial nos tem sido. O Dr. Deolindo é a figura do candidato, *falso como um programma*, e praticando a maxima de Lafontaine : *Un flateur vit toujours aux depens de celui qui l'ecoute*. A parte burlesca, o *baixo comico*, coube a D. Cherubina, e a seu marido o major Silvino, adrede introduzidos para provocarem a hilaridade, e attrahirem pelo deleite a attenção dos espectadores.

Como penhor da imparcialidade que guia a nossa penna diremos que pareceu-nos excessivo o emprego dos *a parte* nesta comedia; o que, de certo modo, damnifica a naturalidade da acção. Com Arsenio Houssaye pensamos que já é tempo de ir pouco a pouco extinguindo o uso dos *a parte*, até que de todo sejam banidos do theatro.

O dramaturgo, que tão bem se estreara nas peças que deixamos mencionadas, guardou por alguns annos silencio parecendo todo entregue ás doudas lucubrações linguisticas, todo absorvido no louvavel empenho de restaurar o gosto pelo

bello idioma de Cicero e de Virgilio, galvanizando com a pilha de Robertson o grammatical cadaver dos Dantas e Pereiras. Em um dos seus lazeres visitou-lhe porém a inspiração, e, como a agoa do rochedo do Horeb, jorrarão de seu estro as quatro ultimas comedias; entre as quaes difficil será talvez estabelecer uma solução de continuidade.

A' maneira de Scribe, que parecia fazer allusões directas quando só traçava typos e caracteres geraes, não ha quem não tenha praticado e convivido com muitos individuos semelhantes aos personagens da espirituosa comedia "*Meu marido está ministro*". Infelizmente bem commum é o typo de D. Constança, da mulher vaidosa e cheia de ambição, que para satisfazel-a precipita seu marido na voragem de loucas despezas, e cava as ruinas do futuro em proveito de momentaneos prazeres. Habil e sagaz explora Chico a credulidade de sua tia, locupleta-se á sua custa, e representa com naturalidade o papel de mancebo aparaltado. Serapião é um verdadeiro Dulcamara, que a tudo se compromette, de tudo se encarrega, e que com inexgotavel loquacidade desenróla planos das mais phantasticas concepções.

Posto que um tanto inclinado ao defeito, de que acabamos de fallar, o Dr. Romeu desempenha com ingenuidade o papel de Medico amigo da familia, que pela prudencia, e moderação de seus conselhos conjura mais de um rompimento domestico. Tudo nesta comedia é bem concebido, tudo bem executado; coroadando a obra o desfecho, que, ainda aos

mais perspicazes leitores, surprehenderá

“ *O Compadre Susano* ” é o titulo da comedia, em que o Sr. Dr. Castro Lopes faz passar pelo crysol da sua finissima critica o typo de um monomaniaco, cuja esphera de actividade tem por eixo uma idéa fixa; e que, como o seu rival da fabula de Lafontaine, contemplando os astros, arrisca-se a cahir no poço. Susano é um optimo representante dessa classe, que pertence a todos tempos, a todos os logares. Seus devaneos, e continuos dislates achão paradeiro no senso commum, de que é fiel interprete o Alferes Rodrigo, homem de velha tempera, educado nos sãoos principios da sociedade portugueza d’outra era. Ainda mais saliente se torna o juizo prudencial do bom do Alferes, quando contraposto ás extravagantes modernices do pintalegrete Pamplona, que abastardando a lingua de seus maiores attinge ao sublime do ridiculo pela nescia parodia de extranhas usanças. D. Perpetua é no seu genero, um modelo completo da dona de casa, da mulher ralhadora, e impertinente, sempre de máo humor, sempre disposta ás querellas conjugaes. Pertence esta comedia á especie typica, em que tanto se avantajou Goldoni, em que tanto se distinguiu o nosso Penna.

Partindo do principio “ *Omnis variatio delectat* ” artisticamente dispoz o nosso auctor o seu grupo comico fazendo succeder, — *As tres Graças* á que acabamos de examinar. A feliz escolha do titulo, e a connexão, que com elle guarda o desfecho recommendão por si só esta peça, que aliás se faz digna de subido apreço

por varios outros predicados. Assim, por exemplo, o colloquio de Ricardo com Miquillina é de aprimorado bom gosto: a scena do magnetizador, a do photographo são desenhadas ao natural, e rivalisção pela perspicuidade da lembrança, e bem acabado dos contornos: o dialogo entre Celestino, e seus sobrinhos respira uma naturalidade, que muito abona o talento de observação do auctor, a quem parece não escapar nenhum traço caracteristico dos nossos costumes.

Desta conjectura temos ainda uma prova na comedia “ *Um thesouro* ”, que, como chave adamantina, fecha o mimoso cofre de tão preciosas joias. E’ uma *villigiatura comica*, uma digressão campestre, um estudo ao natural das nossas povoações ruraes, onde com religioso cuidado se guardão nossos costumes, onde ainda se encontra sem mescla o bello typo brasileiro. D. Emerenciana é a genuina representante da época colonial, e Senhor’Anna excede a tudo o que em seu abono poderiamos dizer. Basta ouvil-a para julgarmo-nos transportados a outros tempos, em contacto com outra sociedade, e quasi ouvindo extranha linguagem.

A par desta personificação do antigo regimen os outros caracteres diminuem de valor, sem que todavia percão o interesse. Simplicio e Severo, antipodas nas idéas, e no genero de vida encontrão-se n’uma mesma aspiração, resultando disso mesmo grande movimento comico, e surprehendente peripecia.

Ôcioso será dizermos que todas as peças, de

que se compõe esta collecção, avantajão-se pela pureza de linguagem ; porque nenhum dos leitores ignora que o seu auctor é um dos nossos mais acreditados philologos, que da assidua leitura dos classicos colheu não vulgar conhecimento do nosso idioma.

Bem que dado ás investigações archeologicas, preza-se o auctor de ser *homem do seu tempo*, de acompanhar o progresso humanitario: assim pois, não podia deixar de filiar-se ao movimento revolucionario, que em nosso tempo transformou o theatro, fazendo-o baixar das alpestres regiões do ideal á realidade da vida, á fiel pintura da sociedade. em que vivemos.

Sem reбуço confessamos que o *Senhor Dr. A. de Castro Lopes* é realista em suas composições dramaticas; mas d'um realismo decente, e moderado, que não escandalisa o publico com a exhibição dos asquerosos quadros do vicio, que não blasphema contra a sociedade tornando-a responsavel pelos desvarios de alguns de seus degenerados membros; que finalmente faz sobresahir a moral da urdidura do drama, da situação dos personagens, e não das ócas theorias de caricatos Degenais.

J. C. Fernandes Pinheiro.

Rio de Janeiro, Agosto de 1864.

MEU MARIDO ESTA' MINISTRO.

COMEDIA ORIGINAL EM 3 ACTOS.

REPRESENTADA NO THEATRO GYMNASIO DRAMATICO.

PERSONAGENS.

GUILHERME, 40 annos.
CONSTANÇA, sua mulher, 36 annos.
ADELAIDÉ, prima de Constança, 18 annos.
RAYMUNDO, amigo de Guilherme, 48 annos.
CHICO, estudante, sobrinho de Constança, 19 annos.
FORTUNATO, criado, 28 annos.
SERAPIAO, 45 annos.
DR. ROMEU, medico, 48 annos.
UM CHIM.
UM CAIXEIRO.


UM SOLDADO (*personagem mndo*), CCNVIDADOS, HOMENS E SENHORAS
EM GRANDE NUMERO, 3 OU 4 MENINOS COM HARPAS E RABECAS.

A scena passa-se no Rio de Janeiro. Epoca 1863.

MEU MARIDO ESTA' MINISTRO.

ACTO PRIMEIRO.

Vista da sala de visitas da casa de Guilherme regularmente mobiliada.



SCENA I.

ADELAIDE, E POUCO DEPOIS CONSTANÇA.

ADELAIDE (*acabando de ler a Semana Illustrada*).

Esta *Semana Illustrada* esta excellente ! que boas caricaturas ! tem muito espirito ! eu ainda hei de mandar uma idéa para uma caricatura. Oh ! si hei de ! Já tenho imaginado... ha de ser...

CONSTANÇA (*entrando e perguntando*).

O que é que ha-de ser ? (*pronuncia com muita pausa cada uma das palavras*).

ADELAIDE.

Ora, prima, você agora fez-me lembrar do annuncio do oleo de Kerosene.

CONSTANÇA (*rindo-se*).

Ah ! ah ! ah ! é verdade : lembras-te bem : e o mais é que é coragem : quando tudo está cheio de gaz, fazer um annuncio pomposo de Kerosene.

ADELAIDE.

Entretanto vão vendendo.

CONSTANÇA.

Não te admires ; é o mesmo que acontece com as moças : ha uma moça muito bonita, e entretanto ha rapaz de tão máo gosto que prefere outra feiosa e desenhada.

ADELAIDE.

Ah ! prima, já sei onde quer atirar a sua pedrada.

CONSTANÇA.

Anda lá, finoria ; eu bem te entendo. Mas vamos a saber : hoje é segunda-feira, não ?

ADELAIDE.

E' sim ; porque ?

CONSTANÇA.

E' que Guilherme sahio antes de hontem para a Fazenda, e estou já afflicta que chegue domingo para que elle volte.

ADELAIDE.

Que saudades !

CONSTANÇA.

Não é isso : precisamos de ir á casa do Visconde, a quem já fallei ; e elle prometteu que o faria vir deputado pelo circulo, por onde elle Visconde vier.

ADELAIDE.

Ora, o primo não gosta dessas cousas, e você sempre a contrafazer-lhe o genio.

CONSTANÇA.

Adeos ! E que tenho eu que elle não goste ?... gosto eu, é boa ! deixei outros casamentos, porque os pretendentes não tinham fortuna, e preferi-o por ser mais vantajoso ; é preciso ao menos que a gente tire este juro do dinheiro.

ADELAIDE.

Pois olhe ; eu cá não sou ambiciosa, prefiro o Chico ao Ernesto, embora este se apresente como rico.

CONSTANÇA.

Nisso fazes bem ; porque eu tenho motivos para assegurar-te que é illusoria essa fortuna de Ernesto ; entretanto que o Chico (não é por ser meu sobrinho), é um rapaz de intelligencia, e eu dou tambem muito

apreço á intelligencia (*dando força a esta ultima phrase*).

ADELAIDE.

Mas o Ernesto toca muito bem piano, prima! E' uma das cousas, que eu lhe invejo; e o Chico nem acabou os estudos de S. Paulo.

CONSTANÇA.

Deixa-te disso; o Chico ha-de ser um excellente marido; não tem a impostura do Ernesto, e ha-de estar sempre pelas vontades daquella que fôr sua esposa.

ADELAIDE.

Sendo assim, bom será: oh! quem me dera que elle seja como o primo Guilherme!

CONSTANÇA.

Ah!... mas tambem é preciso saber fazer as cousas!

ADELAIDE.

Mas você me ensinará, prima.

CONSTANÇA.

Olha, Adelaide; teu primo Guilherme, como sabes, não é homem de instrucção; isto digo-te aqui em familia; vivia a maior parte do tempo em sua Fazenda, e poucas vezes vinha á cidade.

ADELAIDE.

Sim, sei disso.

CONSTANÇA.

Pois bem ; assim que me casei, elle quiz logo dester-
rar-me deste paraiso para o inferno da roça.

ADELAIDÉ.

E você oppôz-se immediatamente ?

CONSTANÇA.

Estás enganada : fui, acompanhei-o, quiz ver as mi-
nhas terras, mas logo com a firme tenção de lá não
ficar.

ADELAIDE.

E o que fizeste então para voltar ?

CONSTANÇA.

Nada mais simples : como havia um brejo perto da
casa, e se dizia que naquelle logar reinavão muitas se-
zões, eu senti-me logo doente ; não digo que o estivesse
realmente, porque talvez fosse effeito da imaginação ;
mas indo visitar-nos o Dr. Romeu, eu contei-lhe tudo
o que se dizia do logar, e elle disse logo a Guilherme :
— se quizer que sua senhora tenha saude, vá para a
Côrte, e escolha uma chacara em um dos melhores arra-
baldes para sua residencia.

ADELAIDE.

Muito bons são estes medicos ! Se eu me casar com
o Chico quero tambem que o Dr. Romeu seja o nosso
medico de partido.

CONSTANÇA.

E fazes muito bem, porque elle tem uma grande
pratica.

ADELAIDE.

Bem ; mas como tem você podido fazer que seu marido se envolva nestas cousas de politica tão oppostas ao seu genio ?

CONSTANÇA.

Isso é que é o meu grande talento, menina ! Elle não contrafaz o seu genio ; ao contrario, desespera-se sempre, e arma grandes bulhas comigo ; mas eu, nem caso ; vou-lhe fazendo tambem ver as vantagens de se ter uma posição na sociedade, aponto-lhe uns poucos de exemplos, e por fim elle esgota todos os argumentos, e acaba quasi sempre por dizer :— Ora vá lá mais esta asneira !

ADELAIDE.

Porém antes ha um grande sermão ?

CONSTANÇA.

Ora se ha ! falla logo em despezas, em trabalhos, amofinações, mas eu vou fazendo conforme disse.

ADELAIDE.

Então não é tão indifferente como parece ?

CONSTANÇA.

Estás enganada, é indifferentissimo ; sou eu que ponho tudo em movimento com as minhas relações, e escrevendo ás minhas amigas. Tu sabes quantas Baronezas e Viscondessas nos frequentão ; com quantos commendadores, conselheiros e generaes nos damos, etc. Pois bem ; pede d'aqui, pede d'acólá, um bom presente para adoçar a bocca, emfim, o meu geitinho, e ahi está o caso arranjado.

ADELAIDE.

E' verdade que a prima tem muito expediente.

CONSTANÇA.

Se não fosse eu, elle não teria sido, como já foi, Vereador, bem que supplente, Juiz de paz e 6º Supplente de Eleitor.

ADELAIDE.

E você quer ainda mais ?

CONSTANÇA.

Isso nada é em comparação das minhas aspirações.

ADELAIDE.

Porém, mais do que isso é muito difficil arranjar só por você.

CONSTANÇA.

Enganas-te: eu tenho mil recursos. Olha; agora para esta eleição ha de gastar-se dinheiro, não ha duvida, mas hei de ter o gostinho de ser mulher de um deputado.

ADELAIDE.

E você fia-se só no Visconde ?

CONSTANÇA.

Elle tem quasi por um dever servir-me ; mas além disto o Chico ha de redigir uma folha de opposição : tenho ouvido dizer que isto é um meio muito bom.

ADELAIDE.

Prima, não sei como você sabe tanto dessas cousas.

CONSTANÇA.

Tu bem sabes que meu pai foi ministro plenipotenciário, e que eu ouvia conversar em casa a respeito de tudo isto ; destas relações que tenho, muitas são ainda do tempo, em que meu pai figurou.

ADELAIDE.

Não invejo o seu genio : sempre com grandes e figuras ! acho mais razão no primo Guilherme.

CONSTANÇA.

Parece que não tens alma ! eu sempre ouvi dizer : — chega-te aos grandes, serás um delles.

ADELAIDE.

Está bem, está bem ; porém esta conversa tem-me demorado aqui, e eu preciso ir lá dentro ver se o meu vestido já está prompto ; logo continuaremos. (*Sahe Adelaide*).

SCENA II.

CONSTANÇA (*só*).

CONSTANÇA (*como quem tem reflectido*).

Guilherme tem necessidade de occupar uma posição elevada na sociedade : tinha fortuna, mas alguma cousa tem-se gasto, é verdade ; por ora não me assusta ; ainda temos a Fazenda. Eu não sou uma mulher desperdiçada ; se gasto dinheiro, tenho não só um fim muito louvavel que é obter uma posição honrosa para meu marido, mas até nisto faço um calculo bem fundado. Sem empregar os meios, não se conseguem os fins ; em uma alta posição póde elle alcançar muitos amigos, e até mesmo arranjar depois algum emprego importante ; e ahi temos

reunidos honra e dinheiro. (*Em outro tom*). Do que eu tenho pena, é de que meu marido seja tão avesso a este meu modo de pensar ; se elle ao menos combinasse comigo, se tivesse maiores aspirações, mais energia, emfim, se comprehendesse a sociedade, em que vivemos, talvez que eu já fosse titular. Oh ! é tambem uma cousa que muito desejo ! Se eu fosse Baroneza, por exemplo ! Ah ! como é agradável ouvir chamar — Sra. Baroneza ! Mas ainda não perdi a esperança : desta massa é que ellas se fazem. Confesso a minha fraqueza ; ás vezes até tenho sonhado que sou Baroneza, e em sonhos tão vivos que me parecem uma perfeita realidade.

SCENA III.

A MESMA E RAYMUNDO.

(*Que vem pé-ante-pé, sem que Constança o perceba, e chegando perto do ouvido desta, apenas ella acaba de proferir a palavra REALIDADE produz um som semelhante ao estampido de uma bomba*).

RAYMUNDO (*junto ao ouvido de Constança*).

Poum!

CONSTANÇA (*assustando-se*).

Ah!

RAYMUNDO (*continuando*).

Poum, poum, poum. Xi, tá, tá, tá!

CONSTANÇA (*ainda assustada*).

Sr. Raymundo ! ah ! que susto ! meu Deus ! oh ! o senhor agora ia-me fazendo perder os sentidos.

RAYMUNDO.

D. Constança, olhe, escute: foi assim poum! parou, depois continuou: poum, poum! Xi! tá! tá! tá!

CONSTANÇA.

Mas o que é isto ?

RAYMUNDO.

Foi um foguete que eu acabei de soltar.

CONSTANÇA.

Mas o senhor sabe que sou nervosa; e se eu tivesse tido um ataque?!

RAYMUNDO (*ainda entusiasmado*).

Quer a senhora ouvir agora uma bomba acompanhada de traques?

CONSTANÇA.

Basta, basta, Sr. Raymundo; já faço idéa.

RAYMUNDO.

Não é possível, minha senhora, fazer idéa de uma cousa inteiramente nova; é uma preparação, que faço em que não ha cheiro nenhum de polvora.

CONSTANÇA (*á parte*).

Que mania!

RAYMUNDO (*continuando*).

Levei tres mezes a estudar diferentes combinações, e quem diria?! o chiste estava em uma cousa bem simples; olhe; quer saber? era não introduzir muito o canudo na bomba, e pôr um certo ingrediente de mistura com a polvora.

CONSTANÇA.

Ainda estou tremula, e bate-me com força o coração.

RAYMUNDO.

Então talvez goste mais dos gyrasóes: oh! é um fogo animador! eu sinto uma alegria indizível quando o gy-rasól começa: xô, xô, xô (*isto com muita força, e imitando um gy-rasól de fogo*).

CONSTANÇA (*procurando desvial-o daquelle assumpto*).

Mas diga-me, Sr. Raymundo, como está D. Rufina?

RAYMUNDO.

Teve um ligeiro incommodo: eu estava experimentando um busca-pé, que arreventou-me na mão, e saltou-lhe uma faisca no olho.

CONSTANÇA.

Oh! isso póde ser muito prejudicial! Para que não chama o Dr. Romeu? é um medico de uma grande pratica.

RAYMUNDO (*sem ter entendido*).

Ella não tem ainda bastante pratica; collocou-se contra o vento, e foi por isso que cahiu-lhe a faisca.

SCENA IV.

OS MESMOS E ADELAIDE.

ADELAIDE (*comprimentando a Raymundo*).

Sr. Raymundo.

RAYMUNDO.

A's suas ordens, minha senhora.

CONSTANÇA.

Ah! prima, estou quasi mandando chamar o Dr. Romeu.

ADELAIDE.

Então porque? está doente?

CONSTANÇA.

Oh! vê como estou abalada (*dando-lhe a mão*).ADELAIDE (*pegando-lhe na mão*).

E' verdade! mas pelo que?

RAYMUNDO.

Assustou-se com um foguete, que acabei de soltar.

ADELAIDE.

Mas aqui na sala?

RAYMUNDO.

Foi com a bocca simplesmente, minha senhora: estou bem certo que se D. Constança o visse realmente como eu, quando elle ia, ia trepando, e fazendo zigs-zags, havia até de electrizar-se, como eu me electrisei.

ADELAIDE.

Mas não comprehendo....

CONSTANÇA.

Tu me tinhas deixado, quando entrou, sem que o visse, o Sr. Raymundo, e mesmo no ouvido deu-me um grito horrivel.

RAYMUNDO.

Quiz causar-lhe uma surpresa.

CONSTANÇA.

Podia causar-me a morte.

ADELAIDE.

De certo.

RAYMUNDO.

Mas se eu lhes figurar agora uma pistola lançando lagrimas ou estrellas, verdes, azues, rôxas, amarellas, encarnadas....

CONSTANÇA e ADELAIDE.

Não, não ; basta.

RAYMUNDO.

Mas ao menos hão de fazer-me o favor de aceitar uma pistola que trago aqui; (*apontando para o bolso do peito da sobrecasaca*) não é muito grande, e qualquer senhora póde sem susto accendel-a. (*Tira a pistola, e offerece a D. Constança*).

CONSTANÇA (*aceitando*).

Obrigada (*põe depois a pistola sobre a meza*). Porém, Sr. Raymundo, é preciso ter cuidado com o incommodo de D. Rufina: uma faisca nos olhos deve ser horrivel.

ADELAIDE (*á parte*).

Foi de certo consequencia da mania do marido.

RAYMUNDO

Não ha de ser nada, não ha de ser nada.

ADELAIDE (*Olhando de repente para dentro, e perguntando*):

O que é ? (*Vai para o interior, onde se demora um instante*).

CONSTANÇA.

E' bom sempre consultar o Dr. Romeu.

ADELAIDE (*Entrando com uma carta feixada em forma de officio: deve ter o tamanho de um officio, cuja capa fosse de papel de Hollanda, e dizendo com certa admiração a Constança*):

Prima, um homem, que vinha a cavallo, parou aqui, e entregou esta carta dizendo que é a participação da nomeação do primo Guilherme para Ministro.

CONSTANÇA (*com surpresa*).

Que dizes, menina?!

ADELAIDE.

E' verdade: eu mesma ouvi as ultimas palavras que elle disse ao moleque (*Adelaide põe a carta sobre a meza*).

CONSTANÇA.

Oh! isto é um sonho, meu Deus.

RAYMUNDO (*influido*).

Uma gyrandola já, minha senhora, uma gyrandola !

ADELAIDE.

Não, não, Sr. Raymundo.

RAYMUNDO (*influido*).

Mas ao menos ataque-se agora a pistola : oh ! porque não ? eu ainda tenho outra pistola.

CONSTANÇA (*impressionada pela noticia*).

Eu tenho uma syncope, meu Deus ! Adelaide, vem cá ! (*Adelaide approximando-se*).

RAYMUNDO (*influido*).

Eu ataco a pistola ; (*puxa um phosphoro, e accende outra pistola, que tem já tirado do bolso*) o cheiro da polvora hade fazer-lhe bem. (*Constança finge que vai ter uma syncope*).

ADELAIDE.

Que é isso, prima ! ? (*animando-a, e agitando-a um pouco*).

CONSTANÇA (*com voz commovida, e suspirosa*).

Eu não esperava tão cedo !

ADELAIDE (*para alegral-a*).

Você é muito feliz !

CONSTANÇA.

Nunca pensei que tão cedo visse tão brilhante resultado !

RAYMUNDO (*que tem acabado de atacar a pistola, vendo Constança já melhor diz*):

Eu não disse ? está já melhor, não ? o cheiro da pólvora é muito bom para desempestar.

CONSTANÇA (*com voz commovida*).

Sr. Raymundo, está o seu amigo, e meu marido nomeado Ministro ! diga a D. Rufina ; ella hade estimar muito.

RAYMUNDO.

E eu tambem, minha senhora ; até porquê agora proporciona-se-me uma boa occasião de queimar um fogosinho de artificio, proprio para salão.

ADELAIDE (*áparte*).

Já tardava !

RAYMUNDO (*continuando*).

Fogo mesmo de senhora ; sim, eu vou já acabar algumas peças. Minhas senhoras, ao seu dispôr.

CONSTANÇA E ADELAIDE.

Recommende-nos a D. Rufina, e a D. Clara.

RAYMUNDO.

Sim, sim ; minhas senhoras (*vai-se*).

SCENA V.

CONSTANÇA E ADELAIDE.

ADELAIDE.

Que homem ! é um original !

CONSTANÇA.

Entretanto tem algumas patacas, mas a mania dos foguetes não o pode deixar.

ADELAIDE.

E então, prima, está você mulher de um Ministro!?...

CONSTANÇA.

Parece-me ainda um sonho ! oh ! quem sabe ! ?

ADELAIDE.

Pois se eu mesma ouvi bem distinctamente as ultimas palavras: — nomeação do Sr. Guilherme para Ministro.

CONSTANÇA.

Era um homem que vinha a cavallo, não ?

ADELAIDE.

Sim.

CONSTANÇA.

Então não ha duvida : era um Correio da Secretaria. Espera, eu vou abrir o officio.

ADELAIDE.

Não, prima, não faça tal.

CONSTANÇA.

Então o que tem isso ?

ADELAIDE.

Não ; não abra ; são cousas de importancia.

CONSTANÇA (*depois de reflectir*).

Sim ; Guilherme agora é um Conselheiro, e Ministro: sua propria mulher deve começar por dar o exemplo de respeitá-lo : emfim são segredos de Estado.

ADELAIDE.

Mas você não esperava absolutamente esta nomeação ?

CONSTANÇA.

Para te dizer a verdade, este era, ha muito tempo, o meu sonho dourado; e eu o tenho por varias vezes dado a entender a muitos dos nossos bons e poderosos amigos. (*Em outro tom*). Está me parecendo que isto foi manejado pelo Visconde.... é que elle achou alguma difficuldade em arranjar-lhe a deputação.... não foi outra cousa.

ADELAIDE.

Melhor p'ra você, não acha, prima ?

CONSTANÇA.

De certo. (*Em outro tom.*) Oh ! estava capaz de ir á casa do Visconde agora mesmo.

ADELAIDE.

Mas, como, se elle foi hontem para Petropolis com a familia?

CONSTANÇA.

E' verdade.

ADELAIDE.

Olhe ; o que você deve fazer é escrever já, e já ao primo Guilherme, participando tudo isto.

CONSTANÇA (*depois de reflectir um pouco*).

Não ; não cáio nessa : elle é muito capaz de recusar a nomeação, e ahí temos o caldo entornado.

ADELAIDE.

Qual !

CONSTANÇA.

Qual ? ! Eu o conheço ; fica todo embaraçado e é capaz de pregar-me esta peça : nada, nada ; elle volta domingo, e então de tudo saberá, porque estando eu presente, responderei ás objecções.

ADELAIDE.

Sim ; parece melhor.

CONSTANÇA.

Parece, não ; é realmente o melhor. E digo-te mais : elle não deve saber no mesmo instante em que chegar, porque para elle seria como um tiro á queima-roupa uma tal noticia.

ADELAIDE.

Quando a prima assustou-se, quanto mais elle !

CONSTANÇA (*com ar de impostura, e olhando para toda a sala*).

Tudo isto deve soffrer uma reforma completa ; não achas, Adelaide ?

ADELAIDE.

Para que ? A sua casa é muito decente.

CONSTANÇA.

Mas a nossa posição mudou, menina ; é preciso que tudo fique em harmonia. Esta mobilia já não é muito propria ; são necessarios espelhos, mobilia de estofos, etc. Sim ; nada de perder tempo ; eu vou cuidar de reformar tudo isto antes que chegue teu primo.

ADELAIDE.

Porém talvez não haja tempo.

CONSTANÇA.

Tempo tenho eu ; (*pensando*) mas o que me difficulta algum tanto é que o dinheiro que tenho em casa é pouco : (*como quem faz mentalmente um calculo*) dous contos.... mais quinhentos.... dous contos e quinhentos. (*Com resolução tomada*). Bem ; vendo o José e o Francisco ; tenho quem me offerece por ambos tres contos e quinhentos ; um é official de officio, e o outro cozinheiro : são moços, sadios e sem vicios.

ADELAIDE.

Oh ! p'ra que vai vendel-os ? !

CONSTANÇA.

Deixa-te disso ; alugo um criado estrangeiro que é

muito mais decente para uma casa de tratamento ; e p'ra cozinheiro ha de vir um Chim dos melhores.

ADELAIDE.

Jesus ! prima. Um Chim ! ? p'ra nos roubar as gallinhas ?

CONSTANÇA.

Quero por força que seja um Chim.

ADELAIDE.

Mas quanto calcula você que despenderá com a reforma ?

CONSTANÇA.

Fazendo alguma economia, uns seis contos de réis, que vem a ser tres contos e quinhentos da venda do José, e do Francisco, e dous e quinhentos que tenho reservado.

ADELAIDE.

Emfim, você póde : é mulher de Ministro !....

CONSTANÇA.

Mas estou perdendo tempo ; sim, é preciso começar a dar já as providencias. Vou mandar chamar o mordomo-mór das familias ; ainda hontem li o seu annuncio : (*reflectindo*) mas não. (*Para Adelaide*) : Manda o moleque chamar meu sobrinho Chico.

ADELAIDE.

Sim. (*á parte*). Elle não póde tardar, que assim me promettêu.

CONSTANÇA.

Logo que elle chegue, hei de fazer-lhe uma lista de tantas encommendas que ha de ver-se tonto.

SCENA VI.

AS MESMAS E CHICO.

CHICO (*entrando*).

Dá licença, minha tia ?

CONSTANÇA.

Fallar no máo....

CHICO (*recuando um pouco*).

Mas não apromptar-lhe o páo : (*em outro tom*) então, cheguei a proposito ? (*comprimentando a Adelaide*)
Minha senhora.

ADELAIDE (*correspondendo*).

Como está, Sr. Chiquinho ?

CONSTANÇA.

Ora, meu Chiquinho, grande novidade ! grande novidade !

CHICO.

Boa, ou má ?

ADELAIDE.

A melhor possível.

CHICO.

Oh ! isso é bello ! Então quero já saber.

CONSTANÇA.

Vai saber, sim, senhor ; mas, por ora, chiton ! . . .

CHICO.

Conte comigo, sou de segredo.

ADELAIDE.

Veja lá, Sr. Chiquinho.

CONSTANÇA.

Espera, prima ; não ha tempo a perder. (*Em outro tom e dirigindo-se a Chico*). Principiarás por dar-me um abraço bem apertado (*abraça a Chico*).

ADELAIDE (*á parte*).

Podia dispensar-se este principio (*alto*). Prima, ande depressa, que o tempo é pouco.

CHICO.

Estou afflicto por saber o que isto é . . . (*á parte*). O exordio é animador.

CONSTANÇA.

Meu sobrinho, teu tio Guilherme está nomeado Ministro.

• CHICO (*espantado*).

Que diz, minha tia ? E' possível ? !

ADELAIDE.

E' verdade, é verdade.

CONSTANÇA.

Não ha a menor duvida : todos os indicios o provão.

CHICO (*á parte*).

Um homem sem instrucção ! (*alto*). Porém, minha tia, não vá haver nisso...

CONSTANÇA (*não gostando da observação*).

Adeos !... Adeos !... meu sobrinho, quando eu te affirmar uma cousa, é porque estou tão certa della, como da minha propria existencia.

CHICO.

Bem, bem, nesse caso....

CONSTANÇA.

Nesse caso, já sei, queres...

CHICO.

Se fôr do seu agrado...

ADELAIDE (*á parte*).

Um empregozinho, e eu decidia logo a minha sorte.

CONSTANÇA.

Então o que é que queres ?

CHICO.

Ser, *pelo menos*, Official de Gabinete.

CONSTANÇA.

Pódes contar desde já que o és ; e mesmo por isso, desejo pedir-te um favor.

CHICO.

Tudo quanto quizer, minha tia (*á parte*). Agora realiso o casamento.

ADELAIDE (*á parte*).

Bem ; está o caso arranjado.

CHICO.

Mas, minha tia, perdão: isto é um negocio grave; como me póde V. Ex. affirmar....

CONSTANÇA (*satisfeita e atalhando*).

Muito bem, meu sobrinho; não faz mal que me dê Excellencia mesmo em familia.

CHICO (*continuando*).

Affirmar que o tio Guilherme está nomeado ministro? essas cousas não se fazem assim; as folhas noticião, espalhão-se boatos; os negociantes na praça são logo os primeiros a saber; e emfim, eu que ando por toda a cidade não tenho ouvido fallar em cousa nenhuma.

CONSTANÇA (*com tom de quem vai persuadir*).

Meu sobrinho, és um moço de intelligencia, não ha duvida; mas entraste agora no mundo: eu não tenho os teus estudos, nem a tua intelligencia.

CHICO (*atalhando*).

Modestia da parte de V. Ex.

CONSTANÇA (*continuando*)

Não, não tenho; porém tenho uma grande pratica do mundo! sabes que desde o tempo de meu pai a minha casa era frequentada pelas melhores rodas da politica.

ADELAIDE (*á parte*).

Que massada está dando a prima! (*alto*) Prima, olhe que o tempo é pouco para os arranjos que quer.

CONSTANÇA.

Espera ; ha de conciliar-se tudo.

CHICO.

Mas ao menos dê-me um fio, que me guie neste labyrintho, e que de algum modo explique tão notavel acontecimento.

CONSTANÇA.

Tu conheces aquelle Visconde, a quem te apresentei para arranjar-te um bom emprego, não é assim?

CHICO.

Sim, senhora; o Visconde é uma pessoa de notoria e reconhecida influencia.

CONSTANÇA (*continuando*).

Muito bem: sabes igualmente que é nosso affeioado, e qual o gráo de relações que ha entre nossas familias?

CHICO.

Sim, tudo isso é verdade, mas....

CONSTANÇA.

Sabes também que toda essa posição que tem deve-a á influencia de meu pai.

ADELAIDE (*á parte*).

A massada continúa. (*alto*) Prima, o tempo vôa.

CHICO (*com galanteio*).

Eu lhe cortarei as azas, minha senhora.

CONSTANÇA.

Em resumo, meu sobrinho

CHICO (*á parte*).

Estou afflicto pela conclusão.

CONSTANÇA (*continuando*).

Eu tinha promessa firme do Visconde de fazer teu tio deputado pelo mesmo circulo, por onde o Visconde viesse ; mas havia suas difficuldades. Lembro-me agora que elle até me disse: — “Se o Sr. Guilherme não fôr eleito, prometto-lhe de pedra e cal que heide causar a V. Ex. uma agradável surpresa ; e então não sentirá, que seu marido tenha deixado de sahir deputado. ”

CHICO.

Com effeito, essas palavras são muito animadoras ; mas attribuir já V. Ex. a esse dicto semelhante resultado, parece-me

CONSTANÇA (*em tom terminante, e parecendo não ter gostado das observações de Chico*).

Em uma palavra; eu tenho comigo o documento official.

CHICO (*atalhando*).

Basta, minha tia: mais, é duvidar da palavra honrada de V. Ex.

ADELAIDE (*á parte*).

Isto vai longe (*alto*) Prima, vai-se fazendo tarde.

CONSTANÇA.

Sim; sim. (*Em outro tom*) A' vista por tanto do que te acabo de expôr, meu sobrinho, preciso de fazer uma completa reforma na casa, não achas?

CHICO.

V. Ex. sabe melhor do que eu o que lhe convém; e quanto ao encarregar-me das suas encommendas, não tem mais que mandar, por que o meu dever é prestar-lhe cega obediencia.

CONSTANÇA.

Obrigada. Vou fazer um apontamento do que preciso, e dar por escripto todas as instrucções para as transacções, que forem necessarias: em dinheiro levarás já dous contos e quinhentos....

CHICO (*á parte*).

Que pechincha! agora pago o alfaiate que está furioso.

ADELAIDE (*baixo a Chico*).

Não demore mais a prima.

CONSTANÇA.

Então esperarás um instante.

CHICO.

Oh ! pois não !

SCENA VII.

CHICO E ADELAIDE.

CHICO.

Parece-me, D. Adelaide, que o dia da nossa ventura se approxima.

ADELAIDE (*meio agastada*).

Já foi visitar D. Rufina, que está doente ?

CHICO.

E' um modo indirecto de fallar em sua filha D. Clara, não ?

ADELAIDE.

Não sei ; sei que lhe fallei em D. Rufina, e o senhor respondeu-me fallando em D. Clara.

CHICO (*com ternura*).

Por quem é, dissipe essa desconfiança.

ADELAIDE.

Desconfiança ? eu cá sei.

CHICO (*ainda com ternura*).

Mas o que é que sabe, diga, eu lhe peço. Bem vê que jurei-lhe uma fidelidade

ADELAIDE (*atalhando*).

Fidelidade é contrabando em bocca de homem.

CHICO.

Oh ! mas é cruel ! suppôr-me capaz de desprezal-a por outra que não pôde, nem de longe comparar-se em belleza, e em todos os outros dotes com a senhora, D. Adelaide !

ADELAIDE.

Lá por isso, não ; que hoje ha muita gente que prefere o kerosene ao gaz, assim disse-me a prima.

CHICO.

Porém seria attribuir-me um gosto extravagante, e.... (*ouve-se Constança chamar de dentro*).

CONSTANÇA (*chamando de dentro*).

O' prima, faz favor !

ADELAIDE.

Aqui vou já. (*Sahe Adelaide*).

SCENA VIII.

CHICO (*só*).

E o mais é que esta moça está persuadida, ou finge estar, que eu gosto de D. Clara ! Uma moça feia.... sem graça.... exquisita.... Verdade é que o pae tem alguma cousa ; mas ir ser genro de um homem, que não tendo o officio de fogueteiro, tem a mania de fazer foguetes, havendo já queimado alguns contos de reis com isso.... E' o que me faltava!... E a filha?!... que é mesmo uma boneca de fogo!! (*Em outro tom*) Mas tor-

nando ao negocio do meu tio: estou maravilhado! não posso ainda me capacitar! Porém minha tia falla de um modo tão terminante.... Emfim.... quem sabe?! Teem-se visto cousas!! Ella diz que eu não tenho experiencia do mundo!....póde bem ser que meu tio esteja Ministro!....E de mais, se o facto está consumado, não ha outro remedio senão aceital-o, e respeitál-o; tanto mais, que Official de Gabinete eu o sou *desde já*, palavras della.—E isto vem muito a proposito: eu estava exhalando o extremo alento quanto á pecunia. Não ha duvida: a Providencia véla sobre todos. Creio que não me fica desar algum em associar-me na reforma que minha tia vai fazer, uma vez que eu lhe apresente tudo quanto ella me encommendar. (*Em outro tom*) O homem deve saber comprehender a linguagem da Providencia: eu estava sem dinheiro, e não via meio de adquirir-o; apresenta-se esta occasião; é por tanto a mesma Providencia que me aponta o caminho.

SCENA IX.

O PRECEDENTE E CONSTANÇA.

CONSTANÇA.

Ora aqui está a lista (*com um papel na mão*)

CHICO.

Muito bem, minha tia.

CONSTANÇA

Eu vou ler-te, e se te occorrer mais alguma cousa....

CHICO (*atalhando*).

Lembrarei immediatamente.

CONSTANÇA (*lendo*).

Uma rica mobilia das mais modernas, mas que seja estofada.

CHICO.

E eu que inda hontem vi uma excellente !

CONSTANÇA (*continuando*).

Vasos de porcellana, e enfeites de phantasia. . .

CHICO.

Disso ha uma casa especial na rua do Ouvidor.

CONSTANÇA (*lendo*).

Cortinas para a sala de visita, e transparentes para a de jantar.

CHICO.

E eu que tenho um gosto especial para escolher transparentes !

CONSTANÇA.

Quero tambem algumas peças de papel pintado, mas simples, para forrar o quartinho da escada, que vai ser o do Ordenança.

CHICO.

E' verdade : o quarto do Ordenança deve ser forrado.

CONSTANÇA (*lendo*).

Uma grande meza para teu tio escrever (*deixando de ler*); mas que seja cousa bonita.

CHICO.

Eu sei; ha de ser um verdadeiro *bureau-ministre*.

CONSTANÇA.

Isso mesmo: um *bureau-ministre* de mogno, e um bom tinteiro de prata.

CHICO

Serve mesmo galvanizado, não, minha tia? (*aparte*).
E' mais barato.

CONSTANÇA.

Pois sim; faz a mesma vista.

CHICO.

Tambem julgo que serão precisas algumas pastas.

CONSTANÇA.

Sim, algumas pastas. (*Continuando a ler*). Quatro lindos espelhos *à la renaissance*.

CHICO.

Oh! espelhos magnificos! eu hei de arranjar-lhe os verdadeiros espelhos *à la renaissance!*

CONSTANÇA.

Deves tambem ir á casa do alfaiate de teu tio, sabes, não?

CHICO.

P'ra lá vou direitinho (*alto*). Oh! o alfaiate de meu tio; é mesmo o meu alfaiate: ora, queira Deos . . .

CONSTANÇA.

Depois á casa da minha modista, conheces, não ?

CHICO.

Se ainda é a mesma Franceza do anno passado. . .

CONSTANÇA.

Sim, a mesma ; e dizer-lhe que quero um vestido de gala, e por ora mais seis de seda ; mas que é melhor que ella venha cá fallar-me.

CHICO.

Cumprirei exactamente as suas ordens. E nada mais ?

CONSTANÇA.

Por ora é o que me occorreu (*de repente*): ah ! espera : alguns reposteiros, não achas ?

CHICO.

E' verdade ; os reposteiros. . . oh ! os reposteiros são indispensaveis.

CONSTANÇA.

E eu não escrevi !

CHICO.

Não importa ; eu não me esquecerei.

CONSTANÇA.

Emfim, se te lembrares de mais alguma cousa, compra ; tens até seis contos de réis.

CHICO (*arregalando os olhos e aparte*).

Que fatia ! (*alto*) Mas V. Ex. disse que me entregaria dous contos e quinhentos, e...

CONSTANÇA.

Bem sei ; os tres contos e quinhentos que faltão, tu os receberás daquelle negociante de escravos, nosso compadre, a quem escrevi, quando fui fazer a lista, e já mandei a carta.

CHICO.

E' o Libanio, não ?

CONSTANÇA.

Sim, o Libanio.

CHICO.

Muito bem : vou desempenhar esta commissão com o maior gosto possivel (*aparte*). Isto veio do céu.

CONSTANÇA.

Agora vou buscar o dinheiro.

CHICO.

Sim, minha tia ; não ha tempo a perder (*aparte*). Venha o côco.

CONSTANÇA.

Espera um instante. (*Sahe Constança*).

SCENA X.

CHICO (*só*).

CHICO.

Eu com seis contos de réis na unha !... hei de fazer quanta pechincha puder ! Ora, se hei de !...

CONSTANÇA.

Esquecia-me do principal.

CHICO.

O que, o que, minha tia?

CONSTANÇA.

Alugares dous creados, um ao menos que seja estrangeiro, e se fallar pouco portuguez, inda melhor.

CHICO.

Sim, minha tia; lembra muito bem: em uma casa de tratamento é indispensavel um creado estrangeiro.

CONSTANÇA.

E mais outro que deve ser um bom cosinheiro.

CHICO.

Isso é essencial para os jantares politicos.

CONSTANÇA.

E ha de ser um Chim.

CHICO.

Justamente; é muito bem lembrado; mas hei de trazer-lhe um Chim excellente, que até cheire a sandalo.

CONSTANÇA.

Bem; agora vou buscar o dinheiro. (*sahe Constança*)

SCENA XII.CHICO (*só*).

CHICO.

Isto vai ás mil maravilhas!....Mas a massada de procurar o Chim, e outro creado estrangeiro, que falle mal portugez!....que capricho! (*de repente, e como que vindo-lhe uma idéa*). Oh! é verdade! que bella idéa! O Fortunato, que foi meu creado em S. Paulo!....que excellente aquisição! E eu que lhe devo tres mezes de aluguel!.... (*Em outro tom*). Ninguem o conhece aqui; tem um typo perfeito de inglez, e é um gaiato de tão bom gosto, que sabe optimamente imitar um inglez que falla mal portugez! Que bello! isto nem de encomenda! (*Em outro tom*). Chegou hontem de Santos, e foi logo procurar-me: as cousas vão-se encadeando cada vez melhor: entretanto é mais um intermediario que tenho junto a D Adelaide.

SCENA XIII.O PRECEDENTES E CONSTANÇA (*que vêm contando os bilhetes*)CHICO (*ao vél-a, e á parte*).

Lá vem os bilhetinhos

CONSTANÇA (*acabando de contar*)

Quatro centos e cincoenta, e mais cincoenta, quinhentos: são dous contos e quinhentos.

CHICO.

Minha tia, olhe que não haja algum do Banco Commercial e Agricola.

CONSTANÇA.

Porque?

CHICO.

Por que quem os tiver fica logrado.

CONSTANÇA.

Mas pelo que?

CHICO.

Porque hoje já não valem mais nada.

CONSTANÇA.

Essa não é má! (*Revê os bilhetes*) Felizmente são todos do Banco do Brazil. Aqui os tens.

CHICO (*Recebendo-os e mettendo logo no bolso*).

Sim, minha tia, então, (*procurando o chapéo*) não ha tempo a perder.

CONSTANÇA.

Falta a lista.

CHICO.

Ah! sim, a lista (*Constança entrega-lhe a lista*) Muito bem, agora toca a trabalhar.

CONSTANÇA

Espero da tua diligencia e bom gosto o perfeito desempenho desta encommenda.

CHICO.

Hei de desempenhar excellentemente, (*á parte*) e desempenhar-me tambem.

CONSTANÇA

Vai; mette-te já em um tilbury.

CHICO (*despedindo-se*).

Sim, minha boa tia; no primeiro tilbury que encontrar: até logo.

CONSTANÇA.

Até logo (*sahe Chico*).**SCENA XIV.**CONSTANÇA (*só*).

Ora estão dadas as primeiras providencias, mas ainda me falta muito: entretanto não sei por onde começar. (*De repente*) Ah! esqueci-me de lhe dizer que fosse tratar o aluguel mensal de um coupê com uma bonita parelha, e tomar tambem uma assignatura do theatro lyrico: mas emfim, quando elle voltar (*Em outro tom*). Não é possivel deixar de frequentar o theatro lyrico: aquelle é um dos poucos *rendez-vous* da nossa aristocracia. (*Reflectindo e mudando de tom*) Porém agora é preciso pensar tambem um pouco como desempenhará o meu Guilherme tão elevada missão. Isto é que é horrivel! Um homem completamente avêso aos habitos do grande mundo! (*Em outro tom*) Mas o Visconde é quem ha de aguentar com a carga; e o Chico, que é rapaz vivo, tambem o ajudará. Se elle ao menos tivesse mais desembaraço!.... emfim, ninguem ha perfeitamente feliz.

SCENA XV.A MESMA E ADELAIDE (*pouco depois um soldado*).

ADELAIDE.

Prima, está ahi um soldado com uma carta, e quer por força fallar com você.

CONSTANÇA (*com ar de impostura, como quem já não estranha essa noticia*).

Ha de ser o Ordenança.

ADELAIDE.

Mando, ou não entrar ?

CONSTANÇA.

Que entre ; manda-o entrar. (*Em outro tom*). E Guilherme sem saber de tanta felicidade ! (*Adelaide chega ao bastidor, e faz signal para que o soldado entre*).

SOLDADO (*faz uma continencia a Constança e entrega-lhe uma carta*).

CONSTANÇA (*tomando a carta e lendo a assignatura*).

Uma carta de D. Rufina ! Vejamos (*Depois de ler*). Já começo os empenhos.*

ADELAIDE.

O que é que ella pede ?

CONSTANÇA.

Ora, o que ha de ser ? quer que Guilherme arranje com que este soldado seja o seu Ordenança.

ADELAIDE.

Mas D. Rufina já sabe ?

CONSTANÇA.

Pois não te lembras que eu lhe mandei dizer ?

ADELAIDE.

E' verdade, é verdade ; mas o que diz a carta ?

CONSTANÇA.

Diz que este soldado é filhc de uma sua comadre, que estava em casa quando o Raymundo deu a noticia ; e ella logo encartou a bisca.

ADELAIDE.

Já você começa a ser atormentada de pedidos.

CONSTANÇA.

Isto por ora não é nada ; verás depois (*dirigindo-se ao soldado*). Diga a D. Rufina que hei de fazer todo o possivel, que desejo muito servil-a ; mas, por ora, não me comprometto, porque S. Ex. tem de ser ouvido, e é por isso que não dou já uma resposta definitiva.

SOLDADO (*faz outra continencia, e retira-se*).

ADELAIDE.

Mas porque não decidio você já ?

CONSTANÇA.

Tens muito pouca pratica, menina.

ADELAIDE.

Pois á sua amiga do peito, D. Rufina, você manda essa resposta ? !

CONSTANÇA.

Repito-te, tens muito pouca pratica ; é preciso fazer-se dependencia inda mesmo com os mais intimos amigos.

ADELAIDE.

Pois eu servia-a logo.

CONSTANÇA.

Acontecia que immediatamente vinha outro pedido para uma cousa mais difficil, e depois mais outro, e outro. Nada, nada ; a melhor pratica a seguir-se, é esta. Era como eu via em casa.

ADELAIDE.

Com effeito, prima ! (*Neste mesmo instante ouve-se dentro um grande estouro como o de uma bomba*).

CONSTANÇA E ADELAIDE (*assustadas*).

Ah !...

AS MESMAS E RAYMUNDO (*com uma enorme bomba na mão, e um charuto acceso em acto de atacal-a*).

RAYMUNDO (*entrando e gritando*).

Não se assustem ; esta é de patente.

CONSTANÇA E ADELAIDE (*correndo para dentro e gritando*).

Ai !.... (*cahe o panno e deve ouvir-se logo depois o estouro de uma bomba*).

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO SEGUNDO.

Vista de gabinete em casa de Guilherme; mobilia apropriada;
uma pequena cesta com cartas abertas em cima da meza.

SCENA I.

CONSTANÇA (*só, e passeiando*).

CONSTANÇA.

O Chico brilhou! nunca pensei que elle tivesse tão bom gosto! Até cousas que me esquecerão, não lhe escaparão! Eu bem digo: o rapaz tem muita intelligencia; foi pena não ter podido acabar de formar-se; e está mesmo talhado para Official de Gabinete. O que falta são os criados, que elle foi agora buscar. Ah! ao menos estou livre da terrivel raça africana! quasi que me posso julgar na Europa. Bem criança era eu, quando de lá vim; não tenho a menor lembrança; tambem assim é melhor, porque não sinto tanto. Como ha de o meu Guilherme ficar admirado de ver tamanha mudança em tão pouco tempo! Mas hei de guardar o segredo até o fim, porque dizer-lhe logo que entrar é causar-lhe um choque que póde ser muito prejudicial. Já escrevi á maior parte das minhas amigas, convidando-as para

uma reunião que pretendo será completa, apresentando uma ceia de 60 talheres, que já está encommendada ao Carceller. Agora é esperar o Chico com os criados, e depois dar-lhes as necessarias instrucções (*senta-se junto á meza*). Tenho tanto que fazer que não sei por onde principiar (*Vai tirando uma por uma as cartas abertas da cestinha, e as vai contando alto*). Uma, duas, tres, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez! Tudo isto são pedidos das minhas mais intimas amigas. D. Rufina é um fio electrico: communicou a todas as nossas camaradas a nomeação de Guilherme, e talvez já pela cidade tenha corrido o boato da sua nomeação. São tantos os pedidos que me vejo embaraçada: ora leiamos outra vez (*passando rapidamente os olhos em uma carta*). Esta é de D. Alcina: empenha-se para que o Ernesto tenha uma commissão, seja para o que fôr. Não sei que commissão hei de dar-lhe: emfim, consultarei com o Chico. Oh! (*pegando em outra carta*) até D. Sigmunda! uma velha tão devota e com pretensões! quer que Guilherme faça com que se acabem as eleições dentro das igrejas! (*pegando em outra carta*). Ah! esta sim; é da minha querida Leopoldina: pede para que seu primo Quinquim seja promovido a Capitão: eu bem sei porque ella tanto se empenha: é que o pai impôz esta condição para consentir no casamento: esta vou pôr de parte. (*Põe de parte*) ha de ser servida, (*pegando em outra carta*). D. Josephina é que pede uma cousa realmente impossivel: quer que o marido seja nomeado Encarregado de Negocios em Nictheroy! (*pegando em outra carta*) Oh! e a ciumenta de D. Carolina! de que se havia de lembrar?! que Guilherme fizesse uma lei para que os homens casados se recolhessem, o mais tardar, ás dez horas da noite! Ora, já virão?! Era mesmo pôl-os na condição de captivos! (*lendo a decima carta*). Esta pede para que o marido seja Agente Official: não sei se será possivel (*lendo rapidamente as outras*). Estas são pedidos de empregos para diversas repartições. Ora, como vai-se já accumulando trabalho! E Guilherme sem expediente, nem desembaraço! Emfim, cá está o Chico; é quem lhe ha de valer.

SCENA II.

A MESMA E CHICO.

CHICO.

Aqui estou de volta, segunda vez, minha tia.

CONSTANÇA.

E com os creados, não é assim?

CHICO.

E' verdade; mas para descobril-os suei o topéte.

CONSTANÇA (*alegre*).

Ah! muito bem: então estão contractados?

CHICO.

Não definitivamente: eu vim com um para que V. Ex. visse se lhe agradava: quanto a mim, parece-me excellente (*á parte*) E' o Fortunato.

CONSTANÇA.

Sendo do teu gosto, ha de ser tambem do meu agrado.

CHICO.

Obrigado a V. Ex.

CONSTANÇA.

E contrataste o Chim?

CHICO.

Foi uma difficuldade, porque eu quiz que elle fosse um Chim proprio para uma casa de tratamento.

CONSTANÇA.

E encontraste a final, não é assim?

CHICO.

Tive essa grande felicidade. Eu já o trouxe até a porta, mas elle foi buscar a caixa dos seus instrumentos culinarios.

CONSTANÇA.

Estou satisfeitissima.

CHICO.

Quer que mande entrar o creado estrangeiro.

CONSTANÇA.

Sim, sim, sem demora (*Chico entra no bastidor*).

CONSTANÇA.

Hoje o Chico é o melhor empenho para mim; nada lhe poderei negar do que elle pedir.

CHICO (*voltando para a scena acompanhado do creado estrangeiro*).

Aqui está este elegante Jockey.

SCENA III.

OS MESMOS E FORTUNATO (*vestido com simplicidade: tem uma cara muito exquisita, e feições de inglez: deve, sempre que fallar com Constança, arregalar, e fitar-lhe muito os olhos*).

FORTUNATO. (*fazendo uma cortezia profunda a Constança*).

Mim star um criada óv iúr Excellence.

CONSTANÇA.

Era justamente o que eu queria!!

CHICO (*á parte*).

A entrada foi magnifica! (*alto*) Então o que diz, minha tia?

CONSTANÇA.

Eu mesma procurando com uma lanterna um mez inteiro não era capaz de descobrir um creado tão proprio.

CHICO.

Oh! isto foi um achado! (*á parte*) Oh! se foi!....

CONSTANÇA.

Vou dirigir-lhe algumas palavras, não te parece?

CHICO.

Sem duvida; e fazer-lhe ver para que serviços o quer.

CONSTANÇA (*dirigindo-se a Fortunato*).

Chama-se? (*perguntando*).

FORTUNATO (*imitando sempre a pronuncia ingleza*).

Tótuanfor.

CHICO (*á parte*).

Que patife! é o anagramma de Fortunato!

CONSTANÇA.

Tótuanfor, quero que te occupes em ter sempre limpa a sala de visitas, o gabinete de S. Ex., escovar-lhe

o fato, annunciar as visitas, emfim seres o creado grave de nossa casa ; e dou-te desde já essa patente.

FOTUNATO.

Oh! iésse! vér úel! criada óv patent.

CHICO (*á parte*).

Que maroto! se minha tia descobre a meiada!....

CONSTANÇA (*a Chico*).

Meu sobrinho, é perfeito! é como eu desejava! de se dizer uma cousa, e elle entender outra.

CHICO.

Não sabe quanto estimo, minha tia; mas apezar disso é muito intelligente.

CONSTANÇA.

Eu já o percebi; tem um olhar muito penetrante (*dirigindo-se ao creado*) Fallas francez?

FORTUNATO.

Ai dú not spik frentx, *bicóse*...

CONSTANÇA.

E eu que estou completamente esquecida do inglez! (*ao creado*) Não; eu não pergunto *si coze*.

CHICO (*á parte*).

Estamos na torre de Babel!

FORTUNATO.

Bicóse mim star inimiga óv frentx.

CONSTANÇA (*alegre e dirigindo-se a Chico*).

Ah! é inimigo do francez! (*Em outro tom*) Assim mesmo não estou lá muito esquecida do inglez.

CHICO.

V. Ex. com este exercicio ha de recordar se; basta algum tempo de pratica.

CONSTANÇA.

Sim: eu espero com a pratica fallar correntemente; e tu tambem me poderás auxiliar, perguntando-me de côr em um livro de dialogos.

CHICO.

Sim, Senhora; com os dialogos. (*á parte*) Isso é que é massada.

CONSTANÇA.

O Chim é que está tardando.

CHICO.

Daqui a pouco está elle ahi.

CONSTANÇA.

Mas é verdade, meu sobrinho; e quanto ao aluguel ?

CHICO (*fallando um pouco baixo*).

Tratei por 60\$000 mil réis mensaes, fornecendo a casa tudo; e é muito barato. (*á parte*) Trinta são meus.

CONSTANÇA.

Não acho caro: nem todos podem ter a fortuna de achar um creado tão respeitador, e com maneiras todas européas.

CHICO.

Europeu em corpo, e alma, minha tia! (*á parte*)
Nasceu no Rio Grande do Sul.

CONSTANÇA. (*como quem ouviu a ultima
palavra*).

Mas veio do Sul?

CHICO.

Sim; do Sul da Europa.

CONSTANÇA (*ao creado*).

Onde nasceste?

FORTUNATO.

Mim star náce, oh! iésse, mim star nace in Inglaterra.

CONSTANÇA.

No Sul da Europa, por consequencia, não meu sobrinho?

FOTUNATO

Oh! iésse! Európe!

CHICO (*dissimulando o riso*).

Não; a Inglaterra está como V. Ex. sabe, ao norte da Europa, e....

CONSTANÇA (*como quem reconhece o engano*).

E' isso; é isso; mas elle nasceu do lado do Sul.

CHICO.

Justamente. (*á parte*) Se ella quer tambem recordar geographia, é que é máo. (*alto*) Minha tia, ahi chegou o Chim.

SCENA IV.

OS MESMOS E UM CHIM

com grande rabixo, vestia, e bombaxas de seda verde, grandes sapatões encarnados de bico revirado, um pequeno turbante que não põe na cabeça: traz uma caixinha na mão.

CHICO (*á parte*).

Com este não pude fazer sociedade.

CONSTANÇA.

Ora muito bem; tenho debaixo das minhas ordens dous representantes de duas grandes nações.

CHICO

Que diz V. Ex. do Chim?

CONSTANÇA. (*Depois de reparar bem no Chim*).

Não tenho nada que dizer, senão que tão bom e asiado ainda não vi em parte alguma.

CHICO.

Disse-me o Consignatario que este foi um dos cosineiros do Imperador da China: é o unico deste genero que veio, e foi-me cedido por que eu lhe disse que era para a casa de um Ministro; mas prometti-lhe uma pequena gratificação.

CONSTANÇA.

Parece-me que sou a heroína de um dos contos das mil e uma noites! Entretanto é tudo pura realidade. (*Em outro tom*). Meu sobrinho, não sei como pagar-te tantas obrigações!

CHICO.

Bem pago já estou eu por merecer sua aprovação tudo quanto tenho feito.

FORTUNATO (*em voz muito alta e como que zangado*).

Mim no quer fica qui Salamalé.

CHIM (*dando um empurrão em Fortunato, e imitando a accentuação Chinezã*).

Ah! bá! di lé! dináu! oh! fú! fú!

CONSTANÇA (*assustada e voltando-se para Fortunato e para o Chim*).

Que é isto?

CHICO (*aparte*).

Ai, que desmancha-se a igrejinha!

CONSTANÇA (*ainda ugastada*).

Em minha presença?!....

CHICO.

Minha tia, eu tinha previsto este incidente, desde que V. Ex. me recommendou que lhe trouxesse um Chim.

CONSTANÇA.

Mas por que ?

CHICO.

V. Ex. sabe que ha um odio implacavel dos Chins para com os Inglezes, e dos Inglezes para com os Chins.

CONSTANÇA.

Oh ! mas....

CHICO (*continuando*).

Odio, que data desde que a Inglaterra invadio a China, e a obrigou a abrir seus portos.

CONSTANÇA (*á parte*).

Em Historia ninguem o iguala.

CHICO (*continuando*).

Eis por que um Inglez vendo um Chim, é o mesmo que um gallo brigador vendo a imagem n'um espelho.

CONSTANÇA.

Então despede-se o Chim.

CHICO.

Não ; eu concilio tudo (*dirige-se a Fortunato*): Tó-tuanfor, você precisa respeitar a casa do Sr. Ministro ; não bula com o Chim, que vem ser o cozinheiro, senão temos o caldo todo entornado, não sei se me entende....

FORTUNATO.

Oh ! iésse ! mim entende vér uél di patoteixon (*dá um beijo no Chim, e o Chim dá-lhe um cascudo*).

CONSTANÇA.

Então continuão as scenas ?

CHICO (*a Constança*).

E' preciso mostrar energia, minha tia (*ao criado*): Totuantor, eu te despeço já e já !

FORTUNATO.

Oh ! no ! no ! Mister : ai vai fique sócigada.

CONSTANÇA.

Bem, meu sobrinho : elle diz que vai ficar socegado : entretanto, vamos mandal-o para dentro (*ao criado*). Está bom, vá lá para dentro. (*Sahe o criado fazendo uma respeitosa cortezia a Constança*).

CHICO (*á parte*).

Fui um optimo diplomata ; conciliei as partes belligerantes, e não perdi a gratificação para o Consignatario.

CONSTANÇA (*emquanto Chico diz este aparte observa o Chim, e depois opproximando-se a elle, pergunta-lhe :*)

Então você foi um dos cozinheiros do Imperador da China, não é assim ?

CHIM.

Xi ! xi ! xi !

CONSTANÇA.

Sabe fazer caril, preparar umas hervas, que fiquem bem verdinhas, e uma boa torta de camarão ?

CHIM.

Di camalô.... di sádín.... xi ! xi !

CHICO (*á parte*).

Isto vai ficar uma arca de Noé.

CONSTANÇA.

Meu sobrinho, creio que o Chim é um perfeito cozinheiro !

CHICO.

Sem duvida, pois se elle tem até instrumentos proprios para os trabalhos de cozinha !

CONSTANÇA.

E teu tio que gosta tanto de fritada de camarão ! hei de recommendar ao Chim que faça uma boa fritada, e lhe apresente elle mesmo : é mais uma surpresa.

CHICO.

Bem lembrado, minha tia ; é muito bem lembrado.

CONSTANÇA (*para o Chim*).

Está bom ; agora vá lá para a cozinha. (*O Chim sahe dirigindo-se a Chico*). O aluguel deste é mais modico que o de Totuanfor, não ?

CHICO.

E' justamente a metade. Mas V. Ex. deve dar ao menos 40\$000 rs. de gratificação ao Consignatario.

CONSTANÇA.

Sim ; amanhã levarás a gratificação.

CHICO (*á parte*).

O orçamento da receita vai crescendo (*alto*). Minha tia, ainda preciso de dar algumas voltas para activar as suas encommendas ; faltão certas miudezas, e....

CONSTANÇA.

Então, nada de demoras : d'aqui ha poucas horas chega o trem do caminho de ferro, e eu espero teu tio á tardinha.

CHICO.

Bem ; então, até já, minha tia

CONSTANÇA.

Até já. (*Sahe Chico*).**SCENA V.**CONSTANÇA (*só, depois de reflectir*).

CONSTANÇA.

Creio que o Inglez cedeu desta vez, por que nem ao menos exigio uma indemnisação pelo cascudo : não ha nada como fallar forte. O que eu não pude entender foi o que o Chim disse ao Inglez : ora, talvez não seja máo que Guilherme trate da creação de uma cadeira da lingua chinesa : hei de conversar com o Chico sobre este ponto, que me parece importante.

SCENA VI.

A MESMA E ADELAIDE.

ADELAIDE.

Prima, está quasi tudo prompto ; o estofador, e os officiaes trabalham com uma ligeireza que admira.

CONSTANÇA.

Pois se elles são estrangeiros....

ADELAIDE.

Por fallar em estrangeiros, que me diz você do Inglez e do Chim ?

CONSTANÇA.

Sou eu que quero que me digas como os achaste.

ADELAIDE.

Eu sei.... Prima: o tal Inglez parece-me um espartalhão.

CONSTANÇA.

E' muito intelligente ; não vês aquelle olhar tão penetrante ?

ADELAIDE.

Demais até! Mas o Chim....

CONSTANÇA (*atalhando*).

O Chim é mesmo como eu tinha imaginado: um perfeito cosinheiro, e que physionomia!

ADELAIDE.

Lá quanto á physionomia não é das melhores, e elle está pondo uns olhos p'ra o Inglez que mette medo!

CONSTANÇA (*algum tanto assustada*).

E o inglez está socegado?

ADELAIDE.

O inglez está fazendo umas carantonhas ao Chim que me tenho perdido de riso.

CONSTANÇA.

E' máo, se continuão as desentelligencias: mas emfim Guilherme não ha de tardar.

ADELAIDE.

E você não que ver o salão como está bem preparado?

CONSTANÇA.

Já vou.

ADELAIDE.

Pois eu volto agora mesmo para apreciar o inglez que está muito interessante (*sahe Adelaide*).

.. **SCENA VII.**

CONSTANÇA (só) E POUCO DEPOIS FORTUNATO.

CONSTANÇA (*tirando um papel do seio*).

Vamos ler as notas do que tenho que fazer até a hora do saráo, e durante elle. (*Lê*) (*Em outro tom, depois*

de ter lido). Bem: agora vamos ver o meu salão de recepção. (*Apparece na porta Fortunato annunciando uma pessoa, que chega*).

FORTUNATO (*annunciando em alta voz*).

Mister Serapion !

CONSTANÇA.

Quem é ?

FORTUNATO.

Mister Serrapion ; stá mesme nome muito trapalhada.

CONSTANÇA.

Pois seja quem fôr: manda entrar, e que me espere aqui. (*sahe Constança*)

FORTUNATO (*fallando para o interior*),

Mister Serapion....

SCENA VIII.

FORTUNATO, e SERAPIÃO,

(*que entra bem trajado ; calça preta, casaca preta, luvas de pellica, barba á ingleza, e grande topéte, tem maneiras attenciosas, mas algum tanto exquisitas*).

SERAPIÃO (*tomando uma larga respiração, e dirigindo-se ao creado*).

I tis vér uórm!

FORTUNATO.

Oh! iésse, sér! (*á parte*) Se continua a fallar inglez, estou perdido.

SERAPIÃO (*abanando-se com o lenço branco*).

Vér uórm!

FORTUNATO.

Oh! iêsse! sér! (*aparte*) Que diabo estará elle a dizer? Decididamente estou n'uma casa de doudos; mas, emfim, o que fôr, soará; e no emtanto venhão os trinta mil homens.

SERAPIÃO (*como que ouvindo a ultima palavra de Fortunato*).

Parece-me que o ouvi fallar em homens: pois falla tambem o portuguez?

FORTUNATO (*com resolução*).

Tão perfeitamente, como se fosse a lingua do paiz, em que nasci.

SERAPIÃO (*admirado*).

Com effeito! a sua accentuação até parece a de Brasileiro nascido em uma Provincia do Sul!

FORTUNATO (*aparte*).

Peior é essa!...

SERAPIÃO (*pondo-lhe o pince-nez*).

Entretanto a physionomia não póde negar a sua origem: apenas vi-o, disse logo comigo:— é inglez; e digo-lhe mais, parece-me até que o vi já em Londres.

FORTUNATO.

E' possivel.... é possivel.... (*aparte*) E esta! (*alto*) mas em que anno foi isso? Recordá-se?

SERAPIÃO.

Ou em 54 ou em 55 : não tenho bem presente.

FORTUNATO.

Então não é possível : por essa ocasião estava eu na Crimeia (*aparte*). Em Macacú.

SERAPIÃO.

Pois era capaz de jurar (*pondo-lhe a luneta*) que foi o senhor mesmo, com quem fallei, e até me dei muito.

FORTUNATO.

Ah ! já sei : havia de ser com meu irmão.

SERAPIÃO.

Eu logo vi que não me tinha enganado: (*com admiração pondo a luneta*) mas é o seu fiel retrato!....

FORTUNATO.

Pois se nós somos tres gemeos!

SERAPIÃO (*admirado*).

Tres gemeos?! Com-efeito! e vivem todos tres?!

FORTUNATO.

Todos tres.

SERAPIÃO.

E onde está o terceiro?

FORTUNATO (*com embarço*).

O terceiro? o terceiro está....está no interior do China ha perto de cincoenta annos!

SERAPIÃO (*admirado*).

Mas é admiravel!....no interior da China ha perto de cincoenta annos?! então não é seu irmão gêmeo; porque o Senhor não representa mais do que 28 a 30 annos.

FORTUNATO (*á parte*)

Que espicha (*alto e com resolução*). E' o que lhe digo: ha perto de 50 annos: são formaes expressões delle em uma de suas ultimas cartas.

SERAPIÃO.

Porém....explique-me....quando não....

FORTUNATO.

Eu explico a V. S. Na China contão-se os annos muito differentemente do que se conta no resto do mundo.

SERAPIÃO.

E' verdade, é verdade: dahi vem que os Chins dão uma antiguidade quasi fabulosa ao mundo.

FORTUNATO.

Justamente: ahi está porque meu irmão servindo-se do calculo chinez disse-me na sua ultima carta que estava ha perto de 50 annos no interior desse rico paiz. E fazendo eu a conta, (*tirado bolso uma pequena carteira e lapis, e vae fazendo a conta ao passo que vae fallando*)

que consiste em multiplicar 50 por 15 e dividir por 340 dá o quociente 2, e o resto 70, que vem a ser 2 annos e 70 dias; exactamente o tempo, que elle tem gasto em percorrer esse assombroso imperio.

SERAPIÃO (*tirando tambem uma carteira e um lapis*).

Cincoenta por 15, não é isto?

FORTUNATO (*olhando para a conta que fez*).

Exactamente ; e dividir por 340.

SERAPIÃO (*escrevendo, e tendo verificado*).

Não ha duvida : o quociente é 2, e mais 70, que é o resto.

SCENA IX.

OS PRECEDENTES E CONSTANÇA.

FORTUNATO (*á parte*).

Se fico, descobre-se que fallo portuguez, e estou no mato. (*Vai se retirando furtivamente*).

SERAPIÃO (*com grande seriedade, e fazendo uma respeitosa cortezia a Constança*).

Humilde criado de V. Ex. (*Constança abaixa mui pouco a cabeça, e mostra ar sobranceiro ; faz signal a Serapião para que se sente ; sentão-se ambos*). Tenho a honra de depositar nas mãos de V. Ex. esta carta (*já tem tirado do bolso a carta quando começa esta fallá*) de apresentação que me foi espontaneamente dada pela Exma. Sra. D. Rufina Batalha do Amor Divino. (*Entrega a carta a Constança, que antes de abril-a faz o*

signal de quem pede licença a Serapião: este, enquanto Constança lê, toma uma pitada, fazendo grande bulha no sorver o rapé, e depois dá um espirro assustador: sempre que tem de espirrar, perfla-se, endireita-se e solta estrondosos espirros).

CONSTANÇA (*recebe a carta, e está lendo, quando ao ouvir o espirro, assusta-se e diz*):

Ah! pensei que era uma bomba.

SERAPIÃO (*julgando que ella disse Dominus-tecum, responde*):

Obrigado a V. Ex.

CONSTANÇA (*acabando de ler a carta, no que deve gastar algum tempo*).

Minha amiga (*dirigindo-se a Serapião*) falla com tanto interesse sobre as suas pretensões, e pede-me com tanto empenho que ao menos eu o ouça, que vou com muito gosto cumprir o seu desejo. (*Em outro tom.*) Então o que deseja, Sr. Serapião?

SERAPIÃO.

Diversas cousas, Exma. Sra.; mas....

CONSTANÇA

Mas de uma só vez? Assim talvez não seja possível.

SERAPIÃO.

Em primeiro lugar, desejava apresentar a V. Ex. o projecto que tenho de uma irrigação geral para o Rio de Janeiro.

CONSTANÇA.

Essa idéa é de muita utilidade.

SERAPIÃO (*animando-se*).

Oh ! Exma. Sra. ! é uma idéa grandiosa ! Eu mesmo fiquei estupefacto depois que resolvi o problema.

CONSTANÇA.

Pois já está resolvido ?

SERAPIÃO.

Perfeitamente resolvido.

CONSTANÇA.

E póde dar-me uma explicação

SERAPIÃO.

Vou explicar a V. Ex. mui summariamente qual é o plano.

CONSTANÇA.

Ouvirei com muito gosto.

SERAPIÃO (*depois de ter-se preparado para explicar*).

Estabeleço um arco-iris artificial

CONSTANÇA (*atalhando*).

Um arco-iris artificial ? !...

SERAPIÃO.

V. Ex. admira-se?... tem toda a razão, que eu mesmo, apesar dos meus estudos de hydraulica, achei-me em grandes embarços.

CONSTANÇA.

Parece-me impossivel que....

SERAPIÃO.

Nenhuma impossibilidade, Exma. Sra. : um dos extremos do arco chupa as aguas da nossa bahia, e as vai conduzindo por um systema aereo, representando uma rede vascular, que por meio de diversas bombas de pressão e outros reservatorios especiaes, transforma agua do mar em agua doce, e a faz atravessar com certa força por innumerous aparelhos em fórma de bicos de regador, produzindo assim uma chuva geral, que constituirá a mais perfeita das irrigações !

CONSTANÇA.

A ser possivel, era um melhoramento....

SERAPIÃO (*atalhando e influido*).

Um melhoramento espantoso, Exma. Sra. Na hora de maior calor basta apertar uma mola, para que todo o machinismo trabalhe, e se veja cahir essa chuva bemfazeja.

CONSTANÇA.

Na verdade, Sr. Serapião, é grande o pensamento, mas parece-me inexequivel ; talvez porque o não comprehendesse bem. E quaes são as outras idéas ?

SERAPIÃO.

Projecto um systema de correios, como ainda em parte nenhuma do mundo existe.

CONSTANÇA (*com interesse*).

Isso sim; isso é uma necessidade palpitante: o correio tem-me pregado grandes peças, e causado muitos prejuizos pela sua proverbial irregularidade. E como pretende fazer essa reforma?

SERAPIÃO.

O plano é simples, e até economico.

CONSTANÇA.

Tanto melhor; quanto maior fôr a economia, tanto mais realçará a utilidade da idéa.

SERAPIÃO.

Aproveitando a collocação dos tubos da companhia de esgotos....

CONSTANÇA (*atalhando*).

Mas como é possivel que....

SERAPIÃO.

Perfeitamente, Exma. Sra.

CONSTANÇA

Porém, Sr. Serapião, as cartas....

SERAPIÃO.

Comprehendo a objecção de V. Exa. : tudo está prevenido.

CONSTANÇA.

Mas de que modo poder-se-ha

SERAPIÃO.

Mui facilmente. Tenho inventado um liquido composto dos mais odoriferos perfumes da Arabia e da Persia.

CONSTANÇA.

Porém é impossivel comprehender como

SERAPIÃO (*atalhando*).

Perdão : V. Exa. vai ouvir uma explicação perfeita. Este liquido tem a propriedade de vitrificar-se, ou crystallisar-se logo que está em contacto com outro qualquer liquido ; e apenas crystallizado, forma-se uma crosta dura, impermeavel, e mais lisa do que a propria malacaxeta. As cartas assim encouraçadas não attrahem miasma algum, nem mesmo os das mais terriveis epidemias ; e são impellidas em um momento sem perigo a diversos receptaculos, d'onde depois serão distribuidas.

CONSTANÇA (*á parte*).

Aqui ha especulação. (*alto*) Duvido muito Sr. Serapião. E todos terão esse liquido ?

SERAPIÃO.

O governo póde comprar-me o segredo, e vender aos particulares o liquido ; ou então, conceder-me um privilegio por 100 annos para ser eu só o seu fabricante.

CONSTANÇA (*á parte*).

Bem dizia eu. (*alto*) E quanto tenciona pedir pelo segredo?

SERAPIÃO.

Apenas mil contos de réis.

CONSTANÇA (*á parte*).

Não me enganei ! (*alto*) E' caro ! é muito caro !

SERAPIÃO.

Posso acceitar tambem o dinheiro em prestações : isso é o menos.

CONSTANÇA.

E eu digo que é o mais.

SERAPIÃO.

Já vejo que V .Exa. não me dá a sua protecção por este lado : talvez que lhe agrade mais então o meu projecto de pôr o Rio de Janeiro raso ?

CONSTANÇA (*assustada e atalhando*).

Arrasar o Rio de Janeiro ? !

SERAPIÃO.

Quero dizer, arrasar todas as montanhas existentes na cidade.

CONSTANÇA (*á parte*)

Isto é tarde. (*alto*) Sr. Serapião, nós teremos ainda muitas occasiões de fallarmos sobre este assumpto : hoje temos um saráo de recepção, (*Serapião puxa o*

relogio, e vê as horas) e por isso peço a V. S. que nos queira honrar podendo mesmo trazer o seu memorial.

SERAPIÃO.

(Tirando 3 grandes folhas de papel da Hollanda do bolso, dobradas em forma de requerimento)

Eil-os aqui, Exma. Sra. *(entregando um por um)* Um....dous....tres.... e quanto ao sarão, já que V. Exa. faz-me a honra de convidar.... *(Constança vai-se levantando e Serapião também)*.

CONSTANÇA *(atalhando)*.

Cá o espero d'aqui ha poucas horas : então, até logo.

SERAPIÃO *(tomando o chapéo, e com muita formalidade)*.

A's ordens de V. Ex.

SCENA X.

CONSTANÇA *(só)*.

CONSTANÇA.

Que tremenda massada ! mas D. Rufina pedia com tal empenho.... Este sujeito parece-me um refinado velhaco : quer arranjar-se á custa do estado. Pois hei de trazê-lo a pratica : hei de obrigar-o a fazer uma experiencia da tal irrigação no meu jardim ; e depois quero ver também esse liquido que se crystallisa, e torna-se impermeavel, ficando mais liso do que a malacaxeta. Quero vêr para crêr ! *(Em outro tom)* Mas não tarda a anoitecer : Guilherme pouco póde demorar-se : não sei se me falta ainda alguma cousa. *(De repente)* Oh ! que esquecimento ! não encommendei os musicos ! Ora esta ! e agora sahio o Chico, e só volta provavel-

mente para o saráo. Como ha de ser isto ? (*De repente e em outro tom*) Ah! Totuanfor póde ir arranjar a musica. (*Toca uma campainha*).

SCENA XI.

A MESMA E FORTUNATO.

FORTUNATO.

Mim star já qui, mileide.

CONSTANÇA.

Preciso experimentar a tua intelligencia e aptidão.

FORTUNATO.

Aptdon oh ! iésse ! mim star prompta.

CONSTANÇA.

Has de ir arranjar uma boa musica, e quando estiverem todos os convidados reunidos, e logo depois de se ler um papel em voz alta no salão, quero que a orchestra rompa uma symphonia ; entendeste ?

FORTUNATO.

Oh ! iésse ! symphoni ! vér uél ! vér uél !

CONSTANÇA.

Mas que não me faltem os musicos.

FORTUNATO.

Oh ! iésse ! mileide vai fica muito contenta.

CONSTANÇA (*para a frente da scena*).

Elle faz toda a diligencia por agradar-me. (*Ao criado*)
Então, tens entendido?

FORTUNATO.

Oh! iésse! negóça óv music deixa fica mai conta.

CONSTANÇA.

Bem. (*Em outro tom*) Agora vamos vêr o salão.

SCENA XII.

FORTUNATO (*só*).

FORTUNATO.

Aquillo lá por dentro está que mette medo! a prataria toda fóra dos faqueiros; a louça e os crystaes arrumados em profusão sobre as mesas: só eu pela minha parte já quebrei duas ensopadeiras, e um prato travesso para peixe: e o mais é que ninguem deu pelo negocio. O Chim cahiu n'uma garrafa de vinho fino, que está mesmo como um Mandarim de papo amarello!.... Eu aproveitei a occasião da mona, e passei-lhe uma revista em regra, que me rendeu uns 12\$000 réis, que já estão cá! (*batendo no bolso*) (*Em outro tom*). O tal Sr. Chiquinho é da pélle!.... Olhem que tem talento!.... leva-me a mim, e mais ao Chim para uma dessas casas, em que se vendem roupas de mascarados, e compra a rica fatióta, com que o tal Salamalé aqui se apresentou, inclusive os sapatos; e para mim aluga um soberbo vestuario de escudeiro, com que logo á noite tenho de apresentar-me para entregal-o amanhã! Este

mundo é mesmo um theatro! (*Em outro tom*). Emfim, seja lá o que for!.... em quanto pagarem.... Mas vamos tratar de arranjar o salão, para depois ver a tal musica. Godême! i tis ei vêre gud pexinxe! oh! iêsse (*vai-se*). (*Cahe o panno*).

FIM DO SEGUNDO AÇTO.

ACTO TERCEIRO.

Vista de salão ricamente decorado; cortinas, espelhos, vasos com flôres, candelabros, mobilia de estofô, etc.

SCENA I.

FORTUNATO (*só*).

FORTUNATO (*arranjando as mezas, e admirando o salão*).

Como está isto lindo! (*Cheirando as mezas, e cadeiras*) Tudo cheira a frangipani! (*Tomando o cheiro no ar*) Ah! se eu tivesse dinheiro!... é como havia de ter a sala do meu palacete. Quando vejo isto tudo, dá-me logo vontade de não trabalhar mais, e fico assim com uma preguiça... (*abrindo a boca*) Ah!... (*espreguiçando-se*) Não ha remedio: vou experimentar as molas daquelle bello divan (*deita-se no divan*). Ai! um homem deitado aqui com um bom Havana, e o côco a crescer no quintal dos Banqueiros!... Oh! i tis di verdadeire pexinxe!... O diabo é se elles quebrão da noite para o dia!... Mas, emquanto não acontece isso, que delicias! (*Em outro tom*) Ora, eu era capaz de dormir aqui uma sonéca bem agradável...

SCENA II.

O PRECEDENTE e GUILHERME (*que traz botas á mineira, sobretudo de viagem, chapéo de Chile, e chicote de cavallo na mão*).

GUILHERME (*entrando rapidamente e dizendo ao entrar*).

Ora, afinal, cheguei. (*Fortunato ao ouvir-o e vê-lo, pula do divan, pára diante de Guilherme, que tambem estaca diante de Fortunato, e lhe pergunta com força*). Quem é você, sô bife ?

FOTUNATO.

Oh ! você vem insulta mim in meu casa ?

GUILHERME (*levantando o chicote para Fortunato, e approximando-se delle*).

Tua casa, grandississimo bife ? (*parando de repente, e olhando com admiração para toda a sala, diz em outro tom*) Será possível que eu me tivesse enganado com a porta ?!.... Oh ! e esta ! isto está completamente mudado.

FORTUNATO (*aparte*).

Ai, que este é o patrão !

GUILHERME (*para Fortunato*).

Que fazes aqui ?

FORTUNATO.

Mim star incumbida tu limpar sale óv visít, guêbnet óv Milord, scóvar fata ; ai star criada óv patent. Agora mim quer cem libres sterlins óv indemniseixion, ou satisfecxion (*ameaçando jogar o socco*).

GUILHERME (*estupefacto*).

Homem dos diabos, quem é que mora aqui? Sou eu, ou você?

FORTUNATO.

Mim quer indemnizeixion, ou satisfecxion (*ameaçando jogar o socco*).

GUILHERME (*indignado e attonito*).

Com mil diabos! em que estou eu mettido!!.... (*quasi gritando*). Não é aqui que mora a Sra. D. Constança? (*muito alto esta ultima palavra*).

FORTUNATO.

Constance; oh! iésse!

SCENA III.

OS MESMOS E CONSTANÇA.

(*que vem attrahida pelo grito de Guilherme*).

CONSTANÇA.

O' meu Guilherme!.... aqui estou: como estás? que que grito tamanho dêste para me chamar (*abraça-o*). (*Apenas Constança entra Fortunato escapa-se furtivamente para o interior*),

GUILHERME (*estupefacto*).

Constança, o que é isto? que faz aqui este insolente.... (*olhando para o lugar onde estava o creado*) mas já não o vejo; querem ver que é algum ladrão?!

CONSTANÇA.

E' Totuanfor; nosso creado inglez.

GUILHERME.

Creado inglez? pois eu tenho algum creado inglez? Constança, estás gracejando?

CONSTANÇA.

Não estou; temos, temos, um.

GUILHERME (*á parte*).

E esta! isto é capaz de fazer-me virar o miolo de dentro para fóra. (*Constança dá uma risadinha, que Guilherme percebe*).

CONSTANÇA.

Você está muito admirado, não é isto? eu logo vi que tinha de haver grande esparrame: pois tranquillize-se; mas tenha paciencia por algumas horas, que de tudo saberá: olhe; não é nada de máo; antes, cousa muito boa.

GUILHERME (*ainda attonito*).

Constança, senta-te aqui.

CONSTANÇA. (*assentando-se*).

Aqui estou bem pertinho.

GUILHERME.

Dize-me, por alma de teu pai, e de tua mãe, o que significa tudo isto?

CONSTANÇA.

Significa a nossa immensa felicidade.

GUILHERME (*meio agastado*).

Constança, eu não gosto de enigmas; falla-me claro, ou o caso torna-se muito serio. (*Constança dá outra rizadinha, que Guilherme percebe*).

CONSTANÇA (*apasiguando-o*).

Meu Guilherme, não te agonies, tens um genio tão assomado.

GUILHERME (*modificando-se*).

Bem ; mas em que consiste a nossa immensa felicidade ? vejo este salão com um luxo, que eu nunca tive, nem pretendia ter ; de mais a mais vejo deitado nesta sala um insolente, que tu dizes ser o nosso creado inglez ; peço te a explicação destas novidades, e tu me respondes que é a nossa immensa felicidade ? que enigma é este ?

CONSTANÇA.

Não me desdigo : é a nossa immensa felicidade.

GUILHERME.

Tiraste a sorte grande ?

CONSTANÇA.

Não ; mas é cousa ainda melhor que a sorte grande.

GUILHERME (*um pouco afflicto*).

Algun parente meu, ou teu, deu-te uma pipa cheia de ouro ?

CONSTANÇA.

Não ; não foi nada disso.

GUILHERME (*encomodando-se cada vez mais*).

Achaste algum thesouro occulto em alguma parte desta casa, e fizeste logo estas despezas de luxo ?

CONSTANÇA.

Não achei thesouro nenhum.

GUILHERME (*crecendo-lhe a impaciencia*).

Encontraste algum brilhante do tamanho da cabeça de um boi ?

CONSTANÇA

Qual brilhante ? os brilhantes encontram-se assim no meio da rua?

GUILHERME (*impaciente*).

Então que é isto ? em uma palavra p'ra que são estes espelhos, estas cortinas, enfim todas estas cousas que custão tanto dinheiro ?

CONSTANÇA.

Para ornar o nosso salão.

GUILHERME (*mudando de tom*).

Ah ! já sei : tudo isto foi um presente que nos fizeram, não é assim ? dize, dize quem foi que o mandou.

CONSTANÇA.

Hoje ninguem faz destes presentes.

GUILHERME (*como que cahindo em si*).

E' verdade que não se póde mandar de presente um creado. (*A' Constança*) Constança, eu principio a impacientar-me : se estás brincando, olha que o gracejo ja passa dos limites.

CONSTANÇA.

Affianço-te que não brinco, e que tudo quanto estou dizendo é muito serio.

GUILHERME.

Mas não disseste cousa alguma.

CONSTANÇA.

Disse-te que tudo isto significa a nossa immensa felicidade.

GUILHERME (*tentando um ultimo esforço*).

Mas, minha Constança, vem cá : tu não tiraste a sorte grande, ninguem nos fez presente, nem de dinheiro, nem destes moveis ; tu não achaste thesouro algum, não encontraste brilhante monstro, não tinhas dinheiro para tanta cousa, e de tanto luxo, como se explica então a existencia de tudo quanto estou vendo de novo ?

CONSTANÇA.

Pela nossa immensa felicidade.

GUILHERME (*formalisado*).

Constança, eu peço-te que te retires, deixa-me socegar um pouco a cabeça.

CONSTANÇA.

Retirar-me-ei ; (*dá outra risadinha que Guilherme percebe*) então até já.

GUILHERME.

Sim ; sim. (*Sahe Constança*).

SCENA IV.GUILHERME (*só, e meditando*).

GUILHERME.

Esta idéa é horrivel ! antes tê-la vindo encontrar morta, e já sepultada!.... oh! mas, por Deus, que é a unica explicação possível ! que desgraça ! Em 8 dias uma mudança assim ? uma cousa como talvez a ninguem tenha acontecido ! Sou muito infeliz !.... Vou mandar chamar o Dr. Romeu : quero consultal-o, por que desgraçadamente não é possível que seja outra cousa senão o que eu penso. (*Em outro tom*). Mas é verdade ; hoje é domingo. e é provavel que elle venha, como de costume, passar a noite comnosco. Quando um homem está fóra de sua casa deve estar sempre com o coração sobresaltado.

SCENA V.

O PRECEDENTE E DR. ROMEU

(*de oculos verdes, sobrecasaca, bengala, e grande lenço de seda na mão*).

DOUTOR.

Dá licença? (*entrando*).

GUILHERME.

Oh! ahi está elle.

DOUTOR (*comprimentando a Guilherme*).

Então, chega agora mesmo da Fazenda, não é assim?
como está? (*olha com admiração para a sala*).

GUILHERME.

E' verdade; cheguei, e estava desejando que o Dr.
chegasse tambem.

DOUTOR.

Então, algum encommo?

GUILHERME (*com tristeza*).

Cousa muita seria!

DOUTOR.

Sim? (*Em outro tom*) Mas que é isto! ha algum
casamento hoje aqui? que luxo é este? estou desconhe-
cendo tudo! na verdade está com um salão magnifico!
dou-lhe os parabens!

GUILHERME.

Dê-me antes os pêsames; porque sou victima de uma
terrivel infelicidade.

DOUTOR (*com interesse*).

Como assim?

GUILHERME.

Sente-se, Dr. (*sentão-se ambos*)

DOUTOR.

Estou afflicto por saber: D. Constança está doente?

GUILHERME,

E julgo que gravemente....

DOUTOR.

Oh! isso é máo!

GUILHERME.

Meu amigo, o Senhor é o nosso Medico, o nosso amigo particular, e conselheiro; valha-me por quem é.

DOUTOR.

Meu amigo, acabe de fallar, que estou já assustado.

GUILHERME

Minha mulher. . . . minha mulher está louca!

DOUTOR (*á parte*).

Tinha muita propensão. (*alto*) Que diz, meu amigo? louca? pois é possível? uma Senhora de tanto juizo?!.....

GUILHERME.

Pois perdeu-o todo.

DOUTOR.

Ora!.... ora!.... Meu amigo, mas quem lhe disse isto?

GUILHERME.

Está louca ! louca varrida!.

DOUTOR (*levantando-se*).

O senhor está gracejando ; mas sua senhora louca, e a casa prompta como se fosse para um saráo ? ! Então enlouqueceu agora mesmo ? !

GUILHERME.

Acabo de chegar, não ha meia hora ; e do mesmo modo que o doutor, fiquei eu surprehendido ao vêr o luxo deste salão : além disto, encontro um inglez deitado naquelle divan

DOUTOR

Máo ! (*alto*) Um inglez ? !

GUILHERME.

Sim ; um inglez, que por não conhecer-me, até insultou-me

DOUTOR (*aparte*).

O caso é para uma reparação !

GUILHERME.

Nisto chega minha mulher ; pergunto-lhe a significação de tão estranho successo, e ella com um ar de quem sentia um prazer ineffavel nada me explica.

DOUTOR (*admirado*).

Nem mesmo a presença do inglez ?

GUILHERME.

Disse que era um criado inglez que nós temos : ora, doutor, esta resposta já não me agradou ; e como eu

muito extranhasse, ella insistio, insistio em que era o nosso criado inglez.

DOUTOR.

Isto parece uma feitiçaria ! E quanto á causa desta mudança, deste apparatus, que disse ella ?

GUIEHERME.

Respondeu enigmaticamente, e o mais que fazia era terminar sempre com este estribilho — que tudo isto significava a nossa immensa felicidade.

DOUTOR.

Ah ! então póde ser que....

GUILHERME.

Não é nada do que pensa, doutor: tambem eu cuidei que era algum desses successos inesperados, como a sorte grande, uma herança extraordinaria, etc., etc.

DOUTOR.

Pois não é isso, ou cousa semelhante ?!

GUILHERME.

Declarou-me formalmente que nada era do que eu lhe tinha figurado : emfim, perguntei-lhe até se era alguma brincadeira ; disse-me que não ; e que era negocio muito sério ; mas ao mesmo tempo, que eu me tranquillisasse, porque era cousa muito boa ; emfim, que era a nossa immensa felicidade.

DOUTOR.

A' vista disso já vou principiando a achar fundamento na sua suspeita.

GUILHERME.

Oh! de certo! sou o mais infeliz dos homens!

DOUTOR.

Mas diga-me, notou além de tudo isso alguma cousa singular no seu gesto, no seu modo, no seu riso?....

GUILHERME (*atalhando*).

E' verdade: por duas ou tres vezes notei-lhe nmas risadinhas, que me parecerão fóra de tempo.

DOUTOR

(*estendendo o beico, batendo com a bengala vagarosamente na mão, e meneando com ar descontente a cabeça*).

Então, meu amigo, o negocio é mais serio....

GUILHERME.

Dr., que diz? não me enganei? Oh! sou o mais desgraçado dos homens!

DOUTOR (*animando-o*).

Mas eu não posso assegurar por ora nada: não conclua já de uma simples suspeita tão terrivel diagnostico.

GUILHERME.

Oh infelizmente ninguem agora poderá dissuadir-me de tal opinião!

DOUTOR.

Olhe; como tenho familiaridade na casa, vou conversar com ella: por ora não lhe appareça, e fique aqui me esperando; que eu tenho una pratica de conhecer estas enfermidades como ninguem.

GUILHERME.

Sim, meu amigo; vá, e Deos permitta que ambos nos enganemos.

DOUTOR.

Pois bem; espere-me, que já volto. (*Sahe o Dr.*)

SCENA VI.GUILHERME (*só e triste*).

GUILHERME.

O Dr. suspeitou muito bem: aquella pergunta sobre os gestos, e risos!.... não ha duvida!.... (*Em outro tom*) Eu estou até com medo de entrar para o interior de minha casa: tenho o coração tão apertado, e a imaginação tão cheia de horrores, que de mim proprio estou assustado! Já pensei até que era eu mesmo que estava louco, e que era fantastica a existencia de todas estas cousas; que tal inglez só na minha imaginação existia; emfim, que só na minha cabeça é que tinham realidade esses objectos! Sim, já pensei nisto; até mesmo que Constança não me contrariava, mas antes buscava confirmar que era real o que eu via, explicando para me consolar que era tudo effeito de uma immensa felicidade....

SCENA VII.

O PRECEDENTE E UM CAIXEIRO.

CAIXEIRO (*entrando e entregando um escripto aberto a Guilherme*).

O Sr. Libanio manda entregar este escripto á senhora. (*Retira-se depois de entregar o escripto*).

GUILHERME (*com precipitação tomando o escripto, e exclamando depois de lê-lo*).

Oh ! não sou eu de certo que estou louco ! Leiamos outra vez (*lé*). “ Minha comadre e senhora. Já entreguei os tres contos e quinhentos da venda dos seus escravos Francisco e José, que forão vendidos para Serra acima : servi-me para a venda daquella procução geral, que tenho do compadre. Agora rogo-lhe que me mande a roupa dos ditos escravos. ” Oh ! isto é incrível ! vender os dous melhores escravos que eu tinha ! dous crioulos, que muitas vezes carreguei em meus braços ! Meu Deos ! a que abysmo nos pôde lançar a falta de juizo ! Oh ! agora enlouqueço eu !....

SCENA VII.

O PRECEDENTE E O DOUTOR (*com o beijo estendido, ar triste, andar pausado e batendo vagarosamente com a bengala na mão*).

DOUTOR.

Meu amigo, sentemo-nos (*sentão-se ambos*).

GUILHERME.

Vamos ouvir a nossa sentença. Então, doutor ?

DOUTOR.

Meu amigo, procedi, sem que D. Constança o percebesse, a um exame profundo, e a conclusão que tirei foi....

GUILHERME (*atalhando*).

Que está....

DOUTOR (*acabando a phrase*).

Com uma certa porção da *massa cerebral* em uma effervescencia *tal* que me parece ser devida á intensidade do calor desta cidade *intertropical*, tão falta do elemento *vegetal*, que é sem contestação o refrigerante mais *natural*.

GUILHERME.

Mas, doutor, então attribue ao calor ?

DOUTOR.

De certo : este sol ardente que nos tósta durante 12 mezes....

GUILHERME.

Porém será só o calor ?

DOUTOR.

Perdôe-me : o calor foi causa determinante ; mas eu attribuo este desgraçado estado á influencia deleterea daquelle miasma, que sua senhora respirou residindo perto daquelle brejo que ha em sua Fazenda.

GUILHERME.

Mas, ha tanto tempo!...

DOUTOR.

Não importa : esteve de incubação ; e desabrochou agora.

GUILHERME.

Então, doutor, minha mulher está louca ? E' impossível cural-a ?!....

DOUTOR.

Tranquillise-se : ella apenas tem uma monomania, que ainda não pude descobrir, mas que tenho toda a esperança de curar.

GUILHERME.

Sim, doutor ; creio em tudo quanto me diz ; mas esta molestia póde tornar-me desgraçado, sim, desgraçado na extensão da palavra....

DOUTOR.

Como assim ?

GUILHEME (*mostrando ao doutor o escripto*).

Veja que terriveis effeitos ! Por este bilhete vim a saber que ella vendeu por tres contos e quinhentos os dous melhores escravos, que eu possuia, o José e o Francisco....

DOUTOR (*admirado*).

Oh !.... (*á parte*) Aqui anda grande patifaria !....

GUILHERME.

E que me diz a isto, doutor ?

DOUTOR (*com muita seriedade*).

Que convém recolhel-a ao Hospicio de Pedro II.

GUILHERME.

Mas, doutor, ha loucura que dê para fazer estes gastos assim !

DOUTOR.

Ha ; pois não : é a mania da prodigalidade.

GUILHERME.

Pois bem, doutor ; eu estou resignado ; vamos tratar de pôl-a no Hospicio : meu Deos ! quem havia de dizer ! ?

DOUTOR.

Não ; isso não vai assim ; eu desejo primeiro fazer algumas experiencias ; e demais, o que lhe convém, ao menos de hoje até amanhã, é não contrarial-a.

GUILHERME.

Mas se ella quizer que eu venda a Fazenda. por exemplo ?

DOUTOR.

E' o que lhe digo : não contrarial-a, não contrarial-a em cousa alguma ; porque se oppuser resistencia, póde sobrevir-lhe um accesso violento, e tentar até contra a vida do meu amigo.

GUILHERME.

O que diz, doutor ? inda mais essa ?

DOUTOR.

E' o que lhe digo : não a contrarie, não a contrarie ; recommendo-lhe muito isto. (*Em outro tom*) Olhe, vá agora para dentro ; converse um pouco, mostre-se alegre ; a proposito, diga-lhe que a mesa está muito bem preparada, e que a cêa ha de ser magnifica.

GUILHERME.

Que mesa, doutor, que cêa ? !

DOUTOR.

Aquelle grande banquete que ella mandou preparar : pois ainda não vio ?

GUILHERME.

Nem fui ainda á sala de jantar !

DOUTOR.

Pois está preparada uma mesa esplendida com mais de 50 talheres.

GUILHERME.

Que diz, doutor ?

DOUTOR.

E' verdade.

GUILHERME.

Meu Deus! eu fico completamente arruinado!

DOUTOR.

Mas vá, vá, e não a contrarie, nem se mostre zangado,

senão póde ser victima de um accesso de furor, e então são dous males em logar de um.

GUILHERME.

Isto não se acredita! Oh! tenho raiva e desgosto ao mesmo tempo! (*enxuga as lagrimas*).

DOUTOR

Não perca tempo; vá; tome o meu conselho (*empurrando-o para dentro*). (*Sahe Guilherme*).

SCENA IX.

DOUTOR (*só*).

Já agora daqui não saio: a cêa promette ser de paciente, e de mais, quero ver o desfecho de toda esta embrulhada. (*Entrão creados e accendem vellas*) A fallar a verdade, pareceu-me ao principio, pelo que me disse esta victima matrimonial, que a mulher estava louca; porém indo vê-la, mudei logo de opinião, e conheci que havia maroteira grossa. Ella não me disse uma só palavra que me esclarecesse este enigma; mas que se havia de dizer ao marido? . . . Ora se eu fosse casado, e me succedesse uma semelhante!? . . . E esta! com a idade que tenho é a primeira vez que tal vejo: bem diz o dictado: quem mais vive, mais aprende! Que ella gosta de gastar á larga, sabia eu, por que tenho presenciado desperdicios daquelles, que a lei evita com a nomeação de um Curador: mas aqui o marido não é, como no fôro se diz, cabeça de sua mulher, a mulher é que é a cabeça do marido! Ah! mundo! mundo! Cá na minha opinião ella não está louca; mas antes dal-a como tal, por que quando Guilherme venha a descobrir que ella não o está, o mais que poderá dizer é que me enganei. Ora, isto acontece-nos a todos os instantes. . . .

SCENA X.

O PRECEDENTE; E GUILHERME.

(já de calça preta, e casaca preta: Constança e Adelaide elegantemente vestidas: Guilherme finge conversar baixo com o Doutor; Adelaide passeia pelo salão, endireita as roupas, e mira-se nos espelhos.)

CONSTANÇA *(para a frente da scena).*

Guilherme parece estar mais calmo: eu bem previa que isto havia causar-lhe um grande choque: fiquei até receiosa de que elle enlouquecesse! *(Em outro tom)* As minhas visitas não podem tardar muito.

GUILHERME *(baixo ao doutor).*

Contrafiiz-me o mais que pude.

DOUTOR *(baixo a Guilherme).*

E' ir continuando: olhe o acesso de furor.

CONSTANÇA *(a Guilherme).*

Este salão está de fazer furor, ein?

GUILHERME *(baixo ao doutor).*

Que diz ella, Doutor, está com o acesso de furor?

DOUTOR *(baixo a Guilherme).*

Por ora ainda não.

CONSTANÇA *(a Guilherme).*

Então, Guilherme, não me respondes?

GUILHERME (*contrafazendo-se*).

Oh! pois não!

ADELAIDE (*á parte*)

O Chiquinho já podia estar aqui. (*Neste momento entra Fortunato com um rico fardamento de escudeiro; dirige-se em distancia respeitosa a Guilherme, e faz-lhe uma respeitossissima cortezia*).

GUILHERME (*mordendo os beiços, e baixo ao Doutor*).

Doutor, olhe o tal inglez; olhe, pois é possivel que eu consinta este maroto....

DOUTOR (*baixo a Guilherme*).

Olhe o accesso, olhe o accesso. . . . (*Guilherme dá um suspiro*).

CONSTANÇA (*a Adelaide*).

Parece-me que Guilherme achou bonito o fardamento de Totuanfor. (*Nesta occasião Fortunato dirige-se em distancia respeitosa a Constança e faz-lhe tambem uma profunda cortezia*).

CONSTANÇA (*baixo a Fortunato*).

Então, já trataste a musica?

FORTUNATO (*baixo a Constança*).

Oh! iésse! bone musique! (*Depois de dar esta resposta colloca-se perfilado á porta da entrada do salão*).

ADELAIDE.

Parou um carro: quem será?

FORTUNATO (*annunciando em alta voz um convidado que chega*).

Mister Serrapion!. . . .

SERAPIÃO (*entrando com grande seriedade faz uma cortezia respeitosa a Constança, e diz-lhe*):

Humilde creado de V. Ex.

CONSTANÇA (*correspondendo á saudação*).

Oh! Sr. Serapião! (*apresentando-o a Guilherme que o fita com ar assustado; Serapião faz-lhe uma cortezia tal que quasi toca o chão com a cabeça*) Guilherme, tenho a satisfação de apresentar-te o Sr. Serapião. (*Guilherme faz um cumprimento secco a Serapião*).

DOUTOR (*á parte*).

Eu creio que ella mandou convites ao Hospicio de Pedro 2.º

GUILHERME (*baixo ao Doutor*).

Quem será este jamanta, Doutor?

DOUTOR (*baixo a Guilherme*).

E' o Sr. Serapião: trave conversa com elle, e não o contrarie, por que parece-me que tem tambem pancada na bóla, e si o tratar mal, póde excitar-lhe um accesso de furor.

GUILHERME (*para a frente da scena*).

Si eu não estou louco, fico-o de certo agora!

CONSTANÇA (*a Adelaide*).

Meu sobrinho tarda: que demora!

ADELAIDE.

Nã sei o que é isto.

CONSTANÇA.

Talvez queira fazer-me alguma surpresa.

SERAPIÃO (*procurando travar conversu com Guilherme offerece-lhe uma pitada, que Guilherme acceta*).

Nã sei si sou importuno perguntando a sua judiciosa opinião sobre os meus 3 projectos....

GUILHERME (*sem saber o que ha de responder*).

Os seus projectos, sim, Senhor....

SERAPIÃO (*atalhando*).

Ora, por exemplo, aquelle meu projecto do arrasamento do Rio de Janeiro....

GUILHERME (*á parte*).

E' louco; não ha mais que duvidar!

DOUTOR (*á parte*).

Eu já não estou muito bem aqui.

SERAPIÃO (*continuando*).

Sim; esse apezar de ser muito importante não se compara em vantagem com o da irrigação feita por meio do arco-iris artificial chupando as aguas da nossa bahia,

DOUTOR (*á parte*).

Isto inda hoje acaba em grande pancadaria.

SERAPIÃO (*dirigindo-se ainda a Guilherme*).

Não acha que tenho razão?

GUILHERME,

Oh! sem duvida! (*á parte*) Nada de contrarial-o.

SERAPIÃO.

Mas sobre todos o de mas palpitante necessidade é o da reforma do correio,

DOUTOR (*entrando na conversa*).

Apoiado: uma reforma completa no correio é o maior serviço que se póde prestar ao paiz.

SERAPIÃO.

Então V. S. é da minha opinião?

DOUTOR.

Concordo inteiramente; e teria muito gosto em apresentar-lhe um pequeno trabalho, que traduzi do hebraico sobre os correios. (*á parte*) O homem não é o que eu suppunha!

SERAPIÃO.

Nesse caso, querendo V. S. combinar comigo....

DOUTOR.

Onde reside o Senhor?

SERAPIÃO

Na Praia Vermelha....

DOUTOR (*atalhando*)

Basta.

SERAPIÃO (*querendo explicar-lhe bem a residencia*).

Sabe onde é o Hospicio de Pedro 2.º;

DOUTOR (*atalhando novamente*).

Já sei; basta; não precisa dizer mais. (*á parte*) E' um louco que fugiu do Hospicio!

CONSTANÇA (*a Adelaide*).

Que demora de Chiquinho! já me está assustando.

ADELAIDE.

E a mim: quem sabe o que aconteceu!

FORTUNATO (*annunciando em voz alta*).

Agora vae entra genera humano toda! (*Neste momento ouve-se uma grande vozeria da parte de fóra gritando: Viva S. Ex.! viva S. Ex.! viva! viva! e vem logo entrando em grande tropel muitas Senhoras e grande numero de homens, todos de casaca e bem vestidos*).

GUILHERME (*ao ouvir a gritaria, e vendo a multidão invadir-lhe a sala, vem com passo apressado para a frente da scena, e pondo as mãos na cabeça, exclama:*)

Meu Deos! tudo isto serão doudos?!....

CHICO (*pondo a cabeça fóra de um bastidor, diz :*)

Isto foi encommenda minha ! (*recolhe-se*).

DOUTOR (*muito assustado ao ver aquelle exercito de mulheres e homens entrar, corre para junto de Guilherme, e diz-lhe :*)

Meu amigo, o mais prudente é fugirmos.

GUILHERME.

E minha pobre mulher ?

DOUTOR.

Ella está louca : vão-se os anneis, fiquem os dedos !

(*Os convidados gritão outra vez : Viva S. Ex. ! Viva S. Ex. ! Viva ! A confusão emurmurio não cessa, desde que entrar a multidão de convidados.*)

CHICO (*pondo outra vez a cabeça fóra do bastidor*).

Eu quero ver cá de fóra quando a bomba arrebentar !

CONSTANÇA (*surgindo d'entre a immensa chusma, cujo murmurio vai serenando pouco a pouco*).

Obrigada ! muito obrigada ! (*Todos os convidados vão formando circulo ; dirigindo-se ao doutor :*) Sr. Dr. Romeu (*o doutor assusta-se*), peço-lhe o favor de ler em alta voz este papel (*entregando-lhe o officio fechado, e o doutor hesitando em receber*).

GUILHERME (*aparte ao doutor*).

Não a contrarie.

DOUTOR (*acceitando o papel e aparte*).

E esta !

GUILHERME (*aparte*).

Que será isto, meu Deos?!.....

CHICO (*pondo de novo a cabeça fóra do bastidor*).

E' agora : lá vai a bomba !

DOUTOR (*depois de ter aberto com toda a formalidade o officio, e lendo assustado*).

“ Tendo sido V. S. nomeado Ministro..... (*Todos os convidados atalhando: Viva S. Ex. ! Viva S. Ex! Viva ! Viva !*)

DOUTOR (*lendo de novo*).

“ Tendo sido V. S. nomeado Ministro..... (*Nova interrupção dos convidados que gritão: Viva S. Ex. ! Viva S. Ex. ! Viva ! Viva !*)

DOUTOR (*lendo pela terceira e com firme tenção de ir até o fim*).

“ Tendo sido V. S. nomeado Ministro da Ordem 3^a de S. Francisco da Penitencia.....

TODOS OS CONVIDADOS (*com o maior espanto possível*).

Oh !!! Oh !!! Oh !!!

CONSTANÇA (*attonita e atalhando*).

Deutor, o que é que está lendo ?

DOUTOR (*lendo em voz muito alta*).

“ Ministro da Ordem 3.^a

CONSTANÇA (*desmaiando, e dando um grito agudissimo*).

Ah!.... (*Guilherme, Adelaide e o Doutor acodem a Constança*).

CHICO (*como pouco antes*).

Que terrivel *qui-pro-qué!!!* (*Neste mesmo instante entra Raymundo com uma grande rodinha de fogo já accesa*).

RAYMUNDO (*sempre com a rodinha*).

Este é o verdadeiro fogo de senhora! (*A musica entra conjunctamente com Raymundo, e vem já tocando de dentro a harpa e rabecas, e cantando*):

Viva Garibaldi
E Victor Manoel,
Comendo macarrão
Embrulhado no papel!

O CHIM (*apparece tambem na mesma occasião, gritando, muito embriagado*):

Camalô! sádin! xi! xi!

FORTUNATO (*grita com toda a força*):

Godême!....

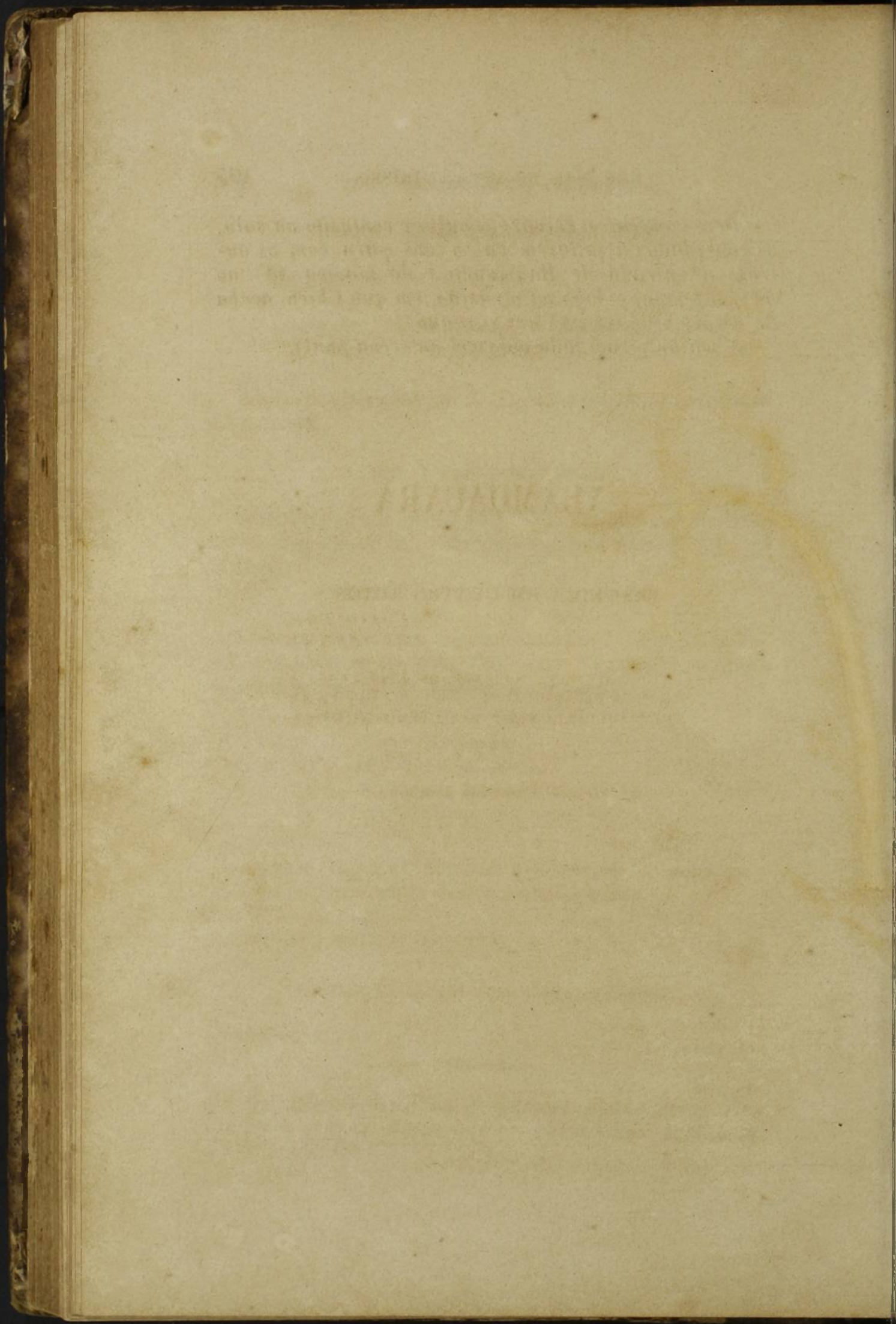
SERAPIÃO

(*dá estrondosos espirros, e passeia abanando-se com o lenço branco, desde que os convidados exclamão: Oh! Oh! Oh!*)

(Deve começar a reinar tumulto e confusão na sala, os convidados a fallarem baixo uns para com os outros; a entrada de Raymundo e da musica são ao mesmo tempo, e logo na occasião em que Chico acaba de dizer: Que terrivel qui-pro-qué!

(A maior vivacidade possivel na scena final).

FIM DO TERCEIRO E ULTIMO ACTO.



ABAMOACARA

TRAGEDIA EM QUATRO ACTOS

COMPOSTA NO ANNO DE 1845.

PERSONAGENS.

ABAMOACARA, Cacique convertido.
PORANGABA, esposa do dito.
AMU' amiga da dita.
CAMARARA, amigo do cacique
SEBASTIAO, Padre da Companhia de Jesus.
ANSELMO, cavalleiro portuguez.

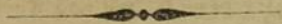
MULTIDÃO DE CAMPONEZAS.

A scena é em uma aldeia do Rio de Janeiro.

ABAMOACARA.

ACTO PRIMEIRO.

O theatro representa uma sala da casa de Abamoacára singelamente mobiliada.



SCENA I.

O PADRE SEBASTIÃO, E CAMARARA.

CAMARARA.

Venerando senhor, quanto me alegre
De ver-te junto a mim, deixa que beije
Tuas sagradas mãos : (*curra-se e beija*).

SEBASTIÃO.

O Omnipotente
Te abençõe, meu filho :

CAMARARA.

Elle te escute (*levantando-se*)SEBASTIÃO (*como fatigado e buscando sentar-se*).

Deixa-me repousar por um momento,
Que mui cansado estou :

CAMARARA.

Acaso sentes
Alguma enfermidade ?

SEBASTIÃO.

Não ; não tanto :
Fatigou-me uma assás longa jornada,
Que acabei de fazer : dez leguas forão.

CAMARARA.

E porque causa assim te separaste
P'ra tão longe de nós ?

SEBASTIÃO.

Porque não devo
Um instante perder de util mostrar-me
A'quelles, que inda cegos desconhecem
O verdadeiro Deos :

CAMARARA.

Ah ! como é justo.
Quão grande é o zelo teu em propagares
As sacrosantas leis do Christianismo !

SEBASTIÃO.

Preencho o meu dever, quando procuro
 A' igreja reverter almas perdidas,
 Mergulhadas nas trevas : nem mereço
 Por tal modo de obrar encomios tantos :
 Grande premio é p'ra mim ver derribadas
 Falsas doutrinas, irrisorias crenças ;
 E de prazer minha alma se assoberba
 Quando os hymnos christãos cantados ouço
 Pelas boccas d'aquelles, que converto !

CAMARARA.

Sacerdote fiel do Deos, que adoro,
 De teu peito a doçura, a suavidade
 Cada vez mais me encantão ! quanto prezo
 O momento feliz, em que levado
 Pela sagrada fé, em que te inflammas,
 A' nós te dirigiste ! Quanto prezo
 A devida instrucção que prodigaste
 A' um selvagem grosseiro, qual eu era !
 Agora que conheço, bem que tarde,
 Que não devem, quaes feras, ser os homens,
 Que nelles ha creado a Natureza
 A força de pensar ; agora, amigo,
 Me envergonho de ter tão mal vivido,
 Sem costumes, sem lei, entregue á sorte ;
 Agora me envergonho que pudesse
 Esquecido deixar entre cavernas,
 E cerrados sertões correr a vida,
 Que de outra sorte desfructar devêra !

SEBASTIÃO.

Indo á tempo, meu filho, arripiaste
 A carreira do mal : a tempo viste
 Em tua alma brilhar a refulgente
 Santa luz da verdade ! Nota agora
 O doce influxo desta nova crença ;

Sim, hoje não verás, qual d'antes vias,
 Nestes bosques, e matas verdejantes
 — Medonha habitação de atrozes feras:
 Hoje á teus olhos cultivados campos
 Só devem parecer ! as mesmas flores,
 Que outr'ora tristemente desbrochavão
 Por entre espinhos mil, hoje te ensinão
 A' um Deos reconhecer na forma, e graça,
 Com que bellas se ostentão ! e o grato aroma,
 Que dellas exhalando ao céu remonta
 Hoje p'ra ti será, qual puro incenso
 Em louvor do teu Deos, thuricremado
 De sobre o sacro altar da natureza !
 Das aves o gorgueio, o terno canto
 Ao feliz acordar de aurora amena,
 O surdo murmurar do claro arroio,
 Que sobre as verdes flores se espreguiça,
 O fagueiro soprar da doce briza,
 Que tão branda resôa entre a folhagem,
 Como um hymno será em teus ouvidos
 Cantado pela voz da natureza.
 Ao supremo Senhor de quanto existe !...
 Tão sublimado é pois o Christianismo !
 Tal da Religião sancta a influencia !
 E pois não sentes tú quanto te hei dito ?

CAMARARA.

Padre, quanto em minha alma se ha passado
 Des que por ti eu fôra convertido,
 Explicar-te não sei, só sei sentil-o !
 As gratas emoções, que ora experimento
 Bem diversas daquellas, que nutria,
 Ah ! pintar-te não sei ! e se podessem
 Palavras descrevel-as, eu dissera
 Que semelhante áquelle, que privado
 Da luz des que nasceu, se a vê, e goza ;
 Encantado de tudo quanto o cerca
 Não se póde faltar de aprecial-a,

Assim agora desfructar pareço
Essa luz refulgente, que extinguiu
A densa escuridão, em que jazia !...

SEBASTIÃO.

Assás folgo de ouvir-te : mas agora
Que já bastante recorrido temos,
Busquemos outro assumpto : dize, sabes,
Por ventura o motivo da alegria
Que hoje na Aldeia reina ?

CAMARARA.

Eu o ignoro.

SEBASTIÃO.

Como ha pouco cheguei de longe, a causa
Saber não pude ainda.

CAMARARA.

Se desejas,
Vou ver os Aldeões ; e dentro em pouco
De tudo saberei.

SEBASTIÃO.

Pois sim, meu filho. (*Sahe Camarara*).

SCENA II.

SEBASTIÃO (*só*).

Sancto Deus dos Christãos ! quanto te devo !
Feliz o ente que por ti levado
Abraça tuas leis ! ditoso aquelle,
Que abrasado da fé, que nos inspiras,
Ufano zomba das mundanas pompas !
Sim ; estes Aldeões, que inda ha bem pouco,

Sem terem outras leis, que os dirigissem
 Mais que a lei natural, que então seguião ;
 Sem ter visto, senão aquelles rostos
 Tostados pelo ardor do sol brasileiro ;
 Que inda immersos na insana idolatria,
 Só cultos á Tupá cegos rendião ;
 Sim ; esses Aldeões, hoje contentes
 Já se mostram agora mais affaveis ;
 E quem póde negar a força tua,
 Santa Religião ? tu que requintas
 Os sentimentos da alma !

SCENA III.

O PRECEDENTE, E ABAMOACARA.

ABAMOACARA (*que entra perturbado*)

Idéa horrivel !

Se assim fosse

SEBASTIÃO (*assustado*)

Que tens, filho ?

ABAMOACARA (*embaraçado*).

Meu Padre

SEBASTIÃO.

Tamanha agitação ?

ABAMOACARA

Uma lembrança

Me faz estremecer !

ABAMOACARA.

115

SEBASTIÃO.

E saber posso

O que te agita ?

ABAMOACARA.

Escuta-me primeiro :

Hoje ao romper da aurora passeava
Pela Aldêa ; e contente de mim mesmo
Sonhava com a ventura ; a madrugada
Era bella, e serena ; as aves todas
Entoavão seu hymno prazenteiro ;
Mas depois dirigindo-me apressado
Para casa, avistei.... oh ! inda tremo....

SEBASTIÃO.

Pois o que viste então ?

ABAMOACARA (*com voz surda*).

Um estrangeiro....

SEBASTIÃO.

E te assustas com a vista de um estranho ?

ABAMOACARA.

Não : sómente assustou-me o modo attento,
Com que lançava as vistas ancioso
P'ra o logar em que habita Porangaba !....

SEBASTIÃO.

E's cioso demais : é bem possível
Que esse estrangeiro, que na Aldêa viste,
Attento examinasse estes logares,
E que o acaso talvez então fizesse,
Que mais vezes olhasse para o lado,
Onde habita essa virgem :

ABAMOACARA.

O céo permitta.

SEBASTIÃO.

Elle ha de permittir ; eu t'ó asseguro :
 Agora dize, pois que me has fallado
 Nesta virgem por quem receias tanto,
 Quando ligar te vás em santos laços
 Com ella ; pois se acaso não me engano,
 Ha tempo me disseste que anhelavas
 Tal plano effectuar, não é verdade ?

ABAMOACARA.

E' verdade, meu Padre, e esse dia
 Chegado é felizmente ; e assim te rogo
 Que sejas tu neste acto tão sublime
 O que junto ao altar hoje nos leve.

SEBASTIÃO.

Já que o queres assim ; assim se faça ;
 E a taes votos propicio o céo se mostre ;
 Sim ; venturoso sê junto da esposa,
 Goza as delicias de um feliz consorcio,
 Porque Deos abençoa a sorte tua :
 Agora pois um pouco mais tranquillo
 Deves estar ; adeos, eu me retiro,
 E breve tornarei.

ABAMOACARA.

Sim ; sem demora. (*Sahc Sebastião*)**SCENA IV.**ABAMOACARA (*só*).

Oh ! ministro do Deos, que hoje venero,

E tenho por senhor da natureza !
Augusto piedoso Sacerdote,
Tu me fazes gozar doces transportes,
Quando ouço a tua voz, qual de um propheta !
Sim ; agora o disseste ; irei contente
Junto ao altar do Deos crucificado
O mais constante amor jurar aquella,
Por quem té perderia a propria vida !
Hoje ante a face do sagrado templo
Prestarei o solemne juramento
De um amor eternal, sincero e puro ;
Sim ; desse amor sublime e verdadeiro,
Que me fazes sentir, Deos de bondade !
E que mais desejar devo na terra
Do que ao bem me ligar, que tanto adoro
E unidos passar felizes dias
Fruindo em terno enlace a posse d'elle ?
Que mais devo aspirar ? que mais meu peito
Ao Céu deve pedir ? Se tal ventura
Gozassem sobre a terra os homens todos
Como o Céu fôra o mundo !... Mas que digo ? !...
E se acaso illudido eu a adorasse ? !...
Oh ! meu Deos ! que suspeita tão terrivel !
Não sei por que estremeço ?... O estrangeiro...
Ah ! não posso deixar de recordal-o !
Os olhos, com que attento examinava,
O gesto entristecido, e de quem sente
Tormentosa saudade... O Céu não queira
Que um homicida de um christão me torne !...

SCENA V.

O PRECEDENTE, E CAMARARA (*que entra alegre*).

CAMARARA.

Amigo, muito folgo de encontrar-te ;
Tenho novas que dar-te.

ABAMOACARA.

ABAMOACARA.

Dize, falla.

CAMARARA.

E's muito afortunado ; a nossa Aldeia
Toda em festas por ti se ostenta agora ;
Todos buscão mostrar quanto te estimão
No momento feliz do teu consorcio.

ABAMOACARA.

E que fazem entãc ?

CAMARARA.

Todos se apressão
A' porfia buscando regosijos
Que tornem este dia inda mais bello ;
Em cada habitação reina a alegria ;
Por toda a parte o écho repercute
Os gratos nomes dos fieis esposos,
Que repetidos são de boca em boca :
As gentis, as mimosas Brasileiras
Ornando as frontes com floraes capellas
Mil dansas pastoris agora ensaião ;
Tudó exprime prazer hoje na Aldêa,
E eu te julgo pois o mais ditoso
Dos habitantes seus : és estimado
Por elles, e tambem por tua Esposa,
De quem a rara e singular belleza
Assás digna é de ti.

ABAMOACARA (*alterado*).

Sim ; seus encantos,
A belleza sem par de seu semblante
Me enlevando de amor temer me fazem....

CAMARARA.

E porque receiar de suas graças?

ABAMOACARA.

Como eu tu no Brasil nascido foste,
E pois deves saber, meu caro amigo,
Quanto póde o ciume em nossos peitos :
Ah ! quando em tal paixão arde minha alma,
Só nutro um sentimento, o da—vingança—
E se acaso essa mesma, a quem adoro
Quanto póde adorar um peito de homem,
O mais leve signal de indiferença
Me mostrasse se quer. . . . ah ! nella mesma
A vingança exercer não duvidára !

CAMARARA.

Oh ! tão fóra de ti jámais te hei visto !
Suspende um tal transporte ; bem conheço
Quanto póde o ciume em nossos peitos ;
Mas p'ra tanto furor não tens motivo.

ABAMOACARA (*ainda um pouco fóra de si*).

Acordar tu vieste ora em minha alma
Fatal desconfiança ! se perjura
A's promessas de amor faltasse ingrata
Ella (eu tremo em dizer) me preparasse
Um rival ! que afflicção ! quasi deliro !
Oh ! que só de pensal-o me horroriso !

CAMARARA.

Mas porque tanto, amigo, te allucinas ?
Que infundado temor ? acaso deves
Taes suspeitas nutrir ? De amor a chamma
Não sente Porangaba, e não te adora ?
E porque receiar ? Um tal ciume
Bem que de teu amor effeito seja,

De uma esposa fiel o peito offende :
Socega, pois, amigo :

ABAMOACARA.

E' impossivel.
Tenho um peito, onde amor, onde o ciume
Podem mais que a razão.

CAMARARA.

Mas é loucura
Ter ciumes sem provas convincentes ;
Onde as provas que tens ?

ABAMOACARA.

Onde ? não sabes
Quanto hoje descobri... que perturbou-me
O triste coração...

CAMARARA

Que ? por ventura
A esposa é infiel ?

ABAMOACARA.

Não digo tanto ;
Porém se alguém vencido pelas graças
De seu semblante, ousado pretendesse
A' meu peito rouba-la...

CAMARARA.

Que suspeitas !
Mas por que assim, amigo, conjecturas ?

ABAMOACARA.

Se como um amador estremecido

Uma esposa adorasses, que algum dia
Mostrando ar de tristeza, e de saudade
Se esquivasse indifferente aos teus affectos,
Não terias razão de suspeitares
Um rival ?

. CAMARARA.

Fôra então mui ciumento
Para julgar assim.

ABAMOACARA.

Mas se além disto,
Um homem junto ao lar de tua amante
Exprimindo do amor a impaciencia
Um olhar penetrante dirigisse
A' sua habitação ? ...

CAMARARA.

Que tenho ouvido ?
Póde alguém atrever-se a disputar-te
Da esposa o coração ?

ABAMOACARA (*com força*).

Oh ! nem lembra-o !
Um homem mais não fôra ; então seria
Qual um jaguaz feroz ; entre meus braços
N'um abraço de morte esmagaria
O impio, o insolente, que tentasse
Roubar-me o coração da cara esposa.

CAMARARA.

Suspende esse furor, que ora te agita ;
Tranquillisa-te mais :

ABAMOACARA.

ABAMOACARA.

Não posso, amigo,
 Não posso me esquecer ; meus olhos virão
 Esse homem... que horror !...

CAMARARA.

Dize.

ABAMOACARA.

Na Aldeia
 Eu hoje passeava ; e um estrangeiro
 Com semblante de quem supporta as magoas
 De uma saudade forte...

CAMARARA.

Acaba...

ABAMOACARA.

Tinha
 Suas vistas voltadas para o lado,
 Onde a Esposa costuma quasi sempre
 A' janella chegar...

CAMARARA.

Que estranho caso !...

ABAMOACARA.

O estranho que dest'arte examinava,
 Parecia no trajo um Cavalleiro ;
 Mas de sua nobreza affouto zombo,
 Pois se um rei em pessoa me ultrajasse,
 Nelle mesmo vingára a minha affronta !

CAMARARA.

Talvez que seja, amigo, algum fidalgo,
 Ou nobre Portuguez, que aqui viera
 Ver a Aldeia ; e assim nada receies :
 Nutres muito ciume ; é desculpavel
 Tua desconfiança ; e pois socega ;
 Entretanto podemos procural-o.
 Seus projectos sondar ; e finalmente...

ABOMOACARA (*atalhando*).

Se elle fôr um rival ?

CAMARARA.

Não é por certo.

ABAMOACARA.

Porém se acaso fôr ?

CAMARARA.

Então, amigo

ABAMOACARA (*interrompendo*).

O que intentas fazer ?

CAMARARA.

Jurar comtigo
 Extinguir o traidor :

ABAMOACARA.

E se escapar-nos ?

ABAMOACARA

CAMARARA.

Seguil-o até a morte :

ABAMOACARA (*com força.*)

Até a morte !

CAMARARA.

Amigo, sem demora

ABAMOACARA (*como acima.*)Eia ! partamos ! (*Vão-se.*)

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO SEGUNDO.

Vista de jardim em casa de Abamoacara: no fundo uma singela sepultura com uma cruz: ao levantar do panno Porangaba trazendo uma grinalda de flores irá collocal-a sobre a cruz.

SCENA I.

PORANGABA (*olhando para a grinalda diz*):

Ide, flores gentis, ornar a lousa,
Que encerra quanto tenho de mais caro !
Ide o sepulchro ornar da mais amante,
Carinhosa das mãis ! (1) Sua lembrança
Me faz estremecer ? (2) Ah ! que recorde
Que em sonho presumi a voz ouvir-lhe
Mas foi sonho ; lancemos no sepulchro
Como sempre costume, esta grinalda (3)
Ah ! não foi illusão ? em meus ouvidos
Sua voz resoou ? Seu triste accento ?

(1) Como perturbada.

(2) Depois de pequena pausa.

(3) Dirige-se a sepultura, e pouco depois recuando horrorizada julgando ouvir uma voz surgir do sepulchro, dá um grito de espanto.

Oh ! Deos ! será possível ? do sepulchro
 Acaso póde humana creatura
 Aos vivos questionar ? ! que assombro ! eu ouço,
 Eu ouço ainda que essa voz me falla !
 Oh ! mysterio profundo ! impenetravel !
 “ Filha, não gozarás quem te idolatra. ”
 E foi de minha mãe tão triste agouro ? !
 Ella ? ! oh ! Ceos ! sua voz ? sim della mesma
 Que presagio fatal ! Ah ! pareceu-me
 Quando inda viva me fallava outr’ora !
 Sim ; não foi illusão ? distincta, e clara
 Meus ouvidos ferio, ferio minha alma
 De minha mãe a voz ! (1) Mas ah ! quem sabe
 Se vans imagens são da phantasia
 Que occupada do sonho me amedronta,
 Real julgando eu ser quanto imagino ?
 Ah ! quem sabe ? ! talvez pois bem, oremos
 De novo junto á cruz de seu sepulchro :
 E como louca fui ! como imprudente
 Em a paz lhe alterar do somno eterno !
 Oremos outra vez : sim ; novamente
 Por sua alma ao Senhor preces mandemos : (2)
 Oh ! não mais duvidar ! não é chimera !
 Desta vez (quanto horror) mais triste ainda,
 Como sahida de um profundo abysmo,
 A sumida expressão calou-me na alma !
 Duvidar mais não posso ! agora sinto
 Um subito terror aniquilar-me !
 Eu vou desfallecer ! oh ! Deos, eu morro
 Minha mãe ! minha mãe !

(1) Como tornando a si.

(2) Vai de novo para junto da sepultura, e recuando como no principio, exclama cheia de terror.

SCENA II.

A PRECEDENTE, E AMU' (*alterada*).

AMU'

Que tens, amiga,
Que imprevisto successo te perturba ?

PORANGABA (*fôra de si*).

Ella a voz me fallou

AMU' (*como acima*).

Que voz ? que dizes ?

PORANGABA.

Minha mãe :

AMU'

Tu deliras !

PORANGABA.

Neste instante
Sua voz escutei !

AMU' (*animando-a*).

Socega, amiga,

Tranquillisa-te mais ; bem vê

PORANGABA.

Agora
Vejo por toda a parte a sombra erguer-se ;
E presa a voz está nos meus ouvidos ;
Essa voz do sepulchro !

AMU'

Acalma um pouco
Tão forte delirar....

PORANGABA (*fôra de si*).

Tu não escutas,
Não ouves que me diz : “ Filha querida,
“ Tu não has de gozar quem te idolatra ! ”

AMU'.

Ah ! mas assim não posso ver-te, amiga ;
Quanta perturbação ! deixa um momento
Tão lugubres idéas !

PORANGABA (*mais acalmada*).

Porém como ?
Como crêr poderei ?

AMU' (*animando-a*).

Esquece agora
Tão sombrias visões : sim conversemos
Sobre o consorcio teu, que dentro em pouco....

PORANGABA (*atalhando-a*).

Impossivel !.... riscar de minha mente
Presagio tão fatal ! tão estupendo,
Nunca visto successo !....

AMU'

Se me estimas,
Se de ti merecer posso uma graça ;
Pela mesma affeição, que me dedicas,

Pelo extremado amor de teu esposo,
Eu te rogo, te esquece, amiga....

PORANGABA.

Nunca !....

Nunca mais me esquecer será possível !
Gravadas ficarão eternamente
As palavras de horror !.... eis que de novo
Bradando a voz me está : “ Filha querida,
“ Tu não has de gozar quem te idolatra ! ”

AMU' (*à parte*).

Meu Deus ! e que fazer neste conflicto ? !
Inspira-me Senhor, um modo facil
De acalmar a infeliz ! (1)

PORANGABA.

Sim ; desgraçada,
Desgraçada serei eternamente ! (2)

AMU' (*à parte*).

Oh ! que idéa me assalta ! vou lembrar-lhe
Do bom Sebastião a companhia : (3)
Terna e prezada amiga, tu precisas
De quem os males teus mitigue agora :
Se o bom Sebastião....

PORANGABA (*menos fóra de si*).

Oh ! vai dizer-lhe
Que venha dar allivio aos meus pezares,

(1) Ao ouvir esta palavra, Porangaba que está em uma especie de lethargo, exclama.

(2) Torna a cahir em lethargo.

(3) Dirigindo-se a ella.

E a paz derramar dentro em meu peito ;
Seus discursos talvez....

AMU' (*atalhando-a*).

Sim ; seus discursos
Respirão só pureza ; e ninguém póde
A' brandura se oppôr das phrases suas ;
Eu pois chamal-o vou ;

PORANGABA.

Depressa ; traze-o. (*Sahe Amú*).

SCENA III.

PORANGABA (*só*).

Oh ! mysterios da vida indecifraveis !
De um lado o caro Esposo, que me adora
Com um amor, qual o meu vencer só póde ;
De outra parte uma mãe ; mas ah ! que digo ?
Sua voz.... sua sombra, que surgira
Para o fim predizer de meus amores !....
Ah ! quanta confusão ! como agitado
E' meu sp'rito agora !.... se podesse
A sombra interrogar ? mas.... impossivel !....
E quão grande terror me infunde a vista
Do sepulchro !... o sepulchro !... a voz ! a sombra !...
Que frigido suor me alaga o rosto !
Talvez o precursor da minha morte....
Talvez da vida o derradeiro esforço....
Mas eis Sebastião : convém mostrar-me
Um pouco mais tranquilla ; e quão difficil
Da afflicção lhe occultar tão triste origem !
Mas não posso deixar de revelar-lhe....

SCENA IV.

A PRECEDENTE, E SEBASTIÃO (*que mui serenamente dirige-se a ella*).

Eis-me aqui a teu lado : que pretendes
De um debil ancião, cansado velho,
Que desejas de mim ?

PORANGABA (*com algum temor*).

Padre ! um mysterio !....
Ah ! eu tremo de espanto !....

SEBASTIÃO.

Dize ; filha.

PORANGABA.

Minha mãe não morreu ; fallou-me ainda
Sua voz....

SEBASTIÃO (*á parte*).

Grande Deos !....

PORANGABA.

“ Filha, (disse ella)
“ Tu não has de gozar quem te idolatra ! ”
Eu ’stava junto á cruz da lousa sua
Orando como sempre costumava,
Eis de subito ouvi !....

SEBASTIÃO (*acalmando-a*).

Futeis receios ;
Foi um mero sonhar, filha querida,

Que te pôde causar tamanho assombro ;
 Nem creias que da morte a triste presa
 Os segredos de Deos penetrar possa :
 Recobra a doce paz, que perturbou-te
 Um triste pezadello.

PORANGABA.

Não, meu Padre !
 Tu sempre me disseste, eu me recordo,
 Que se a Deos approuver, podem das campas
 Té os mortos surgir, e revelar-nos
 Com uma voz sepulchral designios delle !....

SEBASTIÃO.

Sim ; é certo ; eu te disse que Deos pôde
 Té os mortos fazer que resuscitem ;
 Mas agora bem vês que Deos clemente
 Que em ligar-te se apraz com teu esposo,
 Contradizer-se a si jámais podera,
 Pela voz de uma mãe te revelando
 Agouro tão fatal n'um fausto dia :
 Sim ; convir deverás, que a Deos offendes
 Suppondo-o tão cruel ; e pois esquece
 Tão funesta illusão ; nem mesmo digas
 Ao Esposo feliz, que laceráras
 Por nova tão cruel seu terno peito :
 Sim ; cala essa illusão ; turbar não queiras
 A alegria geral de teu consorcio :
 Crê-me, filha, não pôde o Omnipotente
 A ruina querer dos que protege :
 Cobra a paz que perdeste, em Deos confia.

PORANGABA.

Quanto pôde em minh'alma essa eloquencia
 Tão sublime, e tão pura ! quanta força
 Tem p'ra me convencer tuas palavras !

SEBASTIÃO.

Vai pois ao corpo teu, de taes fadigas
Repouso dar agora :

PORANGABA.

Sim ; é justo ;
Meu Padre, eu me retiro.

SEBASTIÃO.

O céu te guie. (*Sahe Porangaba*).

SCENA V.SEBASTIÃO (*só e meditabundo*).

Oh! e como explicar tão raro caso!
Quantas vezes um sonho que parece
De ardente imaginar facil effeito,
Quantas vezes um sonho não revela
Os segredos de Deos, designios d'elle !
São meras illusões, futeis chymeras
Nós dizemos então, que orgulho nosso!
Sem saber quanto exprimem taes chymeras:
E quando pelas leis, que o mundo regem,
Um fim se executou, que era imprevisto,
Um acaso sómente foi quem pôde
Tal successo dispor loucos dizemos!
Que insanos somos nós, que até negamos
De Deos o alto poder, a força immensa!
Mas chega Camarára; não digamos
Quanto agora occorreo; que entristecel-o
Bem poderão de certo estas noticias.

SCENA VI.

O PRECEDENTE, E CAMARARA

CAMARARA.

De novo junto a ti eis-me, meu Padre.

SEBASTIÃO.

Por que tão ledo vens, querido filho?

CAMARARA.

Neste instante, meu Padre, encarregado
Fui de honrosa missão:

SEBASTIÃO.

E qual é ella?

CAMARARA.

As Virgens aldeãs, que hoje procurão
Alegres festejar tão fausto dia,
Exigirão de mimSEBASTIÃO (*atalhando-o*).

O que ?

CAMARARA.

Leval-as
A' presença dos nossos desposandos
A fim de lhes cantar alegres hymnos
Por seu fausto hymneo.

SEBASTIÃO

Mil graças dou-te;
 Por que podes mostrar por este modo
 Que te alegras com os bens do teu amigo.

CAMARARA (*continuando*).

Quero os surprehender; sem que me esperem
 Hei de il-os receber com o choro angelico
 Das gentis Brasileiras.

SEBASTIÃO.

Sim; é justo;
 Seja todo ao prazer dado este dia;
 Mas em quanto não chega a hora marcada
 Para a celebração do seu consorcio,
 Vou por elles a Deos orar agora;
 Em breve tornarei.

CAMARARA.

Em breve, amigo (*Sahe Sebastião*).**SCENA VII.**

CAMARARA (*Depois de ter acompanhado a Sebastião
 até a porta, voltando e lançando casualmente as
 vistas para a sepultura diz*).

Eis alli o logar onde descansão
 Da mãe de Porangaba os frios restos!....
 Monumento singelo, que erigira
 Saudade filial! mas eis que chega
 Quem melhor saber deve a historia della.

SCENA VIII.

O PRECEDENTE, E ABAMOACARA.

CBMARARA.

A' tempo, amigo, vens.

ABAMOACARA.

Por que? acaso
 Quem era esse estrangeiro descobriste?

CAMARARA.

Não: não vinha tratar agora disso;
 Por que sabes que tudo procurando
 Não podémos achal-o; que de certo
 Foi algum viajante, que passara
 Quem tanto te assustou.

ABAMOACARA.

Sim; é verdade:
 Mas por que me dizias inda ha pouco
 Que eu a tempo chegava?

CAMARARA.

Foi que agora,
 Nesta cruz sepulchral triste attentando,
 Lembrei-me de que havias promettido.
 Dizer-me por que modo....

ABAMOACARA (*interrompendo*).

Caro amigo!
 Quantas recordações tu despertaste
 Ora no peito meu!.... (*Commovido*).

ABAMOACARA.

137

CAMARARA.

Que? tu te affliges!

ABAMOACARA.

Sim; soffro tal saudade! . . . quando lembro
Esse dia fatal dizer não posso
De quantas emoções me agito.

CAMARARA.

Basta;

Não te busco affligir.

ABAMOACARA

Não: relatar-te

Essa historia cruel eu vou, amigo;
E dos amores meus dizer-te a origem.
De Nycterohy voltava, ha ja quatro annos:
Era uma fresca tarde: o céu sereno
Promettia feliz, certa viagem.
Eu, e duas mulheres tantos erão
Os que no barco vinhão; sem detensa
Vendo o gesto gentil de Porangaba
Amizade travei: ah! inda sinto
A suave emoção, que me causára
Seu rosto divinal; inda conservo
A primeira impressão, que produzirão
Sobre meu coração seus ternos olhos!
Sentada junto a tão linda donzella
Estava sua mãe, que enternecido
Santo amor maternal lhe prodigava:
Bem depressa arrastado pela força
De feliz sympathia, dirigi-lhe
Perguntas usuaes: eis me diz ella,
Que filha do Brazil tinha nascido
Nesta Aldeia; onde então se desposára
Com um nobre Portuguez dentre os primeiros,

Que o Brazil visitou, que após tres annos
Em serviço real chamado fôra
De novo á Portugal; que depois disso
Triste a nova correo da morte sua:
E ao fallar assim de seu consorte
O pranto lhe banhava o triste rosto:
Sensível a seu mal chorei com ella,
E quando então me erguendo a filha encaro
Ah! pintar-te não sei quanto era linda
Entre lagrimas mil terna banhada!...
Oh! dia para mim nunca esquecido!...
Mas destino cruel turbou tão pura,
Tão amigavel paz!... querido amigo,
Quasi á dôr succumbi! que transe amargo!
Que lembrança fatal!... sim, crúa sorte
Veio a paz perturbar, que então reinava!...
O céo, que ha pouco azul, sereno, e calmo
Se espelhava em um mar liso e pacato,
De repente tomou vestes de luto!...
Rijo o vento soprou!... rolou nos ares
Trovão assustador!... desmantelado
Balouçava o baixel n'um mar sanhudo!...
Tudo era confusão, horror, espanto!...
De mil fórmas a morte revestida
A nós se apresentava!... Deos, tu viste
Quantas vezes julguei no undoso pego
Sepultado ficar eternamente!...
Quantas vezes por mim, por Porangaba,
Por sua debil mãe temi a morte!...
Mas quem póde escapar ao decretado
Inevitavel fim, que Deos marcou-lhe?!...
Da donzella infeliz eis desaparece
Entre esta confusão a mãe querida!
Ella nos braços meus banhada em pranto,
Intenta a mãe salvar; louca pretende
A's ondas se arrojar, quando imprevista,
Impetuosa vaga arremessou-nos
A' vasta e branca praia!... De joelhos
Mil graças ao Senhor então rendemos!
Foi então que o cadaver recolhendo

Dessa mãe infeliz alli guardamos !...
 Foi então que a gentil orphã trazendo
 Comigo aos lares meus, prestei-lhe auxilio !
 Aqui pois nosso amor foi se augmentando,
 E hoje finalmente vou ditoso
 Com ella me ligar em laço eterno...
 Tal é pois, caro amigo, o triste caso
 Daquella que alli dorme no sepulchro,
 E dos amores meus eis o começo !...

CAMARARA.

Bem triste é na verdade um tal successo !...
 Muito tal narração punge minha alma !...
 Mas no meio do mal, que então cercou-te,
 Porangaba gentil terno adoravas ?

ABAMOACARA.

Desde então a adorei !... foi a meu lado
 Qual um anjo de paz nesse infortunio !
 Na tormenta fatal foi qual o Iris
 Que a paz annunciou !... Ah ! que se a viras
 Qual no instante primeiro eu a avistára,
 De amor louco ficáras !... que não póde
 Quem tão fagueira a vê deixar de amal-a !...
 Seus olhos, que ao volver-se as almas prendem,
 Linda morena côr, que o rosto tinge,
 O suave sorrir, a voz tão terna...
 Oh ! encantos de amor !... quanta belleza !...

CAMARARA.

Feliz tu ! que a ventura reconheces !
 Duas vezes feliz ! Hoje p'ra sempre
 A ella te unirás : perder não debes
 Um instante sequer de vel-a, amigo :
 Separar-me de ti preciso agora ;
 Mas após um momento...

ABAMOACARA.

Sê comigo. (*Sahe Camarara*).**SCENA X.**AMAMOACARA (*só*).

Quão tarde para mim decorre o tempo !
 Como é lenta em soar essa hora grata
 Por mim tanto aspirada !... Deos piedoso,
 Tu sabes quanto amor minha alma nutre !
 Que peito mais que o meu jámais amára ?...
 Que terno coração no mundo houvera
 Aos encantos de amor mais devotado ?!...
 Mas eil-a que tão bella se approxima...
 Porém tão triste ainda !... sim, vejamos
 Se com minha presença mais alegre
 Ella se mostra agora ; mas se acaso
 Indifferente fôr a meus carinhos ?
 Oh ! não permitta o Céu !... eil-a que chega...
 Que suave emoção me abala ao vêl-a !...
 Que momento feliz ! quanta ventura !...

SCENA X.

O PRECEDENTE E PORANGABA. (*Que entra
friamente e com muita tristeza*).

ABAMOACARA (*Com muita ternura dirigindo-se á ella*).

Linda virgem de amor ! celestes encanto !
 Brasileira gentil ! flôr desta Aldeia !
 Ah ! consente que beije... (1)

(1) Toma-lhe a mão para beijar ; mas ella nega-lhe dizendo com perturbação.

PORANGABA.

Esposo !... eu sinto...
Tenho tanta afflicção !...

ABAMOACARA (*alterado*).

Deos ! o que vejo ?!...
Insensível de amor a meus transportes
Um sorriso se quer teus labios orna ?!...
Que mudança cruel soffreu teu peito ?!...
Não me amas ?! desdenhas quem juraste
Sempre firme adorar ?!... acaso ?! oh ! devo
Um rival suspeitar ? ! Idéa horrivel !....
Arrependida estás ? ! dize, profere
Uma palavra só : quem te motiva
Tão estranha frieza ? !.... Ah ! esqueceste
Quantô outr'ora fiel me promettias ? !
E devo acreditar ? Céos ! tu perjura ! ?....
Hoje quando a meu lado deverias
Alegre te mostrar, é quando triste
Vejo banhar-te o pranto a face tua ? !
Nútres tu outro amor ? ! pôde outro amante
Teu peito conquistar ? !.... Sim ; dize ; falla.

PORANGABA.

Ah ! porque tão injusto p'ra comigo
Capaz de te illudir me acreditaste ?
Bem sei, reflecto agora, que imprudente
Fôra em vir prantear junto a seu lado ;
Mas de filha o amor não consentia
Que a morte de uma mãe não recordasse.

ABAMOACARA (*atalhando-a*).

E' pois do pranto teu esse o motivo ? !
Não ; de certo não é só essa a causa,
De tão grande tristeza ; ha um mysterio,

Que occultas a meu peito ; e a lembrança
 Da morte de Moema certamente
 Não, não é que assim tanto te entristece :
 Sim, porque recordar então devêras
 Que esse dia fatal da morte sua
 Foi tambem por amor assignalado !
 Que esse instante cruel, em que perdida
 Viste a mãe infeliz no mar sumir-se,
 Fui aquelle tambem em que nos braços
 De um amante fiel allivio achaste
 Para a intensa afflicção que te oprimia !....
 Sim ; tu deves-te lembrar, que o fogo ardente
 Desse primeiro amor, que então nutrias
 Foi que pôde animar-te a debil vida
 Quasi da morte ao sopro congelada !....
 E porque assim agora entristecida
 Vens desgraças carpir já sem remedio ? !

PORANGABA.

Ah ! culpada não sou : a natureza
 E' só a criminosa ; uma alma tenho
 Em extremo sensível ; mas eu vejo
 Que te incommoda assás minha presença
 Adeus, querido amante, sim, perdôa
 A minha indiscripção, confia sempre
 Em meu sincero amor. (*Sahe Porangaba*).

SCENA XI.

ABAMOACARA (*só, ardendo em raiva, e cheio de
 ciume, com os braços cruzados, depois de ter acom-
 panhado com a vista a Porangaba, que se retira
 triste, exclama*).

Mulher ingrata !....
 Como abusas da fé, que te hei prestado !....
 Ah ! que atroz ironia ! inda ousa a falsa
 Com fallaz, piedoso sentimento

O peito me illudir !.... Treme, perjura,
Do ciume feroz, que me lacera !
E devo acreditar que amante houvesse
Mais infeliz que eu sou ? ! Ha pouco ainda
Venturoso amator me reputava !
E como nescio fui ! que não previa
Que póde uma mulher n'um só instante
A sorte converter de quem a adora !
Mas ah ! se seu amor não está mudado, (*com ternura*)
Se é real o pezar que ella me mostra,
Se quanto agora disse é verdadeiro,
E se extremosa filha inda hoje lembra
A perda de uma mãe, que triste chora....
Ah ! porque duvidar de taes extremos ? !
Um peito que p'ra amor nascido fôra
Não póde outra affeição nutrir acaso ?
Porém não : oh ! não posso desculpal-a ;
A frieza cruel com que me ouvira,
O gesto de desdem, que me mostrára,
O pranto, que corria de seus olhos,
A estudada resposta que me dera,
E.... o estrangeiro.... emfim, tudo declara,
Tudo mostra que ella é culpada e falsa !....
Oh ! mulher infiel ! perfida amante !
Sim ; tu das-me um rival ; já não duvido :
Mas breve saberás quanto em mim póde
Um zelo sem igual !.... se um peito tive
Que capaz foi de amor tão extremoso,
Se sincera affeição nutrio minha'alma
Por ti, mulher fallaz, sabe que agora
Abrasado em furor, irado, insano
Este ferro, que acompanha a dextra minha
Em ti, em meu rival craval-o juro ! (*No momento em
que diz o penultimo verso tira o punhal que conserva
alçado até cahir o panno*).

ACTO TERCEIRO.

Uma sala da casa de Abamoacara.

SCENA I.

ABAMOACARA (*só, está sentado junto a uma mesa*).

Amor ! oh ! quão suave sentimento !
Quantas vezes senti por teu influxo
De prazer me inundar o pranto, a face !
Amor ! dos males meus fatal origem !
Oh ! e devo lembrar quantas doçuras
Me fizeste gozar junto daquella....
Daquella.... sim, oh ! Deos ! dessa perjura,
Refalsada mulher que me trahira ? !
Quem ousaria crer que a tal belleza
Podesse unido estar tão negro crime ? !
Que lembrança cruel ! quando pensára
Que a mulher mais gentil que hei conhecido,
Tivesse um coração tão deshumano ? !
Quem a voz lhe escutando, e vendo o riso
Mimoso estremecer por entre os labios ;
Quem vendo os olhos seus ternos volver-se
Não julgára avistar a copia exacta

Da mais pura innocencia ?.... mas que digo ?....
O retrato fiel do torpe vicio....
O typo mais real de atroz perjurio....
Mulher que me illudiste !.... ente execrando !....
Ah ! porque não sumio-te o negro abysino
Donde um Deos, e Amor te libertavão ?....
Ou antes porque o mar na furia insana
A morte não nos deu poupando agora
Teus desprezos crueis, tua perfidia ?....
Porém oh ! se de amor todo inflammado
Das ondas ao furor salvei-te outr'ora ;
Hoje em justo ciume ardendo irado
A morte te darei vingando a injuria !....
Sim ; a mão que salvou-te, hoje em teu peito
Ha de ultriz desfèchar terrivel golpe !....
Nem fingida expressão de justa magoa
Desarmar poderá meu braço ! treme,
Treme falsa mulher das iras minhas !....
Ah ! que escarneo feroz ! risonha sempre
Com palavras de amor, falsa ternura
Jurando vezes mil de sempre amar-me !
Como fera illudia um peito simples !....
Que zombaria atroz !.... Serpente astuta,
Que fingindo affagar o fel derrama !....
Raio, que quanto mais luzente brilha
Maior destruição terrivel causa !....
Tal é pois a mulher !.... a formosura,
As graças que lhe deu a natureza
De amor sendo incentivo as almas prendem ;
Mas o crime.... a traição, que occultos jazem
Sob a mascara vã de taes bellezas
Bem depressa rompendo o véo delgado
Eis se mostram em toda a plenitude !....
Porém (1) quão louco sou ! porque accusal-a ? !
Porque devo feroz odio votar-lhe,
Quando a razão me deu de seus pezares ? !

(1) Como tornando a si,

E quem podera aqui ganhar-lhe o peito ? !
 Unida ao lado meu, sempre comigo
 Tudo quanto pratica assás não vejo ? !....
 Nutrindo a mesma fé, seguindo a crença,
 Que gostoso abracei, não se desvela
 Por mim ? por quanto é meu ? e julgar devo
 Que possa uma christã faltar ás juras
 Que abrasada em amor prestára sempre ? !....
 Um Deos que pune o mal, castiga o vicio,
 Não punira tambem tanta falsia ? !....
 Seu raio vingador não fulminára
 Quem assim seu poder não respeitasse ? !
 A terra, o mar, o céo, o mundo inteiro,
 Delicto tão atroz testemunhando,
 Consentir poderião que vivesse
 Quem tão nefando crime praticases ? !
 E pois que receiar ? ! eu sou amado ;
 E devo igual amor dar-lhe em tributo :
 Oh ! meu Deos ! perdoai ! ella me adora ;
 Eu sinto interna voz, que me assegura
 Que leal sempre foi seu puro affecto !....
 Oh ! vou já a seus pés arrependido
 Meu erro confessar, perdão pedir-lhe :
 Como de novo gozarei a dita
 De feliz apertal-a entre meus braços !....
 Mil palavras de amor, e de ternura
 Hei de então expressar, hei de beijar-lhe
 A delicada mão.... (1) que horror ! mas posso....
 Oh ! devo inda lembrar ? ! e assim ha pouco
 Não foi que repellio minhas caricias ? !....
 Banhado o rosto em pranto, entristecida
 Não foi que recebeu-me, e me escutára ! ?....
 E porque inda tentar ganhar-lhe o peito ? !....
 Não ; emfim reconheço ; agora vejo
 Que tu das-me um rival, mulher ingrata !
 Um rival !.... e talvez jurado houvesse
 De com elle te unir eternamente ;

(1) Suspende-se como lembrando-se de alguma cousa.

E que de mim agora desligar-te
 Intentando de balde afflicta chores :
 Sim ; não mais duvidar ! do pranto a causa
 E' pois lembrança tal ; (2) mas não, perjura,
 Nem delle, nem de mim, eu o protesto,
 Has de a posse gozar ! a sede intensa
 Da mais justa vingança arma-me o braço !....
 E quando ante o altar julgares, impia,
 Que tens de receber fiel consorte
 Verás do sangue teu tinto meu rosto !....
 Mas é ella ; oh ! vingança ! sem demora (3)
 Crua morte lhe demos. (4)

SCENA II.

O PRECEDENTE, E CAMARARA.

CAMARARA.

Que!... amigo!...
 Por que tanto furor? que pretendias
 Insano praticar com o ferro em punho?
 Qual dessa agitação tamanha a causa...

ABAMOACARA (*com grande abatimento*).

Onde nectar pensei, cicuta encontro!....
 Onde amor suspeitei, odio descubro!....

CAMARARA.

Nada posso entender: quanto mysterio!....
 Acaso me suppões infido amigo,
 E querendo vingar-te, a morte...

(2) Com muito furor.

(3) Fóra de si e olhando para o interior do theatro.

(4) Tira o punhal, que leva em attitude de cravar quando entra Camarara, que suspendendo-lhe o braço diz.

ABAMOACARA (*interrompendo-o*).

A morte?!...

Oh! mil vezes quizera ter morrido;
 Quizera vezes mil ver-me passado
 Pela flecha veloz do Indio adusto!...
 Mas soffrer tão cruel, duro supplicio...
 Ah! não deve... não póde um peito de homem...

CAMARARA.

Que surpresa! oh! meu Deos! explica, amigo,
 Quem te póde causar...

ABAMOACARA (*atalhando-o com furor*).

Atroz perfidia!...

Assás tenho explicado: oh! desespero!...
 Só vingança respiro!... (*Sahe arrebatadamente*).

SCENA III.

CAMARARA (*só*)

Céos! que vejo?!

Nem mais nos labios seus brilhar descubro
 O riso, com que sempre recebia
 O amigo fiel da tenra infancia,
 Que elle sempre estimou! Deos! que mudança!
 Que motivo terá?... e julgar devo
 Que seja causador de um tal excesso
 Esse estrangeiro, que n'Aldeia vira?!...
 Ou mesmo uma suspeita a meu respeito?!...
 Mas jámais me recordo, que uma offensa
 Recebido de mim houvesse um dia!...
 Oh! talvez indagando um tal successo...
 Vou com os nossos fallar; sím, sem demora (*Sahe*).

SCENA IV.

PORANGABA (*triste*) E AMU'

AMU'

Sempre pranto e tristeza! terna amiga,
Por que tanta afflicção?...

PORANGABA.

Um pensamento,
Uma ideia somente a alma me agita!...

AUM'.

E por que não buscar desvanecel-a?
Hoje cumpre gozar da f'licidade,
Que te outorga esse Deos sempre benigno;
O dia mais feliz em que te aguarda
Um esposo leal...

PORANGABA

Já não me adora!...

AMU'

Senhora, que proferes?...

PORANGABA.

A verdade:

Sem poder disfarçar quanto em minha alma
De horrivel se passou nesse momento
Que nunca esquecerei; eis que me encontra
Banhada em triste pranto; a mim se chega;
Mil palavras de amor então me expressa:
E transportado assim não supportando
Que triste ao lado seu me apresentasse

Ciumento julgou que eu o trahia:
 Logo insano furor turbou-lhe o sp'rito,
 E trocando a ternura em desespero
 Feroz, ardente olhar então lançou-me!
 Debalde procurei justificar-me;
 Foi em vão quanto fiz para defender-me;
 Não me ouviu; duvidou de quanto disse! (*Chora*).

AMU'.

Que estranho proceder? como é possível?!
 E posso acreditar? Senhora, dize,
 Não te amou elle sempre?...

PORANGABA.

Hoje me odeia!...

AMU' (*animando-a*).

Mas não temas: oh! não: busca-o de novo.
 Falla, amiga prezada...

PORANGABA.

Mais terrivel!

Talvez me escute então; talvez me culpe
 Como já me culpou de ingrata, e falsa!

AMU' (*como acima*).

Tudo póde vencer tua innocencia:
 Explica qual da magua a justa origem,
 E de novo terás ganho seu peito:
 Não póde uma alma ter tão insensivel,
 Que depois de te ouvir ouse accusar-te:

PORANGABA.

Porém devo o motivo declarar-lhe?....

Devo acaso dizer-lhe o mal que soffro ?
 E crêr-me poderá quando contar-lhe
 O agouro fatal ? Deos ! é possível ?
 Engenhosa invenção, pretexto astuto
 Por certo julgará tão triste aviso ;
 E mais feroz então, mais iracundo
 Talvez odio eternal me vote

AMU'.

Amiga,

Deixa um receio tal ; junto a seu lado
 Busca de ardente amor encher seu peito ;
 Depressa esquecerá tanto ciume,
 E por tuas palavras commovido
 Ha de ainda abraçar-te.

PORANGABA.

Se podesse

De novo recobrar sua ternura,
 Se outra vez tal ventura desfructasse,
 Oh ! se entre os braços seus neste momento
 Mas o sepulchro ? e a voz ? ah ! desfalleço ! . . .
 Ah ! “ não hei de gozar quem idolatro ! ”
 Ella prophetizou ! Céu ! que martyrio !
 Que tormento cruel !

AMU'.

Por piedade ;

Não queiras converter prazer em magoa ;
 Quantas vezes te disse, um mero sonho
 Foi quanto se passou ; serás ditosa ;
 Com elle viverás em terno enlace ;
 Sim ; vou ver se o encontro ; satisfeito
 Ha de em breve voltar p'ra ver-te. (*Sahe Amii*).

SCENA V.

PORANGABA (só).

Como ? !

Como ante os olhos seus mostrar-me alegre ?
 E se elle acreditar quanto disser-lhe,
 Muito triste ouvirá tão dura nova !....
 Oh ! contar-lhe não devo !.... compungido
 Talvez como eu estou então se torne !....
 Meu Deos !.... dá-me valor ! presta-me forças !
 Quanto sou infeliz ! quanto é terrivel
 De ingrata supportar tão feio nome ! ?
 Eu, que a vida lhe devo, que em seus braços
 Achei prompto soccorro á meus pezares !....
 Elle que amante e pai me ha sido sempre,
 Agora abandonar-me ! dura sorte !....
 Mas ei-lo junto á mim ! quanto receio !
 Porque modo mostrar minha innocencia ? !....

SCENA VI.

A PRECEDENTE E ABAMOACARA (*que ao avistar Porangaba estremece, recua, e depois vem pouco a pouco se approximando : mas sempre como que temendo encontral-a*).

PORANGABA.

Senhor....

ABAMOACARA (*á parte*).

Quanta belleza em tanto crime !....
 Falla. (*Alto*).

PORANGABA (*com ternura e receio*).

Julga-me ainda ingrata amante ? !

ABAMOACARA (*á parte*).

Que estudada ternura ! oh que falsia !....
E lembras tu ainda a triste morte (1)
Dessa mãe infeliz ?....

PORANGABA (*afflicta*).

Querido amante !....

ABAMOACARA (*com furor*).

Não profanes de amante o doce nome ;
E' fingido esse amor, que me tributas !....

PORANGABA.

Pelo Céu, pela terra, eu juro....

ABAMOACARA (*atalhando-a*).

Falsa !....
Como zombas do Deos, que vê teu crime !....
Embora juras mil prestes agora
Jámais me convencer tu podes, impia !....

PORANGABA.

Meu Deos ! oh ! minha mãe !....

ABAMOACARA (*atalhando-a*).

Cruel, não queiras
O repouso turbar das cinzas suas ;

(1) Dirigindo-se a ella com ironia.

Não busques redobrar teu crime enorme
 Evocando da campa a sombra della !....
 Teme as iras de um Deos, que pune os falsos !....

PORANGABA.

Porque tanta crueza ?.... tem piedade !....

ABAMOACARA (*á parte*).

Oh ! quasi que me vence !....

PORANGABA.

Dize, Esposo,

Quando um dia jámais meus olhos viste,
 Que somente nos teus se não fitassem ?....
 Quando um terno sorriso ornou meus labios,
 Que não fosse por ti?

ABAMOACARA (*á parte*).

Deos ! devo crel-a ?....

PORANGABA.

Quantas vezes a flor de fresco aberta
 Não foi no peito teu por mim deposta ?
 Quando um dia jámais o sol raiára,
 Que uma prova de amor não recebesses ? !

ABAMOACARA.

Mas hoje ?....

PORANGABA.

Uma saudade, que me rala....

ABAMOACARA (*interrompendo-a subitamente, e com violencia*).

Não prosigas : que horror !.... mulher ingrata !
E ousaste querer inda illudir-me !....
Foge, foge, cruel, das vistas minhas....

PORANGABA (*em pranto correndo para elle*).

Perdoa, caro esposo, eu....

ABAMOACARA (*repellindo-a*).

Foge !....

PORANGABA (*como acima*).

Eu te amo!....

ABAMOACARA (*repellindo-a com ameaça*).

Oh ! teme o meu furor !

PORANGABA (*com extrema afflicção correndo para elle*).

Escuta ; eu juro....

ABAMOACARA (*furioso*).

Falsa, foge de mim !....

PORANGABA (*afflicta*)

Meu Deos ! salvai-me ! (*Vai-se*).

SCENA VII.

ABAMOACARA (*só, e cheio de ciúme*).

E que mais duvidar ? Saudade intensa
 Lhe fere o coração ! ousou dizer-m'ó !
 Oh ! e quando existio mulher tão falsa ? !
 Que inhumano desprezo ! ante um esposo
 A quem finge adorar com tanto empenho
 Declarar que sentia uma saudade !
 E pude supportar ? ! mulher, tu zombas ;
 Mas cedo pagarás audacia tanta !
 Cumpre agora tambem que eu finja amar-te
 P'ra executar melhor os meus projectos,
 Convem o mais possivel encobril-os.
 Se o bom Sebastião, ou Camarara
 Quanto aspiro fazer ora soubessem,
 Tentarião frustrar os meus intentos :
 Sim ; ninguem saberá ; e sorprendidos
 Serão de ver-me apunhalar a fera !
 Mas eil-a que de novo se avizinha !
 Quanto horror ! oh ! meu Deos ! fugir-lhe devo :
 Jámais os olhos meus seu rosto encarem ! (*Sahe precipitadamente*).

SCENA VIII.

AMU' E PORANGABA (*em desespero buscando encontrar Abamoacara, que sahe precipitadamente pelo lado opposto áquelle por onde ella entra*).

PORANGABA.

Oh ! eil-o que me foge ! Esposo amado,
 Meu Pai, meu protector, querido Esposo !
 Ai ! misera de mim !

AMU'.

Valor, amiga !

PORANGABA.

Já p'ra tanto soffrer faltão-me as forças !
 Seus affectos perdi, sua ternura ;
 Que mais devo esperar ? a morte agora
 E' só dos males meus remedio prompto !....
 Sim; a morte ; e disseste, cara amiga,
 Que chymerico foi o triste anuuncio !....
 Eis já realizado ; eis já cumprido !....
 Em vez de terno amor odio me vota !
 Sombra de minha mai !.... (*fóra de si*)

AMU'.

Senhora !....

PORANGABA (*delirante*).

Eu parto,
 Eu vou contigo reunir-me em breve !

AMU'.

Não recordes, amiga essas angustias ;
 Não procures assim....

PORANGABA (*como acima*).

Ella me acena ;
 Lá d'entre os mortos surge !.... vou com ella !
 Adeos, querida amiga : tu não ouves ?
 Chamando está por mim !.... espera.... eu parto !....
 Sim, breve te verei, sombra querida !
 Oh! minha terna mai ! eil-a em meus braços !

AMU'.

Senhora !

PORANGABA (*como acima*).

Porém onde ? onde está ella ?
Ah ! fugio-me tambem ! todos me odeião !

AMU' (*compungida*).

Que triste padecer ! qe atroz martyrio !

PORANGABA (*tornando pouco a pouco em si*).

Que afflicção tão intensa me affadiga !
E tão cansada estou !.... tenho as ideas
Em tal perturbação !.... um fogo ardente
Parece me abrasar !.... que ancias de morte !....
Nem posso respirar !.... quanta fraqueza !....
Dá-me o teu braço....

AMU' (*dando-lhe o braço*).

Vem, descansa, amiga :
Mui fatigada estás : é mais prudente
Repousar um momento : sem demora
Vamos pois descansar : estás mui fraca :
Mas breve cobrarás animo e forças :
Pouco tarda o momento da ventura ;
Sim ; vamos descansar.

PORANGABA.

Mas elle ?....

AMU'.

Cedo

Ha de, amiga, abraçar-te.

PORANGABA.

Essa esperança

Já de todo perdi.

AMU'.

Em Deos confia :
 O Senhor calmará sua inclemencia :
 E não te afflijas mais ; tantos pezares
 Podem a vida em breve consumir-te :
 Vamos pois descansar; mas..... alguém chega.

PORANGABA (*meio assustada*).

Se fosse elle ?.....

AMU'

Talvez.....

PORANGABA.

Vamos depressa.

Eu quero ir abraçal-o. (1)

SCENA IX.

AS PRECEDENTES, SEBASTIÃO E ANSELMO.

SEBASTIÃO.

Minha filha,
 Concede que a teu lar conduzir possa
 Tão nobre Cavalleiro, que viera
 Visitar nossa Aldeia.

(1) Vai-se encaminhando para a porta quando entra Sebastião e Anselmo.

PORANGABA (*á parte*).

Um Cavalleiro ? !....
Padre, aqui mandas tu. (*atto*)

SEBASTIÃO (*a Porangaba*).

Eu t'o agradeço :
Dizei-me agora, nobre Cavalleiro,
Desde quando chegaste a nossa Aldeia ?

ANSELMO.

Des que a Aurora rompeo : porem perdi-me
Pelas matas visinhas, té que agora
Encontrei-vos....

SEBASTIÃO.

E' certo; mas dizei-me
Qual o nome, que tendes ?

ANSELMO.

E' Anselmo
O meu nome.

PORANGABA (*á parte*).

Oh ! meu Deos ! será possível !

SEBASTIÃO (*continuando a convetsar*).

Deixastes Portugal, e vêr quizestes
Pela primeira véz o novo mundo ?

ANSELMO.

E' a segnnda vez.

SEBASTIÃO.

Pois que ? já vistes
O solo do Brasil ?

ANSELMO.

E habitei-o !!

PORANGABA (*á parte*).

Deos ! porque estremeço ?

SEBASTIÃO.

E ha quantos annos
Deixastes o Brasil ?

ANSELMO.

Ha dezeseis.

PORANGABA (*á parte*).

Cada vez mais me assombro !

SEBASTIÃO.

Mas se posso
Merecer uma graça desejava.....

ANSELMO.

Talvez que vos relate a minha historia ?

SEBASTIÃO.

Terei grande prazer.

ANSELMO.

Sou, como vedes,
Nascido em Portugal, e Cavalleiro ;
Mas disso não me ufano. Quando a fama
De ter sido o Brasil já descoberto
A' Portugal chegou, era inda eu joven :
Quiz então viajar, quiz ver o solo

Onde Cabral plantou a cruz sagrada;
 Então parto; e apoz feliz viagem
 O gigante avistei, que ha sec'los dorme
 Sobre as aguas do manso Guanabára:
 Aqui logo liguei-me em casamento
 Com uma Brasileira; linda filha
 Foi de tal união mimoso fructo...
 Oh! filha de minha alma! anjo querido! (1)

PORANGABA (*á parte*).

Que pasmoso successo!...

SEBASTIÃO.

E vossa Esposa?

ANSELMO (*continuando*).

Minha Esposa! oh! meu Deos! breve deixei-a!...
 Tres annos tão sómente ao lado della
 Ditoso desfructei suas caricias!...

SEBASTIÃO.

E por que a abandonastes?...

ANSELMO.

Foi preciso
 Ao Rei obedecer, servir á Patria.
 Deixei a Esposa, e a filha inda tão tenra,
 Quando ao me despedir triste a bejava
 Innocente sorria... Que momento

(1) Recordando-se da filha.

Tão tocante p'ra um peito, que é sensível!...
Oh! filha da minha alma! Ah! e quem sabe
Si eu inda te verei...

SEBASTIÃO.

Mas, cavalleiro,
Perdoae, qual o nome dessa Esposa?

ANSELMO.

Nesta Aldeia nasceo, e seus patricios
Chamavão-na Moema.

PORANGACA (*fôra de si exclama com força*).

Oh! minha mãe!

SEBASTIÃO (*estupefacto*).

Grande Deos! o que ouvi?

ANSELMO (*absorto*).

Ceos! é possível?!...

PORANGABA (*em grande tarnsporte*).

Senhor, vós sois meu pai; Moema é morta!

ANSELMO (*abraçando-a com viro transporte*

Minha filha!!...

PORANGABA (*abraçando-o do mesmo modo*).

Meu pai!...

SEBASTIAO (*em extasis sublime pondo as mãos para o
Ceo exclama em tom solemne*).

Deos poderoso!...

FIM DO TERCEIRO ACTO.

ACTO QUARTO.

Sala que dá para o jardim, no fundo do qual deve estar o sepulchro já visto.

SCENA I.

ANSELMO (*só*).

E já morta!... infeliz!... que breve tempo
Desfructei de ventura!!! nem ao menos
Foi-me dado abraçar seu frio corpo!!...
Moema!!... inda tão joven!! si pudesse
Do sepulchro fazer com que surgisses!!...
Si entre os braços teus neste momento
Te pudesse contar meus soffrimentos!!...
E pintar-te a saudade, que nutria!...
Si pudesse dizer-te como tinha
Sempre na alma gravada a imagem tua!!...
Mas... em vão! oh! meu Deos!! já não existe!...
Sim; já tudo perdi!...

SCENA II.

O PRECEDENTE E SEBASTIÃO (*que ouve suas ultimas palavras*).

SEBASTIÃO.

Não tanto, amigo.

ANSELMO.

Ah ! sois vós ! desculpai

SEBASTIÃO.

Vejo que é justo
Chorar da Esposa a sorte ; mas agora

ANSELMO.

Jámais posso esquecer quem tanto amava !
Quando ausente no meio dos perigos,
Entre a vida, e a morte vacillante,
Ouvia o retinir das duras armas,
Mesmo então tinha na alma um pensamento,
Moema, e minha filha ! esta lembrança
O peito me partia ! ! e finalmente
Hoje é morta ! ! !

SEBASTIÃO.

Mas vive a filha cara,
Que Deos quiz conservar p'ra vosso allivio

ANSELMO.

Sim ; é este o só bem, que hoje me resta
Minha filha ! Minha unica esperanza !
Oh ! vou já abraçar-a ! . . um só momento

Não, não devo passar distante della!
 Em seus braços ao menos mitiguemos
 A dor, que o coração me despedaça!
 Só ella minorar póde a saudade,
 Que me causa da Esposa a perda infausta!
 Deixae-me pranteiar junto da filha
 A consorte infeliz!

SEBASTIÃO.

Sim; é mui justo (*Sahe Anselmo*).

SCENA III.

SEBASTIÃO (*só*).

Que dia tão fecundo de successos!...
 Parece que hoje approuve ao Omnipotente
 Seus prodigios mostrar! Ah! e quem pódes
 Seus mysterios saber, e seus segredos!!
 Hoje fazem quatro annos, bem me lembro;
 Que sagrei o logar onde descansa
 A infeliz Moema! hoje, inda tremo!...
 Uma voz proferio funesto agouro
 Junto de sua humilde sepultura!...
 Hoje, emfim, ao depois de larga ausencia,
 Abraça um terno Pai a filha amada,
 E lamenta da Esposa a triste morte!...
 Meu Deos! quem sondará vossos mysterios!...
 Mas chega Abamoacára: muito alegre
 Deve elle receber a fausta nova
 Da chegada de Anselmo: e certamente
 Era este o estrangeiro em que fallou-mø:
 Mas melhor é calar; que uma surpresa
 Mas subída emoção causar-lhe deve

SCENA IV.

O PRECEDENTE E ABAMOACARA (*triste*).

SEBASTIAO (*á parte*)

Grande Deos! o que vejo?... que mudança!...
 (*Alto*) Filho, sentes acaso?...

ABAMOACARA.

ABAMOACARA.

Nada...

SEBASTIÃO.

Temes

Por ventura dizer-me o que te agita?...

ABAMOACARA.

Oh! não posso occultar-te; mas...

SEBASTIÃO.

Acaso

E' inda esse estrangeiro quem te assusta?

ABAMOACARA (*á parte*).

O estrangeiro?!...(Alto) Não, meu Padre...

SEBASTIÃO.

Dize

Que motivo operou tanta mudança?

ABAMOACARA.

Foi sómente um profundo pezadello
O que assim me tornou mais taciturno.

SEBASTIÃO.

Mas então...

ABAMOACARA.

Inda ha pouco recostado
A' sombra de um ipê, tinha a cabeça
Sobre a mão reclinada: aragem branda
Movia as aguas e agitava as folhas:

Mas de prompto mudou-se a grata scena :
 O sol sol se annuviou : um vento frio
 Soprou sinistramente : então senti-me
 Como abysmado em um profundo somno :
 Turbada a vista minha, e quasi em sonho
 Parecia-me vêr um lindo prado,
 Onde das flores o aroma grato
 O ar embalsamava : a um lado havia
 Corada e linda rosa : então me apresso
 Com tenção de colhel-a ; e nesse instante
 Vérme destruidor se arrasta occulto
 Por entre as folhas : eis tomando a fouce
 Em vez de o destruir decepo a rosa....
 E nisto despertei dessê lethargo
 Uma interna afflicção então sentindo :
 Tenho té agora estado pensativo....

SEBASTIÃO.

E pois receias tu desses sonhares ?
 Tua imaginação ardente, e viva
 Deu causa certamente á um tal successo :
 Remove pois da mente essa lembrança.

ABAMOACARA.

Mas um tal pezadello ? !....

SEBASTIÃO.

Oh ! nada vale ;
 Já te disse, não temas ; são chymeras,
 Ficções extravagantes, que se volvem
 No cerebro exaltado de um mancebo :
 Não tem applicação os desvarios
 De uma mente agitada.

ABAMOACARA.

Mas, meu Padre,
 Ainda não é tudo : o monstro horrivel....

SEBASTIÃO.

Pois que ? ! que mais tu viste ?

ABAMOACARA.

Um torvo espectro !....
 De altura gigantesca, e fero aspecto !....
 Tinha os olhos em fogo.... as mãos sangrentas....
 A mim se approximou.... tremi ao vel-o !....
 Um golpe desfechou !.... ferio-me o peito,
 Com as mãos o lacerou ; e palpitante
 Tirou-me o coração, partio nos dentes !....
 E morto então cahi junto da rosa,
 Que com a fouce eu mesmo decepára....

SEBASTIÃO (*á parte*).

Que visão ! (*Alto*). Não receies : neste dia
 Nada podes temer : só f'licidades
 Deves hoje esperar ; em Deos confia :

ABAMOACARA (*fóra de si*).

Não me falles em Deos.... (*muito forte*).

SEBASTIÃO (*horrorisado*)

Filho, que dizes ? !....

ABAMOACARA (*muito forte*).

Não ha Deos; e se ha, não pune o crime :
 E um Deos, que sem castigo os máos consente,
 Não deve os cultos merecer da terra !....
 Quem permite a traição, a falsidade,
 Quem deixa impune prosperar o crime,
 Os affectos pagar com vil desprezo,
 As almas illudir com atroz perjurio,

Não póde receber de Deos o nome !....
Ou não existe então ; ou é perverso.

SEBASTIÃO (*horrorisado*).

Filho !! tremo de ouvir-te !!.... tu blasphemias
Contra aquelle, que póde aniquilar-te !?....
E appellidas cruel quem te consente,
Quem te ouve blasphemar assim ? ! Meu Filho,
Que furia te tornou tão pervertido ? !....
Tu zombas de teu Deos !.... e ousas insano,
Accusal-o de injusto ? !.... duvidando
Té de sua existencia ? ! oh ! crime enorme !!!
Porque insultas assim o Omnipotente ? !....
Náo temes do Senhor justo castigo ? !....

ABAMOACARA (*muito forte*).

E' um Deos sem acção, se acaso existe ;
Ou é chymera vã um Deos, que inulto
Deixa o perpetrador de horrendos crimes :
Náo adoro tal Deos.

SEBASTIÃO.

Que horror !!

ABAMOACARA,

Embora !!

SEBASTIÃO.

Oh ! de certo estás louco !.... Filho, attende
Ao ministro de Deos : tua alma inteira
Está de Satanaz possessa : cala
Essas exprobrações !! Que repentina
Mudança se operou em teu espirito ? !
Náo eras tu o mesmo, que, inda ha pouco,
Abrasado no amor de um Deos clemente
Seu poder, e favor tanto exaltava ? !....
Quem te motiva agora tantas queixas
Contra esse Deos benigno ? !

ABOMOACARA.

ABAMOACARA.

Um monstro infame..
 Um amor de traição acobertado..
 Um perjurio cruel.

SEBASTIÃO.

Não compreendo!
 Que palavras tão cheias de mysterios!!
 Filho, explica-te: acaso?... mas não devo
 Por certo acreditar; sua virtude...

ABAMOACARA.

A virtude?.., onde existe?!... é tão sómente
 Engenhosa expressão; sublime termo:
 Só o engano, a má fé, a astucia, o crime,
 São da alma humana os sentimentos todos!...

SEBASTIÃO.

Oh! que estranha linguagem! que pretendes
 Neste estado de colera excessiva?...

ABOMOACARA.

A injuria castigar, punir o monstro,
 Com seu sangue abrandar meu desespero!.. (*Sahe furioso*).

SCENA V.SEBASTIÃO (*só e ainda horrorisado*).

RERAHIAO. .

Grande Deos! o que ouvi?! falla de sangue,
 De morte, e desespero?! Dia infausto!..
 Sua alma em afflicção, em mil angustias
 Té da existencia duvidar pretende

Desse Deos, a quem já cultos rendia?!
 Nem mais essa humildade, com que outr'ora
 A tratar costumava o sacerdote,
 Que o instruiu na lei de Jesus-Christo?!...
 Donde, ó Deos, provira tanta mudança?!
 Cada vez mais me assombro!... a cada passo
 Novos mysterios apparecem hoje!!
 Ah! se elle em seu furor a esposa extingue?!
 Oh! meu Deos! porém ella criminosa?!
 Seu rosto que virtude só exprime..
 Que é o emblema da paz, e da innocencia...
 Ah! jamais posso crer que ella o trahisse:
 Mas o que disse agora... um monstro infame,
 Um amor de trahição acobertado:
 E o que exprime tal dito?! Deos piedoso,
 Não permittas que cego o braço eleve
 Sobre ella!... É quandohia annunciar-lhe
 A chegada de Anselmo; em desespero
 Partio sem esperar!....ah! deste modo
 Talvez que por tal nova extasiado
 Os seus furores applacar podesse!....
 Oh! tentemos assim apasigual-o!
 Mas eis que chega Anselmo taciturno,
 E vem tão pensativo..que tristeza!!....
 Que mysterios tem hoje de operar-se!....
 Quantos prodigios em tão curto espaço!!....

SCENA VI.

O PRECEDENTE E ANSELMO (*triste*).

SEBASTIÃO (*comprimentando-o*).

Cavalleiro....

ANSELMO.

Meu Padre.

SEBASTIÃO.

Tão sombrio?!
Estranho assim vos ver tão melancolico,
Quando estar deverieis sastisfeito;
Mas de certo inda é causa da tristeza
A lembrança da Esposa?

ANSELMO.

Outro motivo,
Outro tão forte com tal lembrança

SEBASTIÃO.

Ser-me-ha dado, senhor, saber a causa
Da mal que vos afflige?

ANSELMO.

He sem remedio;
Ah! meu padre! nasci só p'ra tormentos!

SEBASTIÃO.

Nossa fê, Cavalleiro, o Deos, que temos,
Nossa Religião não nos consentem
Desesperar do Céu; e quando os males
Nos perseguem, convem, que resignados
Como humildes christãos os supportemos.

ANSELMO.

Porem tanta frieza

SEBASTIÃO.

Qual?

ANSELMO.

Da filha,
Que mais que a propria vida eu amo.

SEBASTIÃO.

Ah! nunca,
Nunca a chameis ingrata; assás conheço
De sua alma a pureza.

ANSELMO.

Porêm quando
Se devia mostrar mais satisfeita
He que triste a meus olhos se apresenta?....

SEBASTIÃO,

He por ser hoje o dia anniversario
Daquelle, em que Moema perecêra,
E bem vedes....mais eil-a que ahi chega....
Vamos vê-la....

SCENA VII.**OS PRECEDENTES E PORANGABA.**

PORANGABA.

Meu Pai!

ANSELMO.

Vem, minha filha (*abração-se*).

SEBASTIÃO.

Este é, filhos, o dia mais ditoso,
Que p'ra mim tem raiado.

ANSELMO.

E bem pudera
Ser completa a ventura!....

PORANGABA.

Sim; de certo (*chora*).

SEBASTIÃO.

Não chores....

ANSELMO.

Tal tristeza!....

PORANGABA.

E' justa.

SEBASTIÃO.

Filha,

Bem conheço teu peito tão sensível ;
Pois choras de Moema a morte infausta ;
Mas com firmeza supportar te cumpre
Os decretos do Ceo; e Deos, que vela
Sobre o mundo, melhor do que nós sabe
O que ao mundo convem.

PORANGABA.

Mas si elle é justo,
Si é um Deos de bondade, e de clemencia
Ah! por que a mãe roubou-me?! (*chora*).

ANSELMO.

Não te afflijas:
Não estou eu junto a ti?....que mais desejas?

SEBASTIÃO.

Sim; Deos se commoveo de tua sorte;
E dá-te hoje o prazer de ver de novo
Um carinhoso pai; abraça-a, filha.

PORANGARA (*abraçando a Anselmo*).

Sim, meu Pai.

ANSELMO.

Que te adora como um anjo,
Que só busca o teu bem.

SEBASTIÃO (*tomando a mão de Anselmo e Porangaba
diz com tom solemne*).

Eis finalmente
O momento, em que devo satisfeito
Dar-te uma alegre nova, Cavalleiro....

PORANGABA (*á parte*).

Oh! Meu Deos!

ANSELMO.

E qual é?....

SEBASTIÃO.

Primeiro exijo
A vossa approvação....

PORANGABA (*á parte*)

Já comprehendo!!

ANSELMO.

Vós, ministro de Deos, jamais pudereis
Exigir uma acção, que indigna fosse;

E confiado em vossa integridade
 Desde já ousou pois assegurar-vos
 Que vos não negarei quanto pedirdes

SEBASTIÃO.

Muito bem; assim é; agora ouvi-me:
 Que daries, meu nobre Cavalleiro,
 Ao homem generoso, que arrostando
 Os mais arduos perigos, se expozesse
 Aos furores do mar para salvar-vos
 Aquillo que para vós mais caro fosse?

PORANGABA (*á parte*).

Não posso duvidar!

ANSELMO.

Padre, um tal homem
 Só pago ficaria si pudesse
 Os thesouros lhe-dar do mundo inteiro.

PORANGABA (*á parte*).

Não lhe pagáras!....

SEBASTIÃO.

Que?! um Cavalleiro
 Preza mais do que a filha ouro e riqueza?!

ANSELMO (*atalhando*).

Oh! jámais!

SEBASTIÃO.

E pois qual a recompensa
 Para o seu salvador?....

ANSELMO (*olhando para Porangaba com enthusiasmo*).

A propria filha!

SEBASTIÃO.

Cavalleiro....

ANSELMO.

Esse ser tão bemfazejo,
Que salvou minha filha só merec
Por premio de tal bem a propria filha.

PORANGABA.

Meu sempre amado pai, tu pois o ordenas....

SEBASTIÃO.

Pois sabei, Cavalleiro, esse homem bravo,
Que salvou vossa filha é desta Aldeia
O cacique por mim já convertido:
A qui arremessou-os um naufragio,
Elle, mais vossa filha, e a cara esposa,
Que perecera então; seus frios restos
Alli jazem (*apontando para o sepulchro*).

ANSELMO (*olhando para o sepulchro e querendo correr a elle*).

Moema !!

PORANGABA (*á parte*).

E seu presagio ? !....

ANSELMO.

Porém onde esse homem generoso,
Tão pio Brasileiro ? !

SEBASTIAO.

Aqui habita ;
 E o tecto, que nos cobre lhe pertence ;
 Neste instante talvez de seus patricios
 Recebendo na Aldeia alegre esteja
 Mil provas de afeição por seu consorcio,
 Que hoje vai celebrar-se ; e o qual agora
 Acabas de approvar.

ANSELMO.

Ditoso dia !....

PORANGABA (*á parte*).

Meu Deos ! e seu ciume ? !....

SEBASTIAÕ.

Pouco tarda
 O momento de unir-se á vossa filha ;
 E quando o sol cahindo encher de sombra
 Este outeiro vizinho ; nesse instante
 Sobre elles lançarei a minha benção
 Junto áquelle sepulchro ; e vamos, filha,
 Vamos té o jardim colher as flores,
 Que devem neste dia ornar-te a fronte.

ANSELMO.

Sim ; vem nos braços meus.

SEBASTIAÕ.

Vamos. (*Sahem os tres*).

SCENA VIII.

ABAMOACARA. (1)

Que vejo ? !

Toda entregue a um rival ? !... que horror !! perjura !...
 Treme de meu furor ! e illudido
 Vinha agora lançar-me nos teus braços,
 Meu ciume esquecer !! Ah ! nunca ! agora
 Qual fera embravecida, hei de em teu peito
 Mil golpes desfechar !.... hei de arrancar-te
 Tão cruel coração ! hei de em teu sangue
 Minhas mãos ensopar !.... e ousou a impia
 Conduzir a meu lar seu proprio amante ! ?
 Que desprezo !.... que audacia !.... é impossivel
 Impune consentir tamanho arrojo :
 Sim ; eu devo vingar-me ; e só com a morte
 Dessa mulher fallaz ! E tu, fingido,
 Refinado impostor, Padre execrando,
 Amigo refalsado, tu buscavas
 Illudir-me tambem com teus discursos !....
 Porém não !.... foi em vão !.... tu pretendias
 Acalmarm-me o furor, talvez, quem sabe,
 P'ra depois exercer melhor teus planos !....
 Mas não conseguirás : convém agora
 Aqui mesmo esperar pela traidora :
 Junto daquella mesma sepultura
 Onde repousa a mãe, a filha ingrata
 Ha de em breve cahir por mim ferida :
 E com o mesmo punhal tinto de sangue
 Hei de o rival passar ; mas eis que chegão....
 Chega tambem o instante da vingança :
 Mulher, impio rival, tu sacerdote,

(1) Entrando pelo lado opposto áquello por onde sahem os tres, tem tempo de vêr ainda Anselmo, que se retira abraçado com Porangaba: a este aspecto treme horrorisado, e cheio de ciume e de desespero, quasi delirante vem pouco a pouco approximando-se ao meio da scena, e diz penetrado de colera.

Tremão todos de mim n'um tal momento :
Vingado ficarei de tanta affronta. (*Corre ao fundo e oculta-se no jardim.*)

SCENA IX.

ANSELMO, SEBASTIÃO, AMU' E PORANGABA
(*com uma grinalda de flores brancas na cabeça.*)

SEBASTIÃO.

Eis-te agora tão linda que pareces
A rainha da Aldeia : Cavalleiro,
Não o julgaes tambem ?

ANSELMO.

Sim ; é verdade,
E's a mais bella, e linda Brasileira,
Que nesta Aldeia existe ; és meu orgulho :
E vais-te hoje ligar em casamento ;
Mas promettes de amar-me sempre muito,
Não é verdade ?

PORANGABA.

Sim ; nunca esquecer-vos !
Nunca, nunca, senhor ; por Deos vos juro
O logar que vós tendes no meu peito
O primeiro será.

ABAMOACARA (*á parte*). (1)

Que horror !!

SEBASTIÃO.

De certo.

(1) Note-se que desde quando Sebastião começa a fallar, Abamoacara vem lentamente escutando quanto se passa, exprimindo ao mesmo tempo o mais terrivel ciume, e a colera mais violenta

ANSELMO.

Graças aos Céos ! pois tive a felicidade
De ver-te inda uma vez !

PORANGABA.

Sou venturosa ;
Pois quando já por morto eu vos julgava,
Pude abraçar-vos inda.

ABAMOACARA (*á parte no maior auge de ciume*).

Oh ! desespero !....

ANSELMO.

E nunca um dia só tu te esqueceste
De mim ?

PORANGABA (*com ternura*).

Um só momento não passava,
Em que eu não me lembrasse.

SEBASTIÃO.

Eu o confirmo.

ABAMOACARA (*á parte quasi delirante*).

Já é muito soffrer !!

ANSELMO (*tomando a mão de Porangaba beija-lhe
a testa.*)

Vem a meus braços ;
Como és tão bella, e pura !

SEBASTIÃO.

Mas já tarda....

ABAMOACARA. (1)

Minha vingança !!!

PORANGABA (*cahindo nos braços de Anselmo*).

E' elle !

SEBASTIÃO (*horrorizado*).

Que fizeste !!!

ANSELMO. (2)

Brasileiro feroz !....

ABAMOACARA. (3)

Vil estrangeiro ! !....

PORANGABA (*com voz entrecortada*).

Perdão para meu pai, querido esposo !....

ANSELMO (*estupefacto*).

Seu esposo ? !....

(1) Diz com voz terrível, apenas Sebastião acaba de pronunciar a ultima palavra, e cravando o punhal em Porangaba.

(2) Vendo a filha cahir ferida, trava arrebatada e furiosamente da espada exclamando.

(3) Ainda com o punhal em acção de feril-o.

ABAMOACARA (*cheio de assombro*).

Seu pai ? !

SEBASTIÃO (*aterrado*).

Misericórdia ! !

ANSELMO (*de novo avançando para Abamoacara*).

Oh ! nunca perdoal-o ! Espera, ó filha,
Vou vingar-te (*vai feril-o com a espada quando*)

ABAMOACARA. (1)

Esperai : feri-me antes
Com o mesmo punhal, que deu-lhe a morte.

PORANGABA (*quasi a morrer*).

Perdoai-lhe Senhor ! eu lhe perdôo :
Em lugar de meu Pai vos creu amante ;
Seu ciúme o cegou ! Esposo eu morro
Vossa benção, meu Pai eu (*com voz muito sumida*).

ANSELMO (*segurando-a juntamente com Amú*).

Filha ! !

AMU' (*chorando*).

Amiga !

(1) Apresentando o peito, afasta com uma mão a espada, da-lhe com a outra o punhal, e diz.

SEBASTIÃO.

Eis a voz do sepulchro !.... eis o presagio ! !.... (1)

SCENA X.

O PRECEDENTE, CAMARARA E CAMPONEZAS

ABAMOACARA. (2).

Suspendei esses cantos de alegria !
Os hymnos de prazer trocai em prantos !

CAMARARA.

Que vejo ? Tua esposa assassinada ? !....

ABAMOACARA.

E com ella tambem neste momento
Verás aquelle que lhe dera a morte.
Sim ; eu devo morrer, p'ra que o meu sangue
Vingue meu crime : p'ra que o mundo um dia
Assombrado de horror de mim não diga :
“ Feroz Abamoacara, eu te detesto. ” (*Mata-se*).

FIM DA TRAGEDIA.

(1) Neste instante ouve-se musica e vem as camponezas trazidas por Camarara para festejar o casamento de Abamoacara ; o qual durante a ultima fallada Esposa, e as exclamações de Anselmo, Amú, Sebastião. conserva-se a um lado da scena immovel, e quasi petrificado exprimindo o mais violento remorso e apresentando um aspecto terrivel.

(2) Apenas ouve a musica corre immediatamente ao fundo da scena, e mostrando ao amigo o punhal ensanguentado, diz.

UM THESOURO.

COMEDIA ORIGINAL EM 1 ACTO

REPRESENTADA NO THEATRO GYMNASIO DRAMATICO.

PERSONAGENS.

EMERENCIANA, 55 annos. *(Julinha)*

FORTUNATA PRECIOSA, neta e afillhada da dita 18 annos. *(dita)*

SENHOR'ANNA, 60 annos.

(meios)

SIMPLICIO, 20 annos. *Bahianinha*

RIBEIRO, amigo do dito 20 annos, *Alba*

THOME', 50 annos. *Capitã*

VENANCIO, 38 annos. *Francis*

SEVERO, 18 annos. - *Manoel*

MANOEL MARIA, 25 annos. *Albany*

COSTA, 20 annos. *Maximiliana*

SILVA, 20 annos. *Amor*

A scena passa-se em um curato da provincia do Rio de Janeiro
Epoca 1863.

UM THESOURO.

ACTO UNICO.

O theatro representa uma sala ornada com simplicidade.

SCENA I.

Federação e Alcega
EMERENCIANA, E SEVERO.

(Accibrindo a cabeça)
SEVERO.

Si eu soubesse que isto era assim, então....

EMERENCIANA. *(sentada em scena)*

Então, o que?

SEVERO.

Então me casava com a filha do capitão João da Aparecida ; é uma moça, que tem uma paixão tamanha

por não ser possuidora ^{do meu cavallo} dos meus affectos, que teve uma molestia do diabo : da mesma cousa esteve para morrer o meu cavallo rosilho.

EMERENCIANA.

E' o que lhe digo : não é possível ; ella já está pedida e promettida.

SEVERO.

Pois olhe ; eu tambem lhe peço, e lhe prometto o que a senhora quizer. Sra. D. Emerenciana, eu tenho uma inclinação muito grande á D. Fortunatinha ; e ella me bota uns olhos, que me faz arripiar todo : quando olha assim para mim, me faz lembrar logo a ruana do tio padre, com a differença que eu é que fico com a orelha em pé.

EMERENCIANA.

Sinto muito dizer-lhe ; mas não é possível.

SEVERO.

Então, nem a carta que eu trouxe do tio padre, vale nada ? Já vejo....

EMERENCIANA.

Eu é que já vejo que o senhor não quer se desenganar.

SEVERO.

Sra. Emerenciana
—Minha senhora—agua molle em pedra dura tanto bate até que a fura — é um dictado do meu vizinho Chico da picada : por isso eu hei de ir teimando tambem até furar.

EMERENCIANA.

E' asneira batalhar : agora do que disse não torno atraz.

SEVERO.

Ah ! já sei : a senhora é como o meu ^{burr}baio ; empacando não ha nada que o faça andar para diante.

EMERENCIANA.

Em uma palavra ; o que eu tinha de dizer já disse. Minha afilhada casa-se com um moço da ^(capitol)eôrte.

SEVERO.

Algum badameco, algum vidrinho de cheiro, que não terá força nem para arrancar um pé de milho secco. *(A' parte)* Atraz do que elle vem sei eu.

EMERENCIANA.

Sr. Severo, o senhor póde ficar por aqui, que eu vou dar as providencias lá dentro para quando chegar o noivo ; porque o casamento é hoje mesmo.

SEVERO.

Sim, senhora, eu fico ; quero mesmo ver a carinha do meu vencedor. *(Sahe Emerenciana).*

SCENA II.

Mercedis
SEVERO *(só)*.

drame Foi o diabo não acordar eu mais cedo! a menina tem hererva! . . . Todo o mundo diz, e a madrinha mesmo não nega que possui um thesouro escondido, e que no dia do casamento logo depois de os noivos estarem amarrados, ella entregará essa ^{maquina}maquia ao feliz, que tiver por mulher aquella pomba juruty! Que arranjo que me fazia este cobre! . . . Comprava immediatamente a fazenda do José Pipoca: a estrada de ferro passa mesmo no terreiro;

*(cospregando os
dedos)*

*(cospregando
mãos)*

e era um gostinho vêr-se cá o ^{legas} menino só a mandar botar café para baixo.... Bota, rapaz! (*Em outro tom*). Mas o diabo foi a viagem que esta gente fez á côrte no fim do anno passado: dahi para cá a Fortunata mudou de todo: veio até de lá com outras cores! saniu daqui com as faces que erão cada uma um pimentão maduro, e voltou toda ella côr de repolho cosido! E o bonito é que dizem que lá pela tal cidade esse é que é o luxo!.... Ai! caluda! parece-me que a sabiá vem vindo para a laranjeira!.... (*Entra Fortunata*)

(*Fortunata já gastou de Severo, mas abandona-a*)

SCENA III.

O PRECEDENTE E FORTUNATA.

SEVERO.

D. Fortunatinha, estou furioso! (*fingindo*)

FORTUNATA.

Então chegue-se para lá.

SEVERO (*á parte*).

Eu não digo? está ^{mudada} outra (*alto*) Estou furioso!

FORTUNATA.

Então pelo que? (*com um muchacho e faccione*)

SEVERO.

A senhora ainda tem bocca para me perguntar?

FORTUNATA.

Mas eu não posso adivinhar.

SEVERO.

Eu é que si advinhasse

FORTUNATA.

Si advinhasse, o que é que fazia?

SEVERO.

Não tinha perdido o meu tempo; mas me fica por emenda.

FORTUNATA.

Ora deixe-se disso; o Senhor estará persuadido?

SEVERO:

Agora não estou; porque sei de tudo; mas já estive :
naquelle temponaquelle tempo

FORTUNATA.

Que tempo, Sr. Severo? quem o ouvir fallar ha de julgar que eu

SEVERO.

Então a Senhora quer negar que já me teve amor, sim, muito amor?

FORTUNATA.

Arrengo do Senhor: é capaz até de jurar falso.

SEVERO.

Sou capaz de jurar quantas vezes a Senhora me disse

FORTUNATA.

Disse o que, Sr. Severo?

SEVERO (*continuando*).

Me disse que me queria muito bem. Olhe; até me lembro daquella vez....

FORTUNATA.

Sr. Severo, deixe-se de asneiras: são cousas de tantos annos, e eu era tão criança....

SEVERO.

Criança!....sim, criança!....Mas como eu ia dizendo; daquella vez que eu lhe dei uma pombinha branca no chôco. (*com ternura*) Ah! D. Fortunatinha, eu não era para ser assim enganado!

FORTUNATA.

Que desespero, meu Deos! Sr. Severo, eu não lhe prometti nada, cousa nenhuma; isto é uma impertinencia.

SEVERO.

Aqui está no que deu a sua viagem á ^{capital} -côrte; mudou em tudo, até na côr !

FORTUNATA.

O Senhor hoje não vai visitar seu tio Padre?

SEVERO.

Não vou, não Senhora; fico aqui: quero ver o pimpão lá da cidade.

FORTUNATA (*á parte*).

Peior é essa. (*Alto*) Pois eu queria pedir-lhe um favor.

SEVERO.

Olhe ; eu lhe tenho tanto amor que sou ainda capaz de lhe servir.

FORTUNATA.

Acredito ; e por isso desejo que o senhor vá hoje ao sitio de seu tio buscar umas mudas daquelle jasmim, que elle tem na latada, para eu plantar no meu jardim.

SEVERO.

Ah ! D. Fortunatinha, você pensa que me engana ? boas ! cuida que por eu não ter ido nunca á côrte sou pateta ? pois não vê! Eu bem sei que o que você quer é que eu sáia hoje daqui : pois não sáio.

FORTUNATA.

Não ; não é isso : é porque passando de hoje que é lua nova, as mudas não pegão tão depressa.

SEVERO.

Esta agora é que não pega ! daqui á roça do tio padre são 10 leguas ; e 10 para a volta são 20 : é uma estafa muito grande para mim e para o meu macho ; e nós cá andamos um bocado adoentados.

FORTUNATA.

Pois era a maior prova do seu amor para comigo.

SEVERO.

E do seu amor, qual ha de ser ?

*(com um
ligeiro
sorriso)*

(com dengo)

FORTUNATA.

Ha de ser eu dar-lhe um ramalhete de flores, e desses mesmos jasmims, no dia de seus annos.

SEVERO (*com ternura*).

E você ainda se lembra do dia de meus annos?

FORTUNATA.

Lembro-me: este anno cahe até em sabbado da Alleluia. (*com malicia*)

SCENA IV.

OS PRECEDENTES, MANOEL MARIA, COSTA
E SILVA.

MANOEL MARIA (*trazendo um violão*).

Sinhazinha, quer ouvir um lundusinho que acabei de fazer hontem?

SEVERO.

Vamos, vamos a isso, seu Manoel Maria: eu gosto de lunduns que me pélllo.

FORTUNATA.

Mas é depressa; que minha madrinha me disse que eu fosse já me apromptar.

MANOEL MARIA.

Ora lá vai; (*toca e canta o seguinte lundú:*)

Iaiá, porque me despreza ?
 Não sabe quanto lhe quero ?
 Não se mostre zangadinha,
 Deixe esse desdem *severo*.

Eu morro,
 Desmaio,
 Socorro !
 Eu caio !

Vou cair logo nos braços
 Nos braços do meu rival ;
 Ah ! meu bem tira-me a vida
 Depressa, venha um punhal.

FORTUNATA (*logo depois da cantoria*)

Senhor Severo, isto parece uma cassoada : eu se fosse o senhor, não aturava. (*rindo*) Ah ! Ah ! Ah ! (*vai-se*).

SCENA V.

SEVERO, MANOEL MARIA, COSTA E SILVA.

SEVERO (*agastado.*)

Sr. Manoel Maria, eu não sirvo p'ra palito.

COSTA.

Ora não dê o cavaco.

SILVA.

O' Costa, tu não sabes aquelle lundú — Seu Severo é bom ?

SEVERO.

Sr. Silva, não se divirta comigo, que póde sahir-lhe o trunfo ás avessas.

MANOEL MARIA.

Rapasiada, deixem o amigo Severo. Olhe Sr. Severo, este lundú não tem nada com o Senhor; foi gracejo de D. Fortunata.

SILVA.

Tem, tem; até falla no seu nome.

COSTA.

E no rival, no punhal....

SEVERO.

Eu desafio a cada um dos Senhores, se for capaz, que me diga isto lá fóra.

MANOEL MARIA.

A mim tambem, Severosinho?

SILVA.

Eu acceito o desafio; mas ha de ser a bodoque

COSTA.

A bodoque, apoiado: eu, e o Manoel Maria somos os padrinhos.

MANOEL MARIA

Está dito; ha de ser no terreiro: o Silva trepado na goiabeira que está junto da porta, e o Severo na jaboticabeira, que fica defronte.

SEVERO.

Os Senhores estão mangando, por que são tres, e eu um.

MANOEL MARIA.

E' isso mesmo; se você fosse tres, e nós um....

SEVERO (*atalhando*)

Outro gallo cantaria

COSTA.

O' *seu* Severo, onde é que viu gallo de cantaria?
(*ouve-se um tiro*).

SILVA

Um tiro? será algum duello?

COSTA.

Quem sabe?!.....

MANOEL MARIA.

Vamos, vamos ver, Sr. Severo (*Vão-se os tres*).

+ **SCENA VI.**SEVERO (*só*).

Que tres malandros!..... sem officio, nem beneficio!..... e o tio padre precisando de gente lá na roça!..... O tal do violão, que tem a mão bem ligeira, estava bem bom para *quibandar* o fubá de milho. Metter-me em lundus?!..... a mim, que sou um sargento da guarda nacional!! Elles não têm culpa: culpa tem a Sra. D. Emerenciana em receber estes *capatazes* su-
ciantes.... Mas deixem estar que eu inda hei de pregar com um delles na cadêa: é desaforo! Acharão uma casa governada por duas velhas, e estão aqui mettidos como vilão em casa de seu sogro, com o pé de obsequiarem o noivado com suas cantigas.

SCENA VII.

O PRECEDENTE, E SENHOR'ANNA

(esta traja com muita simplicidade, usa touca, oculos de tartaruga, toma rapé, penteiado antigo, lenço de seda pregado bem em cima no pescoco, etc.)

SEVERO.

Ora viva, Senhor'Anna : como está minha dona ?

SENHOR'ANNA.

Para servir a Vm. : toda a sua obrigação como vai ?

SEVERO.

Não vai lá muito bem, Senhor'Anna.

SENHOR'ANNA.

Então pelo que ?

SEVERO.

Por causa do diabo da peste que tem dado lá em casa.

SENHOR'ANNA.

Sim ? então o que foi que succedeu ?

SEVERO.

A mana Florinda deitou no dia de Santa Barbara meia duzia de gallinhas ; e vai, no fim de tres semanas, os pintinhos começãrão a picar o ovo : vingãrão todos, e ella ficou que não cabia na pelle.

SENHOR'ANNA.

E' mesmo uma alegria quando a ninhada sahe toda sem faltar um pintinho.

SEVERO.

(batendo as mãos na coxa)
 Pois foi : sahio toda inteirinha ; mas o diabo sempre as arma ; e de setenta e tantos franguinhos que já estavam, e bem taludinhos, só resta uma duzia, e esses mesmos gosmentos. *(escatto)*

SENHOR'ANNA.

(espirra)
 Que pena, Sr. Severo !... Olhe ; eu bóto sempre no chôco um prégo com carvão, e ajunto tambem uns raminhos de arruda : é cousa santa !

SEVERO.

A tia Angelica ensinou que era bom tambem botar alecrim secco ; mas qual !! *(abanaudo a cabeça)*

SENHOR'ANNA.

Não ha nada como arruda.

SEVERO.

Mas o peor não é isso.

SENHOR'ANNA.

Então ha mais alguma novidade ?

SEVERO.

Dona, pois você ainda pergunta ? não sabe da minha desgraça ?

SENHOR'ANNA.

Nao ; seus ovos gorarão ? !

SEVERO.

O que me gorou foi o casamento de D. Fortunatinha.

SENHOR'ANNA.

Sim ; é verdade ; o casamento é hoje mesmo.

SEVERO.

E então, que me diz a isto ? eu que sempre pensei que ella me tinha amor !.... pregar-me esta !....

SENHOR'ANNA.

Meu filho : — O casamento e a mortalha no céu se talha — são ditados antigos.

SEVERO.

E eu tão cego, que não via nada !....

SENHOR'ANNA.

Ella ^{havia} tinha feito uma promessa a Santo Antonio ; accendia todas as noites duas velas de meia libra.

SEVERO.

Ah !.... é por isso.... é por isso.

SENHOR'ANNA.

Por isso, o que ?

SEVERO.

Por isso é que ella me pedio para comprar as velas de cêra !.... e eu tão asno que fui com todo o gosto comprar !.... inda mais esta !!

SENHOR'ANNA.

O bocado não é para quem o faz, é para quem o come — são ditados, que não falhão, meu filho.

SEVERO.

O diabo leve quem fez semelhantes ditados !

SENHOR'ANNA (*benzendo-se*).

Jesus ! Santo nome de Jesus ! não diga esse nome, seu Severo.

SEVERO (*colerico*).

Hei de, hei de dizer.

SENHOR'ANNA.

Olhe, que estamos na Quaresma !

SEVERO (*continuando*).

Enganar-me !

SENHOR'ANNA.

E o senhor, porque não faz tambem uma promessa ? *incha*

SEVERO (*continuando*).

Até por causa dessas velas, dei uma quéda com o meu macho, que ficamos todos dous descadeirados um bandão de dias.

SENHOR'ANNA.

Apégue-se com Santa Rita : é a Santa dos impossiveis : eu tenho muita fé com ella.

SEVERO.

Olhe ; Senhor'Anna ; eu tenho uma paixão tão grande por D. Fortunatinha, que era capaz

SENHOR'ANNA.

Ora vamos ver de que era capaz.

SEVERO.

Era capaz de prometter a Santa Rita um cavallo de cêra do tamanho do meu rosilho, se o tal badaméco do noivo se arrependesse, ou levasse o diabo.

SENHOR'ANNA.

Em fim, ha de se fazer a vontade de Deos.

SEVERO (*continuando*).

Não é pela riqueza que ella tem, não : mas é mesmo porque eu gosto muito della.

SENHOR'ANNA.

E' o que aconteceu ao outro.

SEVERO.

Qual ! esse vem atraz do thesouro, que ella tem ; tambem D. Emerenciana anda sempre a dizer por toda a parte que a menina tem um thesouro !!

SENHOR'ANNA.

Lá isso é verdade : moro com a comadre *Merenciana* ha 20 annos, e sempre ella está dizendo que tem guardado um thesouro para aquelle que fôr marido de sua Afilhada.

SEVERO (*com interesse*).

E você, dona, nunca vio esse thesouro ?

SENHOR' ANNA.

Tenho feito tudo quanto ha p'ra descobrir o que é ;
mas nunca fui capaz de saber : até me lembrei de fa-
zer a adivinhação da peneira.

SEVERO (*com interesse*)

Mas estará enterrado ? escondido

SENHOR' ANNA.

Está mettido dentro do ^{colchão} enxergão da cama da co-
madre.

SEVERO.

Dentro do ^{colchão} enxergão ? !

SENHOR' ANNA.

Sim ; dentro do ^{colchão} enxergão : isso ella diz ; e eu sei ;
porque todos os annos no dia dos annos da menina ella
se fecha sosinha no quarto ao meio dia ; e vai depois
p'ra o oratorio resar a Nossa Senhora.

SEVERO (*como que fallando comsigo*).

Talvez um grande sacco de ^{peças} meias doblas . . . não é
outra cousa. (*A' Senhor' Anna*) E ouviu alguma vez o
tinnir, assim como de moedas de ouro ou de prata ? . . .

SENHOR' ANNA (*com mysterio e olhando para todos
os lados para certificar-se de que ninguem a vê*).

Olhe ; eu lhe vou dizer . . .

SEVERO (*esfregando as mãos de contente*).

Sim ; sim, Senhor' Anna ; me diga, que eu não digo
nada a ninguem.

SENHOR'ANNA (*chegando-se para Severo com mysterio, e Severo com toda attenção applicando o ouvido*).

Este anno foi a primeira vez que pude ver....

SEVERO (*muito contente e esfregando as mãos*).

Vamos, Senhor'Anna; vamos depressa.

SENHOR'ANNA.

Ella se fechou no quarto sosinha: eu puz-me a espiar no buraco da fechadura, e vi.

SEVERO (*atalhando*).

Um sacco de dinheiro, de ouro, e prata não é isso?

SENHOR'ANNA

Espere, *seu* Severo.

SEVERO.

Estou desesperado; diga, diga o que viu.

SENHOR'ANNA

Vi ella abrir com a thesoura o enxergão ^{calção} (*geito de impaciencia da parte de Severo*) depois tirou o capim, e puxou, puxou, puxou.

SEVERO (*impaciente*).

Puxou o que, Senhor'Anna?

SENHOR'ANNA.

Uma caixinha!....

SEVERO (*desanimado*).

Uma caixinha?.... (*outra vez com interesse*) Mas de que tamanho?

SENHOR'ANNA (*indicando com ambas as mãos o tamanho da caixinha, que deve figurar ser de menos de um palmo quadrado*).

Deste tamanho.

SEVERO (*como se fallasse comsigo*).

Tão pequena!.... (*depois de um momento de reflexão, e ainda como se fallasse comsigo*) Então, está cheia de brihantes: é isso mesmo; são brilhantes: está cheiasinha de brilhantes toda ella. (*Ouve-se Emerenciana chamar de dentro*).

EMERENCIANA (*chamando de dentro*).

Comadre Senhor'Anna, ó comadre Senhor'Anna.

SENHOR'ANNA.

Já vou, comadre (*vai-se*).

SCENA VIII.

SEVERO (*só*).

Uma caixinha dentro do enxergão!.... Oh! não póde ser outra cousa: são por força brilhantes: aqui neste lugar dizem que já se achou um brilhante do tamanho de um ôvo de *perú*. (*Reflexiona*) Póde muito bem ser que o pai desta menina fazendo alguma plantação descobrisse uma mina de brilhantes: tirou-os, guardou-os e fez delles o dóte da filha. (*Em outro tom*) E ha de ir isto tudo para a mão de um vadio da *côrte!!* que

pena!.... Eu já agora, me contentava que ella me desse um punhadinho na mão, (*fazendo a mão concava*) um punhadinho só, sendo cada um do tamanho de um *mindubí* d'Angola. (*Em outro tom*) Ah! ahi vem os tres marotos, e eu vou-me safando para não dar hoje aqui algum desgosto (*Vai-se*).

9.º Acto
SCENA IX.

MANOEL MARIA (*sem o violão*) COSTA, SILVA,
VENANCIO, THOME', E POUCO DEPOIS EME-
RENCIANA.

MANOEL MARIA, COSTA, SILVA, (*rindo-se*).

Ah! Ah! Ah!!

MANOEL MARIA.

Foi boa!

COSTA.

Hoje o dia tem sido completo

SILVA.

O que eu senti foi não estar tambem o Severo.

MANOEL MARIA, COSTA, SILVA, (*rindo-se de novo*).

Ah! Ah! Ah!

THOME' (*trajando muito extravagantemente e trazendo um grande collete amarello, deixa de conversar baixo com Venancio*).

Os Senhores estão rindo? pois olhem; podia ser muito fatal.

VENANCIO (*vestido como um caçador*).

E' verdade: podia ser muito fatal.

EMERENCIANA (*entrando, e dirigindo-se aos tres rapazes*).

O café está esperando pelos Senhores

MANOEL MARIA.

Vamos a elle já, minha senhora. (*Vai-se para o interior com os dous rapazes*). *Entra Emerenciana*

SCENA X.

VENANCIO, THOMÉ E EMERENCIANA.

EMERENCIANA.

Mas como foi o caso? *Sr. Thomé*

THOMÉ.

O caso foi, comadre, que podia estar agora aqui o seu compadre duro e espichado, e em vez de comedia, ser este casamento uma tragedia.

VENANCIO.

E' verdade ; e eu causador innocente de tudo isto.

EMERENCIANA.

Porém o Sr. Venancio não vio quando....

VENANCIO.

Minha senhora, eu sou, como sabe, doudo por caçar : tinha visto um tucano ; e aquelle papo amarello fez-me logo a cabeça andar a roda : foi mesmo aqui perto desta capoeira que fica á esquerda da casa : engatillo a arma ; nisto o passaro vôa, e de repente apparece a besta do amigo Thomé....

THOMÉ (*atalhando*).

E' verdade ; eu appareci nesse mesmo instante.

EMERENCIANA.

Jezus ! meu Deos !

VENANCIO (*continuando a narração*).

Com a idéa no tucano, aponto ; e não sei como desastadamente me enganei (*interrompendo-se*) penso que foi por causa deste collete amarello, (*apontando para o collete de Thomé*) e disparei.... zás.... poum !

THOMÉ.

Tal e qual.

EMERENCIANA.

Meu Deos ! foi um milagre !

VENANCIO (*continuando*).

O Sr. Thomé espanta-se....

THOMÉ (*atalhando*).

E a besta tambem.

VENANCIO (*continuando*).

Espantão-se todos dous e recuão.

EMERENCIANA.

Foi toda a fortuna do compadre espantar-se e recuar.

THOMÉ.

De certo.

EMERENCIANA.

Pois bem : o melhor de tudo foi contar da batalha ; mas peço-lhe que não diga nada á sua afilhada para não assustal-a : eu vou apressal-a, que o noivo não póde tardar : até já.

THOMÉ.

Até já, comadre. (*Sahe Emerenciana*).

SCENA XI.

VENANCIO E THOMÉ.

VENANCIO.

Em caçadas tem-me succedido cousas celebres !

THOMÉ.

E a mim em pescarias : sou doudo por puxar um arrastão. Oh ! é o meu maior prazer !

VENANCIO.

Olhe ; uma vez estava eu em um sertão de Minas - era uma noute de luar ; tinha caçado todo o dia, e em ; quanto esperava o companheiro p'ra voltar, sento-me, ou por outra, deito-me ; e em que pensa o senhor Thomé que me havia eu de deitar ?

THOMÉ.

Não posso fazer idéa.

VENANCIO.

Nem é possivel imaginar : deito-me em cima de uma gibóia pensando que era uma pedra !

THOMÉ (*admirado*).

Essa, essa agora é que é de metter medo ! uma giboia ? !....

VENANCIO.

Quando dei pelo negocio, foi reparando em dous grandes chifres....

THOMÉ (*atalhando*).

Pois a giboia tem chifres ?

VENANCIO.

Nada; toda a minha f'licidade foi esse par de chifres.

THOMÉ (*atalhando*).

Mas quem é que tinha então os chifres ?

VENANCIO.

Esses chifres erão de um boi, que a giboia tinha engolido, e que ficarão da parte de fóra.

THOMÉ.

Safa !! (*á parte*). E' preciso ter mesmo guéla de giboia para engulir esta. (*Ouvem-se os fortes assobios do trem do caminho de ferro*).

VENANCIO.

Oh ! chegou o trem do caminho de ferro.

THOMÉ.

E' verdade : hade vir agora o noivo.

VENANCIO.

O noivo de D. Fortunata ?

THOMÉ.

Sim ; e o casamento é assim que elle chegar, porque o Vigario tem de ir fazer outro hoje mesmo, d'aqui a 4 leguas. Eu vim p'ra ser o padrinho da menina, e o noivo deve trazer da corte o seu padrinho.

VENANCIO.

Já agora fico para assistir ás bôdas. A proposito, tenho ouvido dizer que esta moça possui um thesouro immenso ?

THOMÉ.

E' verdade : ao menos desde que fui padrinho do seu baptismo sempre ouço a comadre Emerenciana fallar nisso.

VENANCIO.

Mas em quanto calcula essa fortuna, Sr. Thomé ?

THOMÉ.

Não sei ; é um mysterio, um segredo, que a avó nunca quiz dizer a ninguem.

VENANCIO.

Mas nunca soube do pai, do defunto Graciano ?

TOME'.

O compadre Graciano era ainda mais mysterioso do que a sogra.

VENANCIO.

Eu sempre o tive como um pobretão.

TOME'

Eu sei.... ha cousas....esta comadre Emerenciana quando falla do genro Graciano é sempre com tantos mysterios....emfim, eu desconfio que alguma cousa houve por ahi.

VENANCIO.

Teria elle entrado nesse negocio de negros novos?

THOME'

Não; isso não: foi sempre opposto a similhante cousa. (*à parte*). Que lembrança!

VENANCIO.

Perguntei, porque como o Senhor tambem uma vez....

THOME' (*embaraçado*).

+ (*A' parte*) E esta! (*alto*) Oh! ahi vem a comadre.

Aqui **SCENA XII.** (*2 estudantes*)

EMERENCIANA, SIMPLICIO E RIREIRO

EMERENCIANA.

Compadre, aqui chegou o Sr. Simplicio, (*apresentando-o*) e o Sr. Ribeiro.

SIMPLICIO.

Sr. Thomé, as ordens de V. S.

THOMÉ (*apresentando-lhe a mão*).

Nós já somos conhecidos: agora quanto ao Senhor (*para Ribeiro*).

SIMPLICIO.

E' o meu amigo o Sr. Ribeiro, que me faz a honra de ser padrinho do meu casamento.

THOMÉ.

Tenho muita satisfação em conhecer o Sr. Ribeiro; sou um creado de V. S.

RIBEIRO (*apertando-lhe a mão*).

Um servo do Sr. Thomé.

THOMÉ.

Pois, meus Senhores, não ha tempo a perder: eu vou lá dentro dar pressa á minha Afilhada, e de caminho mandar dar um pouco de milho á minha bestinha (*Vai-se*).

EMERENCIANA.

Sr. Venancio, o seu pagem quer lhe fallar.

VENANCIO (*a todos*).

Com licença (*vai para o interior*).

EMERENCIANA (*para Simplicio e Ribeiro*).

Eu vou tambem me apromptar para irmos já.

SIMPLICIO.

Sim, minha Senhora (*Vai-se Emerenciana*).

SCENA XIII.

SIMPLICIO E RIBEIRO.

RIBEIRO.

Então é aqui que se acha a tua futura com o seu thesouro? . . . Olha; parece-me que te has de arrepen- der, aquelle casamento que despresaste, bem que não era rico ; com tudo tinha vantagens: uma moça bem edu- cada, bonita, prendada, e que te estimava.

SIMPLICIO.

O coração adivinha: e de mais, esta cá tocou-me a corda sensível.

RIBEIRO.

Já sei então que a tua corda sensível é o dinheiro. Mas, dize-me, como sem mais nem mais te decidiste só pelo que te disse a velha que era a mais interessada em achar-lhe um casamento, e até praticaste uma acção menos digna, deixando logo de frequentar a casa de D. Victorina?

SIMPLICIO.

Então julgas tu que sou algum pedaço de asno, que só me deixasse guiar pelo que me disse a velha?

RIBEIRO.

Mas quem te pode assegurar que ha esse thesouro encantado?

SIMPLICIO.

Toda a gente que conhece esta familia diz á uma voz que a moça possui um thesouro, e que a velha é a depositaria desse segredo importante.

RIBEIRO.

Homem, os tempos não estão para historias de *mil e uma noites*: estas cousas verificão-se nos cartorios, examinando os formaes de partilhas, os inventarios.

SIMPLICIO.

Ahi temos outra! então, não se póde dar o caso de que haja uma moça, que possua um thesouro, que lhe deixasse algum parente; emfim, uma porção de dinheiro, de que não fação menção os inventarios, e ~~formaes~~ de partilhas?

RIBEIRO.

Não vou muito para ahi.

SIMPLICIO.

Pois eu vou; e os meus palpites nunca me enganarão.

RIBEIRO.

Estimarei muito que seja eu quem me engane.

SIMPLICIO

E de mais; reflecte em uma cousa.

RIBEIRO.

Em que?

SIMPLICIO.

A moça chama-se Fortunata Preciosa.

RIBEIRO.

Então, que conclusão tiras disso?

SIMPLICIO

Que este nome não lhe foi dado sem justo motivo.

RIBEIRO.

Tu estás por força com o juizo virado.

SIMPLICIO,

Fortunata Preciosa! Fortunata.... isto é, afortunada; e de mais a mais, Preciosa!.... queres mais claro?

RIBEIRO.

Se pelo nome conclues que ella tem uma fortuna de preço, e estabeleces como regra semelhante disparate, eu tambem posso concluir....

SIMPLICIO (*atalhando*).

Concluir o que?

RIBEIRO.

Que sendo o teu nome Simplicio (*carregando e demorando-se muito em cada syllaba*) tu deves ser simples, e bem simples, quasi um simplorio....

SCENA XIV.

OS PRECEDENTES E THOME' (*chegando á frente do bastidor, e voltando logo*).

THOMÉ.

Deo gratias! marcha para a Igreja (*Vai-se*).

SIMPLICIO.

Prompto; mudo de roupa em um minuto (*Vai-se*).

RIBEIRO (*seguindo-o*).

Vamos apadrinhar esta loucura.

SCENA XV.

SEVERO.

(*Que durante as duas scenas precedentes tem espreitado muitas vezes da porta do fundo, vem entrando, e dizendo*):

Que grandississimo patife! até deixou outra por causa desta! ah! velhaco! si eu te pilho! E é para um atrevido destes que ha de ir a caixinha dos brilhantes! Meu Deos! é mesmo uma ingratição daquella moça! O companheiro tem melhores sentimentos, e parece ser até um moço de juizo (*colerico*). Eu hoje faço aqui alguma estrallada; nada, não é possível aturar-se semelhante cousa! Quem havia de dizer que eu me dando tanto nesta casa, e ha tantos annos, não havia de casar com D. Fortunatinha?! Isto não se acredita! emfim, diz Senhor'Anna, que é a sorte de cada um! A vontade que está me dando é de gritar na porta da Freguezia, quando elle fôr se casar: "Fóra patife! prometteu casamento a uma moça da cidade". Mas de que serve? é o mesmo que nada: a sucia do Manoel Maria ha de ir tambem assistir, e são capazes de me fazerem alguma desfeita (*colerico*). Ah! (*em outro tom*) eu não é por ter medo delles, mas tenho muito respeito ao Sr. Thomé, que é amigo do tio padre, senão senão outro gallo cantaria.

SCENA XVI.

O PRECEDENTE, E SENHOR'ANNA

SENHOR'ANNA.

Então não foi, *seu* Severo?

SEVERO.

A onde, Senhor'Anna?

SENHOR'ANNA.

Ver o casamento.

SEVERO.

Só se fosse com uma pistola.

SENHOR'ANNA.

Jesus! santo nome de Jesus!.

SEVERO (*colerico*).

Chame antes pelo diabo, Senhor'Anna!

SENHOR'ANNA (*benzendo-se*).

Padre, Filho, Espirito Santo! Vou-me embora, meu filho, vou-me embora.

SEVERO (*mudando de tom*).

Espere, Senhor'Anna: não vá, não: olhe, você não acabou de me contar a historia da caixinha: já agora, tambem não é para mim; mas não faz mal.

SENHOR'ANNA.

Está bom, *seu* Severo; mas é preciso que o Senhor me prometta não dizer tolices.

SEVERO.

Sim, eu prometto: vamos ao final.

SENHOR'ANNA

Mas onde é que tinha ficado?

SEVERO.

Ella tinha rasgado o enxergão, e puchado....

SENHOR'ANNA.

E' verdade; agora me alembro: sim; a comadre se fechou por dentro

SEVERO (*atalhando*)

Já sei isso, já sei; o final é que eu quero.

SENHOR'ANNA.

O' homem, *seu* Severo! assim não pôde se contar.

SEVERO (*á parte*).

Que massada (*alto*). Pois conte, como quizer.

SENHOR'ANNA.

Ora muito que bem ! A comadre se fechou por dentro ; e eu fui muito devagarsinho, e puz-me e espiar no buraco da fechadura.

SEVERO (*impaciente e fallando depressa*).

Sim, já sei ; depois rasgou o enxergão.

SENHOR'ANNA.

Assim me atrapalho toda, *seu* Severo ; indo depressa não posso.

SEVERO (*mordendo os beiços*).

Pois vá de vagar.

SENHOR'ANNA.

Ora muito que bem ! A comadre foi, e metteu-se no quarto sosinha : depois fechou por dentro a porta....

SEVERO (*á parte*).

Empacou na porta ; isto só pelo diabo !

SENHOR'ANNA (*continuando*).

E eu fui muito devagarzinho, e puz-me a espiar no buraco da fechadura.

SEVERO.

Olhe Senhor'Anna, você está tal e qual o meu macho ; parando uma vez n'uma venda, passando vinte vezes no mesmo caminho, ha de parar por força.

SENHOR'ANNA.

Pois é o caso : eu puz-me a espiar no buraco da fechadura, e vi....

SEVERO.

Sim, é isso mesmo que eu quero saber : o que é que vio então, Senhor'Anna ?

SENHOR'ANNA.

Vi ella rasgar com a tezoura o ^{colchão} ~~enxergão~~.

SEVERO.

E' o meu macho, tal e qual !

SENHOR'ANNA.

Depois tirou o capim, e puxou, puxou, puxou.

SEVERO (*á parte*).

Que massada!

SENHOR'ANNA.

Puchou uma caixinha!

SEVERO.

Justamente: ahi é que você ficou inda agora.

SENHOR'ANNA.

Ora muito que bem! Essa caixinha....

SEVERO (*com muito interesse*).

Essa caixinha....

SENHOR'ANNA

E' uma caixinha deste tamanho (*faz a mesma indicação que a primeira vez*).

SEVERO.

E' a manha do meu macho, tal e qual (*Em outro tom*) Mas essa caixinha....

SENHOR'ANNA

Essa caixinha foi do defunto pai de D. Fortunatinha, que Deos tenha em sua Santa Gloria!....Que bom homem que era elle, *seu Severo!*....

SEVERO (*impaciente*).

Já sei, já sei (*como que ferido por uma idéa importante*). Mas, diga-me; lembra-se de que alguma vez elle viesse da roça muito contente, como quem tinha achado alguma cousa?

SENHOR'ANNA.

Sim; uma vez elle veio....

SEVERO (*atalhando, e á parte*).

E' tal qual como eu pensei (*alto*) Então elle veio uma vez muito contente, e....

SENHOR'ANNA:

Veio muito contente....

SEVERO (*atalhando com interesse*).

Muito alegre, e disse....

SENHOR'ANNA.

Muito alegre, e disse: " Comadre *Merenciana*, graças a Deos, que sou feliz "

SEVERO (*á parte*).

Forão os brilhantes! forão os brilhantes! (*alto*) E disse por que é que era feliz, não Senhor'Anna?

SENHOR'ANNA.

Sim; disse que tinha achado....

SEVERO (*interrompendo muito satisfeito*).

Uma mina, não foi?

SENHOR'ANNA.

Isso mesmo, uma mina....

SEVERO (*atalhando*).

Que f'licidade, meu Deos!

SENHOR'ANNA. (*continuando*).

Uma mina de agoa muito boa.

SEVERO (*colerico*).

Ora, Senhor'Anna, com todos os diabos!....

SENHOR'ANNA.

Com Deos, e a Virgem Maria, *seu* Severo!

SEVERO (*colerico*).

A senhora parece que está mangando comigo....

SENHOR'ANNA.

Pois se eu estou lhe contando tudo!....

SEVERO (*colerico*).

Não é isso o que eu quero saber, com mil diabos!

SENHOR'ANNA.

Seu Severo, o Senhor hoje não está bom.

SEVERO (*colerico*).

Senhor'Anna, diga com os mil diabos o que é que

tem essa caixinha. (*Ouvem-se vozes gritando dentro, musica, repiques e foguetes*).

Vozes gritando dentro.

Vivão os noivos! vivão os noivos!

SENHOR'ANNA (*muito alegre*).

Ahi estão elles, ahi estão elles!

SEVERO.

Isto só pelo diabo! e eu sem saber o que tem a caixinha.

SENHOR'ANNA (*alegre, e olhando para dentro*).

Ahi vem elles; vou abraçar a noiva.

SEVERO

Não ha remedio; vou-me esconder. (*Oculata-se atraz de uma porta*).

Scena preparada
for 3 de braços **SCENA XVII.**

SENHOR'ANNA, THOME', E EMERENCIANA *de braço dado*; SIMPLICIO *de braço com* FORTUNATA; *ambos vestidos de noivos, mas sem riqueza*; RIBEIRO; MANOEL MARIA, COSTA, SILVA.

THOME' (*entrando, e ao deixar o braço de Emerenciana*).

Ora estão casados!

MANOEL MARIA (*aos dous companheiros*).

E o Severo logrado.

EMERENCIANA.

Agora quero cumprir a minha palavra.

THOME'.

Apoiado, comadre; deve cumprir a sua palavra (*á parte*). Estou doudo por ver o tal thesouro.

EMERENCIANA.

Um momento só, e eu já volto (*Sahe*).

SIMPLICIO (*baixo a Ribeiro*).

Eu não te dizia?

RIBEIRO (*baixo a Simplicio*).

Até ver não é tarde

THOME' (*a Simplicio*).

Com que, meu afilhado, vai o Senhor ser muito feliz.

SIMPLICIO.

E' verdade, meu padrinho: assim o espero.

THOME' (*á Fortunata*).

E minha afilhada tambem, não é assim?

FORTUNATA.

Oh! eu me julgo a mais feliz possivel! (*revisando os olhos*)

THOME' (*á Ribeiro*).

Uma linda, e virtuosa mulher, (*baixando a voz, e arregalando os olhos*) e um dote....

SIMPLICIO (*baixo a Ribeiro*).

Estás ouvindo?

RIBEIRO (*a Thomé*).

E' uma dupla ventura! (*á parte*). Emfim; póde ser.

EMERENCIANA (*trazendo a caixinha*).

Ora muito bem. (*Movimento geral de curiosidade; Severo põe a cabeça fora da porta espiando*).

SIMPLICIO (*baixo a Ribeiro*).

Inda duvidas?

RIBEIRO (*baixo a Simplicio*).

Sou como S. Thomé: ver para crer (*Senhor' Anna, Manoel Maria, Costa, e Silva formão um grupo que finge conversar baixo durante as fallas antecedentes desta scena, e as seguintes*).

EMERENCIANA (*com ar solemne*).

Agora, meu filho, o que eu desejo é que saibas presar o fructo de tantos trabalhos.

SIMPLICIO.

Oh! minha adorada madrinha!.... (*baixo a Ribeiro*)
Ouviste?

RIBEIRO (*á parte*).

Na verdade.... parece....

EMERENCIANA.

Sei que és um moço de muito juizo, por isso estou muito satisfeita....

THOME' (*atalhando*).

Comadre, o nosso afilhado é um moço de juizo; ha de saber corresponder aos nossos desejos.

SIMPLICIO (*agradecendo*).

Oh! meu respeitavel padrinho! (*baixo a Ribeiro*)
Queres mais claro?

RIBEIRO (*á parte*).

Enganei-me; antes assim.

EMERENCIANA (*abrindo a caixinha : todos com muita curiosidade, e Severo com o pescoço muito estendido vem se approximando sem ser visto pelos que estão em scena*).

Aqui está guardado ha 18 annos o thesouro, que destinei sempre para aquelle que fosse marido de minha neta e afilhada.

SIMPLICIO (*baixo a Ribeiro*).

Então?...

RIBEIRO (*á parte*).

E' positivo: não ha que duvidar.

THOME'

Um thesouro, que meu afilhado saberá empregar como convêm.

SIMPLICIO (*agradecendo*).

Oh! pois não! meu respeitavel padrinho!....

EMERENCIANA (*tirando uma capa de papel que envolve o embrulho contido na caixinha*).

5^a capas
Nunca ninguem teve a dita de saber o que aqui estava: guardei sempre comigo este segredo, e tinha bem escondida esta caixinha. (*Em quanto falla vai tirando capas e capas de papel; e estas vão diminuindo até chegar ao tamanho de um papelinho de agulhas*).

THOME' (*ao tirar a quarta capa*).

embalado
Estava bem encoberto, comadre.

EMERENCIANA (*continuando a tirar as capas*).

Assim era preciso.

MANOEL MARIA (*aos dous companheiros*).

Tem mais cascas que uma cebola!

SIMPLICIO (*à parte*).

Está custando.

EMERENCIANA (*proxima às ultimas capas*).

Está quasi chegando: (*crece em todos a impaciencia*) faltão só tres capas.

THOME' (*para a frente da scena*).

Não posso atinar com o que seja.

RIBEIRO (*para a frente da scena*).

Que diabo será isto?

EMERENCIANA (*chegando ao ultimo papel*).

E' agora: (*todos no maior auge de impaciencia e*

curiosidade) aqui está, aqui está (*mostrando a todos o papelinho fechado*).

THOME'.

Abra, abra, comadre.

EMERENCIANA (*com o papelinho fechado e apresentando-o à Simplicio*).

Ora aqui tem; beije, beije, meu afilhado.

SIMPLICIO (*desconfiado e beijando o papelinho*).

Mas o que é, minha madrinha?

EMERENCIANA (*abrindo o papelinho, e mostrando com satisfação a todos*).

E' o embiguinho de sua mulher! o embiguinho de sua mulher! guardado ha 18 annos!

MANOEL MARIA, COSTA, SILVA, E RIBEIRO (*rindo-se com toda a força*).

Ah! Ah! Ah! (*novamente*) Ah! Ah! Ah!

SEVERO.

Xi!! Xi!! Xi!! (*Fortunata cobre o rosto com o lenço; Simplicio faz a mesma cousa, e bate com uma das mãos repetidas pancadas na cabeça*).

THOME' (*pondo uma enorme luneta, e observando o embigo, que está ainda na mão de Emerenciana*).

E', é mesmo o embigo de minha afilhada!....

SENHOR'ANNA (*vendo tambem o embigo*)

E' elle mesmo! cahiu tres dias depois de nascida!

RIBEIRO (*para a frente da scena*).

Que famosa lição!

SEVERO (*pulanda de contente, colloca-se diante de Simplicio, e dá-lhe dous fortissimos assobios pondo os dedos na bocca*).

Fió!! Fió!!.

(*Cahe o panno*).

FIM DO TOMO PRIMEIRO.

